

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
ESCOLA DE DIREITO, TURISMO E MUSEOLOGIA  
DEPARTAMENTO DE MUSEOLOGIA

**O OLHAR PERPÉTUO DAS TRADIÇÕES:**

o fenômeno das repúblicas federais da Universidade Federal de Ouro Preto na  
perspectiva crítica

Rafaela Bazílio Mariani

OURO PRETO – MG

2021

Rafaela Bazílio Mariani

**O OLHAR PERPÉTUO DAS TRADIÇÕES:**

o fenômeno das repúblicas federais da Universidade Federal de Ouro Preto na  
perspectiva crítica

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em  
Museologia da Escola de Direito, Turismo e  
Museologia da Universidade Federal de Ouro Preto,  
como requisito parcial para obtenção do título de  
Bacharel em Museologia.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Cristina Audebert Ramos  
de Oliveira.

Linha de Pesquisa: Museologia e Patrimônio.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
ESCOLA DE DIREITO, TURISMO E MUSEOLOGIA  
DEPARTAMENTO DE MUSEOLOGIA  
OURO PRETO – MG

2021

## SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

M333o Mariani, Rafaela Bazilio.

O olhar perpétuo das tradições [manuscrito]: o fenómeno das repúblicas federais da Universidade Federal de Ouro Preto na perspectiva crítica. / Rafaela Bazilio Mariani. - 2022.

122 f.: il.: color., gráf., tab..

Orientadora: Profa. Ma. Ana Cristina Audebert Ramos de Oliveira.  
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.  
Escola de Direito, Turismo e Museologia. Graduação em Museologia .

1. Estudantes - Habitações. 2. Museologia. 3. Políticas Públicas. 4.  
Habitações - Repúblicas Federais. 5. Universidade Federal de Ouro Preto.  
I. Oliveira, Ana Cristina Audebert Ramos de. II. Universidade Federal de  
Ouro Preto. III. Título.

CDU 069

Bibliotecário(a) Responsável: Maristela Sanches Lima Mesquita - CRB-1716



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
REITORIA  
ESCOLA DE DIREITO, TURISMO E MUSEOLOGIA  
DEPARTAMENTO DE MUSEOLOGIA



**FOLHA DE APROVAÇÃO**

Rafaela Bazílio Mariani

O olhar perpétuo das tradições: o fenômeno das repúblicas federais da  
Universidade Federal de Ouro Preto na perspectiva crítica

Monografia apresentada ao Curso de Museologia da Universidade Federal  
de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharela em Museologia

Aprovada em 07 de janeiro de 2022

Membros da banca

Doutora - Ana Cristina Audebert Ramos de Oliveira - Orientadora - Universidade Federal de Ouro Preto  
Doutora - Marcia Maria Arcuri Suñer - Universidade Federal de Ouro Preto  
Doutora - Priscilla Arigoni Coelho - Universidade Federal de Ouro Preto

Professora Doutora Ana Cristina Audebert Ramos de Oliveira, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 15/03/2022.



Documento assinado eletronicamente por **Ana Cristina Audebert Ramos de Oliveira, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 08/08/2022, às 14:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0376122** e o código CRC **182C10A7**.

**Referência:** Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.010555/2022-71

SEI nº 0376122

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35400-000  
Telefone: (31)3559-1967 - [www.ufop.br](http://www.ufop.br)

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar gostaria de agradecer e glorificar essa pessoa, pois sem o seu apoio e o suporte durante toda a minha vida eu não chegaria a lugar nenhum e muito menos teria alguma perspectiva de um futuro, portanto, essa homenagem é para a minha mãe e confidente: Anamim Basílio. Graças a ela, finalmente realizei uma parte do meu sonho de me formar para poder dar um futuro melhor para ela, mesmo que eu não tenha escolhido uma área valorizada. Amo você!

Em segundo lugar, desejo agradecer a Lizandra Zucato por sempre me apoiar durante a nossa união por anos, sem ela minha escrita não teria melhorado drasticamente ao aprender a não utilizar gerúndios em textos acadêmicos. Obrigada por tantas revisões, aulas de Português e Redação, por fazer meus dias felizes e calmos quando estou em seu colo.

Agradeço a minha família que se resume a minha vó e meu irmão. Também as minhas amigas que até hoje são uma parte importante de mim, Clara Barcelos, Dayane Silvestre, Laís Sathler, Mayron Alexandre e Paula Ferraz.

Agradeço aos amigos que fiz durante a minha passagem em Mariana e Ouro Preto, especialmente a Amanda Meireles, Bianca Furquini, Cássia Duretti, Marcus Vinícius Valias e Paloma Nascimento.

Agradeço o Departamento de Museologia por proporcionar os conhecimentos que pude adquirir durante a minha formação acadêmica e a minha orientadora Ana Audebert, por ajudar a conduzir o anteprojeto e essa pesquisa mesmo que eu tenha tido tanto receio e de quebra restaurar um pouco da confiança em mim ao pensar que sou capaz e não me autossabotar.

À Universidade Federal de Ouro Preto, à PRACE e ao Governo Brasileiro antes do golpe por terem implementado inúmeras Unidades Acadêmicas Federais e Estaduais gratuitas, sem esse apoio um estudante socioeconômico em vulnerabilidade não sobrevive.

*“Ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver dedico com saudosa lembrança estas memórias póstumas.”* (Machado de Assis – Memórias póstumas de Brás Cubas)

## RESUMO

O presente projeto de Monografia busca analisar a tradição relacionada às repúblicas estudantis federais femininas e masculinas da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), especificamente no Campus Ouro Preto em Minas Gerais. Para tal, abordamos a história da UFOP e das moradias estudantis para a percepção desses espaços habitacionais e suas relações sociais no contexto universitário. O objeto de estudo se amplia ao propor o entendimento das singularidades dos discentes tendo o conceito de memória coletiva como aporte nessa tentativa. Na sequência serão abordados os conceitos de patrimônio e tradição aplicados às moradias estudantis. Com isso, temos a intenção de compreender as identidades e os perfis dos estudantes e sua inserção na comunidade, bem como sua manutenção na Academia a partir dos editais para as moradias estudantis. Essas publicações para a homologação dos estudantes pelo critério socioeconômico são vistas em uma perspectiva ampliada de políticas públicas estudantis. Por fim, a partir de questionários aplicados e tabulados realizados objetivamos trazer um olhar crítico para o tema dessa pesquisa.

**Palavras-chaves:** Moradia Estudantil; Museologia; Políticas Públicas; Repúblicas Federais; Universidade Federal de Ouro Preto.

## ABSTRACT

This Monographic work seeks to analyze the tradition related to female and male student federal republics of the *Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)*, specifically of the *Ouro Preto* Campus in *Minas Gerais*. To this end, we approach the history of *UFOP* and student housing for the perception of these housing spaces and their social relationships in the university context. The object of study is expanded by proposing an understanding of the uniqueness of students, taking the concept of collective memory as a contribution to this attempt. Next, the concepts of heritage and tradition applied to student housing will be discussed. With this, we intend to understand the identities and profiles of students and their community inclusion, as well as their maintenance in the Academia based on public notices for student housing. These publications for the approval of students by socioeconomic criteria are seen in a broader perspective of student public policies. Finally, from questionnaires applied and tabulated, we aim to bring a critical look to the theme of this research.

**Keywords:** Student Housing; Museology; Public Policies; Federal Republics; *Universidade Federal de Ouro Preto*.



## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

**Ilustração 01** – Universidade Federal de Ouro Preto

**Ilustração 02** – Instituto de Ciências Humanas e Sociais

**Ilustração 03** – Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas

**Ilustração 04** – Instituto de Ciências Exatas e Aplicadas

**Ilustração 05** – Apartamentos da UFOP

**Ilustração 06** – Vila Universitária

**Ilustração 07** – Ala das Repúblicas Federais

**Ilustração 08** – Conjunto I

**Ilustração 09** – Conjunto II

## LISTA DE TABELAS

**Tabela 01** – Qual é a sua idade?

**Tabela 02** – Qual a sua identidade de gênero?

**Tabela 03** – Qual sua orientação sexual?

**Tabela 04** – Qual é a etnia que você se identifica?

**Tabela 05** – Qual é a sua Unidade Acadêmica?

**Tabela 06** – Qual o seu grau de formação atualmente?

**Tabela 07** – Você reside na cidade em que está regularmente matriculado?

**Tabela 08** – Qual a sua renda atualmente?

**Tabela 09** – Você possui bolsa socioeconômica?

**Tabela 10** – Se sim, poderia dizer qual categoria?

**Tabela 11** – Você possui outro tipo de bolsa?

**Tabela 12** – Se sim, poderia dizer qual?

**Tabela 13** - Caso tenha afirmado que recebe ambas as bolsas, seja institucional ou permanência, você depende exclusivamente delas para sua sobrevivência?

**Tabela 14** - Você sabia que a Universidade Federal de Ouro Preto possui alojamentos?

**Tabela 15** - Você é morador de alojamento?

**Tabela 16** - Se sim, poderia dizer qual alojamento reside atualmente?

**Tabela 17** - Você é morador de república?

**Tabela 18** - Se sim, poderia dizer se a república é federal ou particular?

**Tabela 19** - O seu círculo social possui amigos que moram em alojamento?

**Tabela 20** - O seu círculo social possui amigos que moram em repúblicas federais ou particulares?

**Tabela 21** - Você já desistiu de residir em alojamento, república federal e/ou particular?

**Tabela 22** - Você já foi ou conhece alguém que tenha sido recusado de residir em república federal ou particular?

**Tabela 23** - Você sabe a diferença entre batalha, escolha e trote?

**Tabela 24** - Você já participou de batalha ou escolha?

**Tabela 25** - Você concorda com esse processo seletivo de batalhas e escolhas?

**Tabela 26** - Você acha importante a hierarquia dentro das moradias estudantis?

**Tabela 27** - Você concorda que tradições em geral podem ser mudadas?

**Tabela 28** - Você já sofreu algum tipo de violência em república federal ou particular?

**Tabela 29** - Você já sofreu assédio em república federal ou particular?

**Tabela 30** - Você já sofreu racismo em república federal ou particular?

**Tabela 31** - Você já sofreu LGBTQIA+fobia em república federal ou particular?

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

**Bl. Aulas:** Bloco de Salas de Aula

**CEAD:** Centro de Ensino a Distância

**CUNI:** Conselho Universitário

**DEGEO:** Departamento de Geologia

**DEMIN:** Departamentos de Minas

**DRI:** Diretoria de Relações Internacionais

**EDTM:** Escola de Direito, Turismo e Museologia

**EF:** Escola de Farmácia

**EM:** Escola de Minas

**EMED:** Escola de Medicina

**EMOP:** Escola de Minas de Ouro Preto

**ENUT:** Escola de Nutrição

**ICEA:** Instituto de Ciências Exatas e Aplicadas

**ICEB:** Instituto de Ciências Exatas e Biológicas

**ICHS:** Instituto de Ciências Humanas e Sociais

**ICSA:** Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas

**IFAC:** Instituto de Filosofia e Artes Cênicas

**Lab. E. de Minas:** Laboratório da Escola de Minas

**LAPAC:** Laboratório Piloto de Análises Clínicas

**NACE:** Núcleo de Assuntos Comunitários e Estudantis

**NUPEB:** Núcleo de Pesquisas em Ciências Biológicas

**PRACE:** Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis

**PROEX:** Pró-Reitoria de Extensão e Cultura

**PROGRAD:** Pró-Reitoria de Graduação

**PROPPI:** Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação

**REUNI:** Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais

**RU:** Restaurante Universitário

**UFOP:** Universidade Federal de Ouro Preto

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>OBJETIVOS</b> .....	17
<b>1. A BREVE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO E DAS MORADIAS ESTUDANTIS</b> .....	18
1.1. Breve história da Escola de Farmácia (EFAR) .....	18
1.2. Breve história da Escola de Minas (EM) .....	20
1.3. Os campus da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) .....	24
1.3.1. O campus em Ouro Preto .....	24
1.3.2. O campus em Mariana .....	26
1.3.3. O campus em João Monlevade .....	28
1.4. Moradias estudantis da Universidade Federal de Ouro Preto: breve histórico e contextualização .....	33
<b>2. O OLHAR PERPÉTUO DAS TRADIÇÕES E SUA INSERÇÃO COMO PATRIMÔNIO: PONDERAÇÕES ACERCA DE MEMÓRIA E CONTEMPORANEIDADE</b> .....	43
<b>3. METODOLOGIA DA PESQUISA E DADOS LEVANTADOS: PERFIL DOS DISCENTES</b> .....	57
3.1 Resultados .....	57
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	87
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	90
<b>APÊNDICE – Roteiro do formulário de pesquisa</b> .....	100
<b>ANEXO</b> .....	108

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como tema central a tradição das repúblicas estudantis federais masculinas e femininas da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) na cidade de Ouro Preto em Minas Gerais. Para a pesquisa de dados foi considerado um recorte cronológico que corresponde aos quatro anos referentes ao meu período da graduação no curso de Bacharelado em Museologia, ou seja, os anos de 2017 a 2021. Ademais, abordamos o contexto histórico das repúblicas estudantis em Ouro Preto afim de compreendermos estes espaços de moradia e socialização em uma duração mais longa.

O interesse pelo tema se manifestou após os contatos, observações e diálogos<sup>1</sup> que debatem as concepções acerca do sistema republicano movimentado por alunos e ex-alunos da Universidade Federal de Ouro Preto e, conseqüentemente, a não compactuação com as atividades cotidianas e abusivas realizadas por algumas dessas repúblicas.

Na presente pesquisa, para uma abordagem crítica das repúblicas estudantis da UFOP, nos interessa discutir questões e conceitos relacionados ao patrimônio, memória individual e coletiva, políticas públicas, identidades, comunidades e os estudantes enquanto sujeitos. A pesquisa se dividiu em três capítulos: A breve história da Universidade Federal de Ouro Preto e o sistema republicano, O olhar perpétuo das tradições e sua inserção como patrimônio: ponderações acerca de memória e contemporaneidade e, por fim a Metodologia da pesquisa e dados levantados: perfil dos discentes.

No primeiro capítulo foi proposta uma breve contextualização histórica da Universidade Federal de Ouro Preto desde a sua institucionalização com a finalidade de compreender como surgiram as repúblicas federais masculinas e femininas ouro-pretanas. Posteriormente, houve a explicação do modo de funcionamento do sistema republicano presente em moradias federais, como as que existem nas alas do Campus Universitário, assim como as do Centro Histórico que são propriedades da Escola de Minas ou dos seus ex-alunos<sup>2</sup>, além daquelas de propriedade da Universidade.

No segundo capítulo são trabalhados os conceitos de tradição e patrimônio ao pensar como referência a historiadora francesa Françoise Choay e o historiador francês Eric J.

---

<sup>1</sup> Tal visão se perpetuou durante minha jornada acadêmica enquanto residente de uma moradia estudantil.

<sup>2</sup> Algumas das residências intituladas “Propriedade da Escola de Minas” são, na verdade, compradas por ex-alunos da Engenharia de Minas e disponibilizadas para os alunos que residem nas repúblicas. A informação pode ser obtida por meio das placas de ferro para a identificação expostas nas fachadas das casas situadas no Centro Histórico de Ouro Preto e por relatos dos moradores e ou pessoas que frequentam o meio social.

Hobsbawm, por meio do livro *A Invenção das Tradições* (2012). Ao partir desses autores, nos interessa indagar: como as tradições são inventadas? E mais, elas podem ser reescritas? Como?

No subcapítulo, é importante levantar as interpretações de memória coletiva, noção cunhada por Maurice Halbwachs, ainda no começo do século XX. Não obstante, essa percepção também foi retomada a partir de autoras e autores contemporâneos, como é o caso de Jo Gôndar em *Cinco proposições sobre memória social* (2016), na qual a autora expande o ponto de vista indicado anteriormente em 2005<sup>3</sup>, sendo eles: o campo da memória social é transdisciplinar, o conceito de memória social é ético e político, a memória implica o esquecimento, a memória não se reduz à identidade e, por fim, a memória não se reduz à representação. Ademais, o sociólogo Michael Pollack estabelece correlações entre a Memória e Identidade Social (1992), com o enfoque em histórias de vida (história oral), portanto, fundamentando uma das peças-chave ao pensar o recorte e metodologia traçados no presente trabalho.

Para o terceiro capítulo foram aplicados questionários estruturados por meio de formulários eletrônicos. Nesse momento, pretendemos obter tabulação de alguns resultados e relatos, de modo anônimo ou assentido pelos entrevistados, para que os dados sejam utilizados na análise como resultado do objeto de estudo. Para considerações finais, Myrian Sepúlveda em *O Pesadelo da Amnésia Coletiva: um estudo sobre os conceitos de memória, tradição e traços do passado* (2006) indaga a interpretação de amnésia ou esquecimento coletivo, o conceito de memória e a tradição sociológica, a construção social da memória e da sociedade pela memória. Além desses citados anteriormente, outros serão abordados, pois são fundamentais para compreendermos como se dá o fenômeno de construção e enquadramento das memórias individuais e sua passagem para memória coletiva. Por fim, ainda nesse subcapítulo, o filósofo Zygmunt Bauman será abordado para explorar as opiniões dos estudantes a partir da sua identidade e cultura na contemporaneidade.

Posta a estrutura que será apresentada no decorrer desse trabalho, vale destacar uma análise da perspectiva econômica na cidade de Ouro Preto que conta com duas categorias de moradias estudantis, sendo elas: gratuitas e federais. A primeira são as chamadas repúblicas federais, na qual o meio de ingresso é pelo processo de batalha. Enquanto que na segunda, classificadas como moradias federais, abarcam os alojamentos e a Vila Universitária, sendo o processo seletivo estabelecido por meio dos editais e avaliações socioeconômicas.

---

<sup>3</sup> “Quatro proposições sobre a memória social” (GONDAR, 2005).

De acordo com a Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis - PRACE, a instituição federal possui capacidade para atender mil e oito residentes apenas no campus de Ouro Preto. Entretanto, a entrada como morador nessas locações nem sempre visa o aspecto social e econômico dos indivíduos. Essas moradias estudantis são frutos do planejamento orçamentário da própria universidade com o apoio do Ministério da Educação, o qual tem o intuito de auxiliar estudantes em situação de vulnerabilidade econômica.

Há um grande número de residentes com boas condições socioeconômicas que usufruem da locação federal não paga e, por outro lado, há indivíduos que desistem da permanência na Universidade por falta de condições financeiras<sup>4</sup>. A fila de quem realmente precisa de assistência é longa e falha em alguns casos. Sendo assim, outros estudantes se submetem ao processo da batalha para conseguirem se manter e concluir o curso superior. Entretanto, a partir de uma visão analítica, as chamadas batalhas podem se manifestar como uma violência contra o corpo e a vivências das pessoas inseridas na comunidade das repúblicas, percepção esta visualizada nos relatos obtidos no Anexo. Portanto, é possível perceber duas violações: aquela que começa com a quebra dos direitos humanos, o qual prevê o direito à moradia digna para todos e a que termina com os meios não-dignos, nos quais os indivíduos são obrigados a pactuar para se tornarem aptos a terem o “direito” de morar.

Enquanto os indivíduos usufruidores das repúblicas possuem inúmeros privilégios, o ingresso para os sujeitos socioeconômicos é falho em diversos casos, além de se tratar de um processo demorado que pode causar a desistência na permanência do curso superior. Vale questionar a maneira elitizada pela qual se dá a entrada dos estudantes às moradias, forma adotada há muitos anos atrás e que perdura até os dias atuais, mas que pode e deve ser mudada.

A universidade gratuita e de qualidade dá a possibilidade à diversos sujeitos, os quais não possuem condições para arcar com os custos dos estudos superiores particulares a oportunidade para continuar os estudos. Entretanto, o acesso à universidade federal não encontra seu ponto final apenas no ato da matrícula.

---

<sup>4</sup> Como residente de uma moradia estudantil e durante o decorrer da graduação, é possível observar a diferença evidente na rua da residência ao notar carros de luxo estacionados em frente das repúblicas da Ala Universitária.



## **OBJETIVOS**

### **Objetivo Geral:**

- Analisar as relações de poder, memória e identidade dos discentes das moradias estudantis da Universidade Federal de Ouro Preto.

### **Objetivos Específicos:**

- Estudar o contexto histórico que constituiu o tradicional sistema republicano hierárquico;
- Analisar o acesso dos indivíduos socioeconômicos às repúblicas federais;
- Realizar questionários aos estudantes e, também, indivíduos que não possuem vínculo com a Universidade por meio virtual através de formulários.

## **Capítulo 1 – A breve história da Universidade Federal de Ouro Preto e das moradias estudantis**

De modo a contextualizar a história da constituição da Universidade serão usados como embasamento as informações dos sites institucionais da mesma, bem como Trabalhos de Conclusão de Cursos e outras tipologias de fontes primárias. Sendo assim, a origem da Universidade Federal de Ouro Preto de acordo com o site institucional ocorreu por intermédio da ligação de duas instituições seculares, sendo elas, a Escola de Farmácia (EFAR) e a Escola de Minas (EM), pelo Decreto-Lei nº 778 (BRASIL, 1969), o qual é datado no dia 21 de agosto de 1969 em que sanciona o exercício da Academia e conseqüentemente suas ações. Para complementar a pesquisa, foi utilizado o produto referente à prática da disciplina curricular de Museografia II em 2019, dos alunos do curso de Bacharelado em Museologia, sob a orientação da professora Priscilla Arigoni Coelho que realizaram a exposição intitulada “É tempo de UFOP: O todo sem as partes não é o todo” que propõe narrar e solenizar a sucessão e o processo de expansão da UFOP, aproveitando que a Universidade fez aniversário de 50 anos de existência no período da realização da Exposição Curricular.

Vale destacar que o conjunto de ambas academias, respectivamente, a EFAR e a EM, prosperaram e até hoje continuam a ser ícones acadêmicos renomados. Atualmente, conhecida como Universidade Federal de Ouro Preto, a instituição encontra-se entre as 30 melhores instituições de ensino superior do território brasileiro, de acordo com o ranking mundial da Times Higher Education (THE) do ano de 2021. Nessa classificação, a UFOP é colocada na faixa 1001+ e está no 28º lugar da lista entre os centros de ensino superior brasileiros.

### **1.1 – Breve história da Escola de Farmácia (EFAR)**

Primeiramente, iniciaremos com a história da Escola de Farmácia a fim de abordar o crescimento contínuo da Universidade. O título de academia brasileira foi requerido devido a inconsistências qualificativas dos ensinos superior e dos profissionais de saúde. Deste modo, o Decreto-Lei nº 140 de 4 de abril de 1839 (MINAS GERAIS, 1839), aprovada pela Assembleia Provincial de Minas Gerais, tornou necessária a criação de duas Escolas de Farmácia, sendo uma na cidade de Ouro Preto e outra em São João Del Rei, ambas em território mineiro segundo o site institucional. Contudo, a instituição são-joanense não recebeu investimentos financeiros suficientes e não prosperou. Enquanto isso, a Academia

ouro-pretana desligou-se da Faculdade de Medicina e tornou-se pioneira no curso de Farmácia da América Latina.

No período oitocentista, os mineiros enfrentaram qualidades precárias de vida e, ainda assim, foram alvos de severos limites impostos pelo próprio Presidente da Província. Uma das medidas era a obrigatoriedade do diploma de Academia Médico Cirúrgica do Império para a atuação no ramo da Farmácia. Além disso, o restrito orçamento comprometia o pagamento de despesas básicas da instituição e dos seus professores, sendo fatores de risco para seu fechamento.

Graças aos atos altruístas de dois professores da Escola de Farmácia, sendo eles, Calixto José Arieira e Manoel José Cabral, a Escola de Farmácia conseguiu permanecer com suas atividades, uma vez que eles ofereceram seus trabalhos sem datas de vencimentos e, além disso, dispuseram seus estabelecimentos para o usufruto das aulas práticas e dos estudantes estagiários de acordo com o site da EFAR. Após a instauração da República, o curso pode contar com recursos primordiais que viabilizaram a ampliação das atividades acadêmicas.

Vale ressaltar que na virada do século a Escola de Farmácia dispunha de cerca de 100 diplomas por ano. A instituição ganhou grande renome e influência por todo território brasileiro e, conseqüentemente, contou com o ingresso de alunos de diversas localidades do Brasil. A antiga capitania de Vila Rica e atual cidade ouro-pretana era e é até hoje um dos principais centros de ensinos superiores do país.

Após a chegada de Wilhelm Swacke, ilustre botânico alemão em 1891, na antiga Vila Rica foi dada a largada para os incentivos às pesquisas na matéria de Botânica Sistemática. Posteriormente, Swacke foi nomeado diretor da instituição e, assim, propagou as visitas técnicas na região mineira a fim de levantar dados da flora para a criação de um Herbário no ano de 1892. Com a ajuda dos colegas que compartilham a mesma formação como Leônidas Botelho Damásio, Jacinto Bruno de Godoy, Francisco de Paula Magalhães Gomes, José Badini e Moacir do Amaral Lisboa, o famoso Herbário cresceu e se uniu com o da Escola de Minas, tendo como produto mais de 32.000 exsiccatas.

Antes de sair de seu funcionamento autônomo em 1968, a Escola de Farmácia foi pertinente em sua qualidade de ensino ao ajudar no surgimento de cursos ligados à área de saúde, como por exemplo o ensino superior da graduação em Medicina na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) no ano de 1911 em Belo Horizonte, poucas horas da cidade de Ouro Preto em Minas Gerais. Além desta citada, os cursos de Odontologia do estado

mineiro, e a de Nutrição e Medicina, de maneira tardia, fizeram parte da trajetória da Escola incorporada à Universidade Federal de Ouro Preto.

É pertinente destacar que após a construção do Campus Universitário, a Escola de Farmácia mudou de localidade e, assim, a antiga sede deu origem ao Museu de Farmácia da UFOP. A instituição museal oferta atualmente a exposição “Ensino e Prática Profissional de Farmácia em Ouro Preto no final do século XIX e início do XX”. O circuito expositivo utiliza acervos originais das antigas farmácias ouro-pretanas ao mostrar uma visão particular da vivência de um farmacêutico com medicamentos por meio da singularidade da formação de ensino superior na área designada. Além do museu, o Laboratório Piloto de Análises Clínicas, conhecido como LAPAC, é destinado aos discentes para projetos de extensão, pesquisas e Estágios Curriculares. O local oferece atendimento à população ouro-pretana pois originou-se devido a uma parceria entre a Prefeitura Municipal de Ouro Preto com a própria Universidade em 1992.

Após essa breve contextualização da criação da Escola de Farmácia, iremos explorar a história do início da Escola de Minas, instituição importante que juntamente com a escola anteriormente abordada colaborou para a criação da Universidade Federal de Ouro Preto.

## 1.2 – Breve história da Escola de Minas

No dia 12 de outubro de 1872, a Escola de Minas foi o ensino superior pioneiro em estudos ligados às áreas de Geologia, Mineralogia e Metalurgia, sendo arquitetada por Dom Pedro II e fundada por Claude Henri Gorceix. Embora a EM tenha sido regulamentada em 06 de novembro de 1875 pelo Decreto-Lei nº6.026, a fundação da Escola só ocorreu três anos depois.

Segundo o site institucional da Escola de Minas (EM), sua história iniciou devido a ideia do Imperador da época em uma excursão realizada na França, na qual em um breve encontro Dom Pedro II orientou a Auguste Daubrée que pesquisasse no território brasileiro quais elementos poderiam ser focos de estudos e, também, quais seriam as melhores abordagens para o desenvolvimento dos levantamentos de bancos de dados e da exploração de minério. Entretanto, Daubrée infelizmente precisou recusar o convite pois o mesmo havia sido nomeado para o cargo de diretoria da Escola de Minas da capital francesa, logo, para dar prosseguimento às ordens do Imperador Dom Pedro II, Claude Henri Gorceix foi o nome escolhido para dar início a famosa “Gloriosa”.

Devido a pesquisa metódica realizada por Gorceix no Brasil, o resultado foi que a cidade de Ouro Preto seria um polo perfeito para a implementação de uma infraestrutura para os estudos em virtude das riquezas minerais do território, local este que faz parte do Quadrilátero Ferrífero<sup>5</sup>.

Para o funcionamento da Escola prosseguir, as aulas aconteciam em horários não convencionais, como por exemplo aos sábados e domingos, com o intuito da precoce formação superior. A Escola de Minas iniciou no antigo Palácio dos Governadores, sediado no Centro Histórico ouro-pretano. Claude Henri Gorceix, além de fundador, foi o primeiro diretor e professor das disciplinas de Mineralogia, Geologia, Física e Química. É de referir que os restos mortais do docente estão até hoje localizados no Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto, apesar do professor ter falecido na França em 1919<sup>6</sup>.

Para o ponto de vista museológico, abordado na breve contextualização do Museu de Farmácia, a antiga Escola de Minas também deu a origem ao Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto, na qual é detentora de 12 setores, sendo eles: História Natural, Mineração, Mineralogia, Física, Metalurgia, Topografia, Desenho, Astronomia, Observatório Astronômico, Eletrotécnica, Siderurgia e a Galeria de Ex-Alunos. Nesses espaços também há inúmeras salas de aulas desativadas, além de áreas administrativas, conta com o Laboratório de Conservação da Museologia, Reservas Técnicas, etc.

Venâncio (2018) contribuiu com sua pesquisa sobre como o gênero é tratado em museus de ciência e como essas instituições podem reestruturar o contexto proveniente das atividades museais, na qual vai das ações educativas até as mediações. O local do objeto de estudo é analisado no Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto, espaço esse que possibilita uma crítica relativa nas representações, problematizações e contribuições das mulheres pela perspectiva da Química da instituição museal.

Em Gênero em museus de ciência: Análise de como a mulher é abordada na exposição de Química do Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto (2018), é pautado questões relacionadas ao gênero, mulheres e feminismo para

---

<sup>5</sup>O Quadrilátero Ferrífero é local situado no centro-sul do estado mineiro pelo motivo da abundância em minério de ferro.

<sup>6</sup> Devido ao Estágio Curricular I realizado pela pesquisadora, essa informação pode ser obtida durante a realização da prática de inventariado no Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto.

posteriormente abordar sobre a denominação de museus de ciência afim de aprofundar no foco da pesquisa. A autora demonstra que aquelas instituições museais que redirecionam para a propagação de cunho científico e da memória são considerados como museus de ciências e, também, há uma parte dessas instituições que fazem parte do meio universitário com o propósito educacional, possibilitando uma mediação direta entre a educação e a pesquisa.

Posto isso, o local analisado enquadra-se como um museu de ciência ligado a uma universidade de ensino superior público e essa justificativa é afirmada ao discorrer que a instituição recebe uma grande proporção de alunos oriundos de escolas de nível fundamental e médio. Sendo assim, o setor de Química do museu analisado permite elucidar a problemática da pesquisa visto que embora o acervo exposto contemple a representação das mulheres pioneiras na área da Química, elas não são destacadas na construção do módulo em sua contextualização. Ademais, a autora complementa que há estudos que investigam esta problemática de gênero e museus de ciência no outro museu universitário da UFOP, sendo o Museu de Farmácia, como esclarece Venâncio (2018, p. 50):

Há questões que poderiam ser abordadas pelo Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto – e também pelo Museu de Farmácia da Universidade Federal de Ouro Preto, como Michelle da Silva indaga em sua monografia -, como por exemplo: Quem eram essas mulheres? Quando essas mulheres começaram a ingressar na Escola? Em que áreas estudaram? Como foi para essas mulheres ingressar em um campo que era majoritariamente ocupado por homens na época? E entre outras demais perguntas que permeiam a Química e a própria Escola de Minas. Nas questões sobre as mulheres que receberam o Nobel de Química, seria pertinente indagar quais foram os percursos e desafios dessas pioneiras?

Posto essas informações, a junção da Escola de Farmácia e da Escola de Minas deu-se pelo Decreto-Lei nº 778 do Governo Federal em 1969 (BRASIL, 1969) para a instituição da Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP. Com o objetivo de ampliar os espaços da Academia, ambas Escolas foram transferidas para o Campus Ouro Preto, localizado no Morro do Cruzeiro, espaço esse que abriga outros institutos da mesma Universidade.

É interessante destacar que segundo a Biblioteca Nacional Digital pertencente ao Rio de Janeiro, houve efetivações de cursos antecedentes a Escola de Minas como a Medicina e o Direito, referentes ao lugar em que a informação foi encontrada. Esse fato desencadeou a adesão dos cursos superiores a criação da Universidade do Rio de Janeiro, classificada como a primeira instituição instaurada no território brasileiro.

Posto isso, com o aparecimento da Escola de Minas em Ouro Preto e a breve história de como ela foi concebida e instalada, é destacado de modo resumido como era o contexto

histórico e político determinado na época do seu surgimento. De acordo com BND Rio de Janeiro (2020):

A iniciativa foi algo visionária: na época a economia cafeeira ditava as regras no país, como continuaria anos depois, sendo as iniciativas voltadas a exploração de outras atividades econômicas, de todo modo, mais do que recomendáveis. Além disso, a Escola de Minas acabou se notabilizando como difusora da prática pedagógica conhecida como “espírito de Gorceix”, que, ao valorizar o trabalho e a pesquisa de campo em oposição à tradição livresca, baseada na memorização de textos, foi vital para a introdução do empirismo na pesquisa científica nacional.

Com a motivação da pesquisa científica, a coleta dos dados empíricos contribuiu para a sua documentação afim de propagar as descobertas realizadas pelas perspectivas aplicadas as disciplinas ofertadas nos cursos superiores ligados a Academia, portanto, surge em 1881 os Annaes da Escola de Minas de Ouro Preto.

Os Annaes ofertavam aos leitores artigos, pesquisas, estudos, experiências e outras atribuições para o enriquecimento do público interessado. Na publicação encontrada pela Biblioteca Nacional Digital do Rio de Janeiro, foi possível observar como este foi estruturado ao conter o título, subtítulo, o lema da Escola<sup>7</sup> e a numeração da sua publicação, sendo a primeira intitulada as “Collecções de memorias e de noticias sobre a Mineralogia, a Geologia e as explorações das minas do Brazil”.

Mesmo com a curta duração dos Annaes da Escola de Minas de Ouro Preto, sucedeu outros meios de propagação de cunhos científicos na contemporaneidade a qual uma delas são as publicações de artigos em periódicos. Em A Escola de Minas de Ouro Preto e as “Seções de Geologia” do Brasil nas Exposições Universais (2006), é relatado exemplos de pesquisas referente a proposta da “Organização, Restauração e Difusão do Acervo Técnico-Científico da UFOP: Novos Elementos para a História da Ciência no Brasil” o qual concretizou devido a restauração de bens culturais científicos oriundos do acervo da própria EM.

Sendo assim, por meio das Exposições Universais que promovia a catalogação das áreas ligadas a Geologia ou Minas e Metalurgia os acervos restaurados, bem como a investigação desencadeou materiais categóricos para o conhecimento acerca da EMOP. As exposições citadas tinham particularidades intrínsecas ao meio “empresarial, científico, político e ideológico, que revelavam, em grande medida, as transformações socioeconômicas oriundas da 2ª Revolução Industrial pelas quais passavam as sociedades no último quartel do século XIX” (SANTOS, COSTA, 2006, p. 02).

---

<sup>7</sup> *Cum mente et malleo*: transliterado do Latim significa “Com a mente e o martelo”.

Atualmente, a Universidade Federal de Ouro Preto oferta cerca de 51 cursos de ensinos superiores, dos quais 47 são presenciais e quatro pelo ensino a distância. Possui também, 24 cursos de mestrados e oito profissionais, além de 15 alternativas para doutorado e 10 especializações. Estima-se que há cerca de 11 mil alunos, 800 técnicos-administrativos e 900 docentes. A Academia conta com três campi no estado de Minas Gerais, sendo eles, respectivamente, o Campus Ouro Preto, o Campus Mariana e o Campus João Monlevade.

### 1.3 O campus da Universidade Federal de Ouro Preto<sup>8</sup>

Até o momento, a Universidade conta com três campus para suas Unidades Acadêmicas, distribuídas no território mineiro nas respectivas cidades de Ouro Preto, Mariana e João Monlevade. O primeiro local abriga dois Restaurantes Universitários, o Instituto de Filosofia e Artes Cênicas, o Laboratório de Técnicas Operatórias e Cirurgia Experimental, o Centro de Saúde/Cirúrgico, a Escola de Direito, Turismo e Museologia em conjunto com o Centro de Educação à Distância, a Escola de Nutrição, a praça de alimentação em conjunto com a Diretoria de Assuntos Internacionais, o ginásio e as quadras cobertas, o Laboratório de Química, o Núcleo de Pesquisas em Ciências Biológicas, o Bloco de Salas, a Escola de Farmácia, a Escola de Minas, a Escola de Medicina, o Centro de Convergência, o Departamento de Geologia, o Departamento de Minas, o Centro de Comunicação/Pró-Reitoria de Extensão, o Instituto de Ciências e Biológicas, o Laboratório da Escola de Minas, o Centro Desportivo da Universidade Federal de Ouro Preto, o Centro de Ciência Animal, a Prefeitura do Campus, a Coordenadoria de Assuntos Patrimoniais e o Almojarifado em conjunto com o Setor de Transporte.

Já na cidade de Mariana possui dois Restaurantes Universitários, o Instituto de Ciências Humanas e Sociais e o Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Por fim, o Instituto Ciências Exatas e Aplicadas, em conjunto com o restaurante universitário, compõe o cenário referente à cidade monlevadense.

#### 1.3.1. O campus de Ouro Preto<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup> Devido as experiências curriculares que foi proposto na Universidade, a pesquisadora pode conhecer todos os campus antes de fundamentar esta pesquisa.

<sup>9</sup> Informações obtidas por meio dos sites institucionais das Unidades Acadêmicas.



O local ouro-pretano possui nove unidades acadêmicas, o primeiro é o Centro de Educação Aberta e a Distância conhecido como CEAD, na qual oferta cursos de modo a distância em graus de graduação, pós-graduação e extensão. A idealização da Unidade deu-se por meio do interesse das outras cidades, logo após o sucesso da parceria firmada pela Prefeitura de Itabirito com a Universidade no ano de 1998, a qual implementou os cursos de Licenciatura em Ciências Biológicas e Matemática de maneira presencial. Devido à grande demanda, a UFOP fechou uma colaboração com a Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT) devido ao parâmetro em Licenciatura Plena na formação profissional de docentes da rede de Ensino Fundamental, concretizadas pelo Ministério da Educação. O CEAD oferece atualmente os seguintes cursos: bacharel em Administração Pública, licenciatura em Geografia, Matemática e Pedagogia.

O segundo polo é a Escola de Direito, Turismo e Museologia (EDTM) sendo uma área destinada às Ciências Sociais Aplicadas com debates intensificados na área de Patrimônio Cultural, logo, a edificação da instituição faz divisa com o CEAD. A terceira instituição obteve sua origem em meados da década de 1920 quando os discentes das Escolas de Farmácia e de Minas começaram a participar das práticas esportivas juntamente com a população. Por isso, após a criação da Associação Desportiva da Escola de Minas (ADEMD) e da Associação Desportiva da Escola de Farmácia (ADEF), a Escola de Educação Física precisou ser estruturada a fim de introduzir o curso de ensino superior.

As Escolas de Farmácia e de Minas são peças fundamentais para a contextualização da Universidade Federal de Ouro Preto e já foram descritas anteriormente, portanto, não serão abordadas neste parágrafo. De acordo com a informação explícita no site da EMED, a Unidade foi idealizada no ano de 2007 para tornar-se a Escola e Medicina, local em que é centro de ensino superior, além de oferecer programas em pós-graduação e Residência Médica em três áreas respectivamente: Clínica Médica, Cirurgia Geral e Medicina de Família e Comunidade.

Após a Escola de Nutrição ser idealizada, a criação dos cursos de Nutrição e de Ciência e Tecnologia de Alimentos serem oferecidos pela UFOP, o programa de pós-graduação começou a ofertar mestrado e doutorado nas áreas ligadas à Nutrição e Saúde.

Segundo o site institucional, a população sempre demonstrou um interesse pela a área das Artes e, devido a esse interesse, foi inaugurado em 1981 o Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, conhecido como IFAC, a qual oferta os cursos de ensino superior de Artes Cênicas, Música e Filosofia. No mesmo campus, um ano depois, foi criado o Instituto de Ciências

Exatas e Biológicas (ICEB)<sup>10</sup>, local esse que serve de base para vários cursos de graduação como a Escola de Minas, Farmácia, Nutrição, Ciências Biológicas, Matemática, Ciência da Computação, Estatística, Física, Química, Química Industrial e Medicina.

Na Ilustração 01 é possível observar uma vista panorâmica da Universidade Federal de Ouro Preto no respectivo Campus Ouro Preto, na qual é contemplado todas as Unidades Acadêmicas descritas anteriormente construídas além dos setores administrativos correspondentes a UFOP e também uma parte pequena relacionada as moradias estudantis, intituladas como Repúblicas Federais da Ala Universitária.

#### **Ilustração 01 – Universidade Federal de Ouro Preto**



**Fonte: Banco de fotos do site institucional da UFOP por Mylena Gonçalves**

#### 1.3.2. O Campus em Mariana

Ademais, no ano de 1979 o Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS) foi criado na Primaz de Minas a fim de ser um polo de discentes dos ensinos superiores para os cursos de Pedagogia, História licenciatura e bacharelado e, por fim Letras nas áreas de Português, Inglês, Estudos Literários e Tradução. No mesmo polo, o Instituto de Ciências Sociais

---

<sup>10</sup> Infelizmente, o site institucional do ICEB ficou fora do ar durante a realização do presente projeto, por isso foram usadas informações dadas por discentes da Unidade Acadêmica citada pelo meio informal.

Aplicadas (ICSA) oferta os seguintes cursos de ensino superior: Jornalismo, Administração, Ciências Econômicas e Serviço Social

Na foto abaixo denominada Ilustração 02 é mostrado a visão da entrada no Instituto de Ciências Humanas e Sociais após a portaria da Unidade Acadêmica. A vista é composta pelo antigo seminário e também a integração da Capela de Nossa Senhora da Boa Morte.

**Ilustração 02 – Instituto de Ciências Humanas e Sociais**



**Fonte: Banco de fotos do site institucional da UFOP por Daniel Tulher**

Por fim, a Ilustração 03 exibirá o Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas localizada na “Rua do Catete” possibilitando um contraste moderno em relação a instituição secular da Universidade que está presente na cidade de Mariana. A imagem é possível observar uma das duas entradas que existem para o Restaurante Universitário assim como para as salas de aulas e Laboratórios de Comunicação.



### Ilustração 03 – Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas



Fonte: Banco de fotos do site institucional da UFOP por Amanda Sereno

#### 1.3.3. O Campus em João Monlevade

Por fim, o último campus localizado na cidade de João Monlevade abriga os cursos de Engenharia de Computação, Engenharia Elétrica, Engenharia de Produção e Sistemas de Informação no Instituto de Ciências Exatas e Aplicadas, conhecido como ICEA.

Após essa breve contextualização dos três campi da Universidade Federal de Ouro Preto em Minas Gerais, assim como os exemplos de cursos de ensino superior ofertados, iremos abordar detalhadamente o que são as moradias estudantis e as repúblicas federais. A UFOP atualmente disponibiliza o benefício de moradia universitária para os discentes, seja de graduação ou pós-graduação, de modo presencial nos campus da cidade de Ouro Preto e Mariana. Contudo, no campus de João Monlevade, infelizmente, essa categoria ainda não é ofertada e para dar amparo aos estudantes do Instituto de Ciências Exatas e Aplicadas é oferecido um auxílio moradia aos indivíduos que estudam presencialmente.

A imagem abaixo mostra o Instituto de Ciências Exatas e Aplicadas no Campus da cidade de João Monlevade, possibilitando uma visão parcial da entrada para o Restaurante Universitário, bem como para as salas de aula.

**Ilustração 04 – Instituto de Ciências Exatas e Aplicadas**



**Fonte: Banco de fotos do site institucional da UFOP por Thiago Barcelos**

É pertinente postular que após essa breve contextualização da Universidade Federal de Ouro Preto e suas Unidades Acadêmicas, um estudo da evolução do ensino superior no Brasil realizado por Junior (2018). De modo sucinto para abordar o tema nesse trabalho, o pesquisador indica em seu projeto a existência de cinco etapas que compõe o cenário brasileiro, sendo elas: o tempo dedicado ao Brasil Colônia de 1549 a 1808; ao Império de 1808 a 1889; a República Velha compreendida em 1889 a 1930; a Era Getúlio Vargas de 1930 a 1945 e, por fim o Estado Militar de 1964 a 1985 de acordo com Milanesi (1998).

O início foi marcado pelos jesuítas em duas divisões, os primeiros habitantes do Brasil Colônia que foram inseridos nos chamados estudos menores, enquanto que a denominação de ensino superior era atrelada a elite e a geração de membros da Igreja. É importante complementar que devido ao afastamento da Companhia de Jesus que promoviam estudos as áreas de Humanas, o ensino passou a colaborar com outra vertente categorizada pelos ideais iluministas, colocando em prática a filosofia empírica.

Devido a introdução da Realeza Colonial no Império foi necessário inserir novas demandas relacionadas a Administração, portanto, a falta de indivíduos qualificados para a execução de tais serviços desencadeou serviços militares e cursos superiores de áreas de

Saúde, Exatas, Humanidade e Cultura. Posteriormente, na Primeira República (conhecida como República Velha) expandiu os cursos superiores, porém na característica de serem pagas as quais implementou provas por conta do alto índice de ingresso. Este fato contribuiu para o surgimento do Departamento Nacional de Ensino.

Na penúltima etapa, foi realizado uma reestruturação no ensino intrínseco a centralização e possibilitando o aumento expansivo das Academias ao notar-se que até então havia somente um no território brasileiro. Por fim, a categoria ligada ao regime das milícias faz-se que haja uma demanda de trabalho possibilitando uma procura nas formações de educadores.

Junior (2018) ainda destaca que houve categorias não abordadas pelos autores em sua pesquisa, mas que são marcadas na história contemporânea, como a primeira fase da Nova República de 1985 a 2013, a segunda fase colaborada pelos ex-presidentes Lula e Dilma na implementação do REUNI e, por fim o atual momento que pressupõe o pós golpe parlamentarista de Dilma Roussef no ano de 2016 e do governo elitista e inimigo da Educação de Jair Bolsonaro.

Com o foco do presente projeto das contribuições realizadas pelo REUNI, o foco das políticas públicas entra em pauta ao pensar em sua expansão. Regido pelo Decreto-Lei nº 6.096 na data de 24 de abril de 2007, regulamentou normativas que complementa o Plano de Desenvolvimento da Educação, na qual visava “criar condições para a ampliação do acesso e permanência na educação superior, no nível de graduação, pelo melhor aproveitamento da estrutura física e de recursos humanos existentes nas universidades federais” (BRASIL, 2007). Segundo Junior (2018, p. 17):

As dimensões do programa abrangem a ampliação da oferta de educação superior pública, a reestruturação acadêmico-curricular; a renovação pedagógica da educação superior; a mobilidade intrainstitucional e interinstitucional; o compromisso social das instituições de ensino e o suporte da pós-graduação ao desenvolvimento e aperfeiçoamento qualitativo dos cursos de graduação, visando absorver a demanda existente no país.

Posto isso, é entendido que o objetivo do REUNI foi de propor que as Universidades conquistassem sua finalidade fundamental, no qual compreende no avanço e multiplicação do ensino superior público. No entanto, mesmo que as universidades tenham sua autonomia na gestão ocorreram modificações nas funcionalidades da mesma, o qual tornou-se necessária mudanças que cumprissem o estipulado pelo programa, bem como os empecilhos que as academias levavam em sua organização educacional.

Junior (2018) complementa a contextualização sobre o ensino educacional no Brasil, bem como as noções atribuídas ao REUNI, o desenvolvimento da Universidade Federal de Ouro Preto na inserção do programa citado. Como toda universidade pública deveria propor um plano de desenvolvimento na estimativa de cinco anos, a UFOP seguiu o modelo o qual foi aprovado pelo CUNI pela Resolução nº584. Sendo assim, a proposta houve orientações de flexibilização, recursos financeiros, políticas de ações afirmativas e de extensão universitária, assistência estudantil e entre outros.

É pertinente salientar que antes de 2010, para um discente ter direito a uma bolsa o mesmo deveria trabalhar em alguma atividade na UFOP para recebe-la. Esta prática mudou devido a oferta do auxílio após a data referida, e com isso surge a nova categoria intitulada Bolsas de Incentivo ao Desenvolvimento Acadêmico para auxiliar os estudantes socioeconômicos. Esta informação torna-se importante pois ela ajudara a compreender o perfil atual dos alunos por meio do formulário que foi aplicado nesta pesquisa e também para o entendimento de como era a oferta e sustentabilidade de um aluno socioeconômico antigamente.

Ao aproveitar o gancho relativo ao REUNI que Junior (2018) traz, Canuto (2019) complementa com sua pesquisa com as noções básica relacionada ao sistema capitalista ao propor a exemplificação de cada palavra-chave relacionada ao tema. De maneira posterior, a autora traz tabulações aplicadas na contrarreforma na educação feita pelo governo do ex presidente Lula, colocando em pauta o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI).

Regulamentada pelo Decreto-Lei 6.096 no dia 24 de abril de 2007 (BRASIL, 2007), o REUNI propôs para as Universidades Públicas uma possibilidade de ampliação do ingresso de discentes no nível superior, bem como a permanência do aluno, além da expansão e condições melhores na infraestrutura dos locais de ensino e entre outros fundamentos. Canuto aponta a coerência do Programa em vigorar os ideais capitalistas pelo ponto de vista dos servidores públicos que trabalham nas instituições públicas e, também, principalmente no que tange aos alunos pois o REUNI age na expansão dos cursos de ensino superior e não para os incentivos as pesquisas e programas de extensões.

Posto isso, é possível interpretar que a permanência na Universidade “tem quem fica a ver navios e tem quem chega longe de jangada”<sup>11</sup>, pois sem as ações que dão continuidade até a formação do discente, como este seria possibilitado de permanecer na instituição pública? O

---

<sup>11</sup> DJONGA. Olho de Tigre. PineappleStormTV/ Brainstormestudio, 2017.



reflexo investido do REUNI de acordo com Leda e Mancebo (2009) utilizados pela autora, foi focalizado em áreas rentáveis para o mundo financeiro, como as que são designadas nos polos que envolve a tecnologia, mineral e afins. Esta análise pode ser percebida no próprio meio universitário da UFOP, enquanto que os alunos matriculados nas áreas ligadas a Gorceix podem usufruir de cursos de línguas estrangeiras, bolsas mérito, cursos de Informática de modo gratuito e entre outros privilégios, o restante dos discentes que optaram por seguir diferentes áreas de conhecimento ficam a encargo somente da Universidade.

A desvalorização é perpetuada por inúmeras vias, no entanto, não há como negar que o REUNI possibilitou a entrada de pessoas socioeconômicas que antes nem sonhavam com a possibilidade de ingressar em um ensino superior. O grande problema foi o déficit dos recursos com constates sucateamento da educação, pois mesmo com o recurso disponibilizado pelo REUNI a demanda para atender a permanência não se extingue no ato da matrícula.

Em Barros (2021), é trabalhada a perspectiva profissional do assistente social enquanto concebem e exerce questões relacionadas as políticas de assistência estudantil da UFOP. Na pesquisa é possível observar tabulações feitas sobre a educação no ensino superior como Junior (2018) as fez e, também, o surgimento da política de assistência estudantil no território brasileiro e quais suas implicações no contexto histórico e político. Sendo assim, Barros (2021, p. 44-45) complementa:

A lógica da educação, sobretudo no Brasil, é historicamente elitista, as pessoas que tinham acesso aos estudos, ainda no regime escravocrata, eram extremamente ricas, buscavam estudar fora do país, fazendo com que a educação se desenvolvesse com muitas limitações e criando um sistema de classes, em razão disso, existiu a necessidade de uma política pública indutora da democratização de vagas e oportunidades, quebrando a lógica do elitismo da educação superior, e isso acontece através de investimentos na redução das desigualdades e na criação de condições para que classes subalternas tenham acesso à oportunidade de acessar o ensino superior, permanecer e se graduar, pois, segundo Felicetti e Morosini (2009, p. 11), “questões como sexo, raça, condições socioeconômicas, idade ou deficiências não podem ser fatores que venham a se tornar obstáculos para o acesso, para a participação, ou para os resultados obtidos no ensino superior”.

Desse modo, é notório observar que as agregações pautadas pelos autores acima implicam na problemática deste trabalho, pois a Universidade Federal de Ouro Preto não consegue amparar todos os discentes socioeconômicos. As análises dos temas de pesquisas relacionados ao curso de Serviço Social permitem enxergar uma ideia que vai além do perfil do aluno, visto que na hipótese da pandemia ocasionada pelo *COVID-19* em que houve uma grande taxa de mortalidade e de desemprego, é permitido entender a realidade do aluno matriculado no curso superior. Vale destacar que atualmente os critérios para ser contemplado



para as bolsas socioeconômicas é trabalhar por um salário mínimo de acordo com a portaria da PRACE 02/2020.

No mais, existem outros trabalhos que contribuem para a relevância do tema de assistência estudantil, porém não serão abordados aqui por conta da variedade de autores já aplicados<sup>12</sup>.

#### 1.4 – Moradias estudantis da Universidade Federal de Ouro Preto: breve histórico e contextualização

Para complementar as informações coletadas sobre as moradias estudantis da Universidade Federal de Ouro Preto, Silva (2021) elucida em parte de sua pesquisa o quais são os direitos sociais do cidadão e da moradia. O autor nos mostra que o atributo está presente no artigo 5º da Constituição da República Federativa do Brasil e também na 26ª Emenda Constitucional. O direito social de um indivíduo está verificado que o mesmo necessita ter acesso aos meios educacionais, aos de saúde, ao emprego, a residência, ao lazer e entre outros fundamentos.

Posto isso, em Mediação como métodos adequado de solução de conflitos nas moradias estudantis da UFOP: um relato de experiência (2021) é mostrado um aprofundamento em relação a disposição de organização, bem como as normativas institucional das tipologias de residência estudantil e como elas são classificadas. Silva explica ao utilizar Wiese e Souza para embasamento teórico, as moradias estudantis pressupõem um local para relações sociais em sua condição de cidadão composta por infraestrutura pública. Contudo, o autor contrapõe que infelizmente a função das moradias distancia da denominação real e aproxima ao de abrigo.

No âmbito da UFOP, independente de sua funcionalidade as moradias asseguram o papel fundamental de viabilização do discente socioeconômico, ao possibilitar uma democratização no acesso ao ensino superior público. Ao mesmo tempo que convivências com pessoas de diferentes culturas possam agregar aos valores do discente, a moradia pode

---

<sup>12</sup> Para um maior aprofundamento dos estudos ligados ao curso de Serviço Social, é indicado a leitura dos seguintes Trabalhos de Conclusão de Curso como A assistência estudantil no ensino superior: uma análise sobre a sua relevância para garantir a permanência dos discentes nas universidades públicas federais (LACERDA, 2019) e os Desafios do plano de assistência estudantil no universo da educação superior dentro da Universidade Federal de Ouro Preto (AYRES, 2017).

mostrar um viés ao deparar com conturbações. Por isso, o seu trabalho é intencionado em diferenciar as tipologias existentes de residência estudantil pela UFOP e sua gestão.

É importante destacar que embora cada moradia possua o seu próprio modelo de gerenciamento, há uma predominância nas que propõe a autogestão assim como aquelas que necessitam dos meios institucionais como os editais para o seu ingresso. Na Universidade, há dois setores que contribuem para os esclarecimentos e institucionalizam, sendo elas a PRACE e o NACE.

No mais, Almeida (2021) soma com as contribuições de Silva (2021) ao tratar sobre o tema ligado a hospitalidade acadêmica, principalmente para aqueles indivíduos inseridos no público LGBTQI+. Em partes da pesquisa da autora, ela mostra como é visto o corpo social pela perspectiva de terceiro e como é possível entendermos este processo. É destacado que um indivíduo pertencente ao grupo que diverge da predominância de identidade de gênero e orientação sexual, passa a ser visto como um estranho fora do ninho e conseqüentemente os fundamentos intrínsecos a hospitalidade são colocados a exposição.

Sendo assim, Almeida propõe um recorte analisando o público LGBTQI+ como discentes da Universidade Federal de Ouro Preto, posto que os alunos usualmente passam boa parte do dia presentes na Academia e este local torna-se um espaço para o social, o acolhimento e a hospitalidade. A heterogeneidade do público estudante agrega uma percepção de diferentes indivíduos e grupos, o qual mostra uma pluralidade de contextos socioculturais e diversificado perante a cada identidade dos perfis universitário. De acordo com Almeida (2021, p. 29-30):

A partir disso, vimos então, que a hospitalidade neste contexto acadêmico é todo o acolhimento e as trocas que os atores sociais ali envolvidos se dão para com o outro. É a abertura incondicional e a preocupação da universidade, no que diz respeito ao acolher subjetivo, na compreensão e na escuta ao outro, na infraestrutura dos seus espaços, tanto para os que já estão pertencidos ali ou não, para os que saem e chegam, para a comunidade local que também faz uso daqueles espaços. A hospitalidade acadêmica sobrepõe toda rotina científica, é mais sobre o afeto e respeito para com o outro do que o ensino teórico.

Sendo assim, as tabulações acerca de hospitalidade, principalmente aquela que é regida pelo Programa Nacional de Assistência Estudantil, contribui para a democratização e permanência dos discentes que estão em busca da formação em um ensino superior. No âmbito da UFOP, a PRACE auxilia para que esses valores sejam colocados em prática e que tenham constantes progressos.

Estima-se que a Universidade tem a capacidade de acolher cerca de 1.332 alunos, os quais são dispostos da seguinte maneira, respectivamente: em Ouro Preto comporta 1008 discentes distribuído em 96 vagas aos Apartamentos da UFOP, 150 vagas para a Vila Universitária e 794 vagas para as Repúblicas Federais de Ouro Preto, já em Mariana a distribuição é ofertada a 84 residentes do Conjunto I e 120 moradores do Conjunto II e, por fim, de acordo com o site da Pró Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis (Prace), o campus de João Monlevade ajuda financeiramente por meio de auxílio moradia cerca de 120 estudantes.

O programa de Moradia Estudantil possui duas modalidades, sendo elas as de critério socioeconômicos – esta que é realizada por meio de editais e opção socioeconômica – e a gestão compartilhadas – esta o ingresso é realizado de modo direto pelos moradores das residências, por meio de processo seletivo conhecido como batalhas.

Inicialmente iremos discutir sobre as moradias e o que contém nelas, sendo a primeira os Apartamentos da UFOP, localizados na Rua Treze nº11 no Campus Universitário. Essa residência é distribuída em dois blocos, sendo eles Verde e Azul, que conta com 12 apartamentos cada divididos em 3 andares e em cada uma das casas possuem dois quartos com um beliche, sala, banheiro, cozinha com geladeira e fogão e a área de serviço<sup>13</sup>. O público alvo para a ocupação das moradias são discentes de graduação e pós-graduação presencial, com a capacidade de 96 moradores, por meio de editais que acontecem semestralmente. Os alojamentos são mistos, ou seja, o ingresso é para todas as identidades de gêneros, contudo, cada apartamento é subdividido em femininos ou masculinos. Um fato importante é que na pandemia o ingresso e o edital de troca de vagas foram suspensos até novembro, devido a propagação do COVID-19<sup>14</sup>. Os alojamentos são regidos pelas Portarias Reitoria 387/2012, 042/2016 e 172/2016.

Na foto abaixo é mostrado a faixa referente a uma das moradias estudantis em que o ingresso é por meio de editais socioeconômico. Os Apartamentos da UFOP é ilustrado pela visão dos fundos do Bloco Verde.

---

<sup>13</sup> Todos os móveis citados a Universidade que distribui para as moradias estudantis cujo o ingresso é socioeconômico, são considerados patrimônios da Coordenadoria de Assuntos Patrimoniais de acordo a prática em que a pesquisadora obteve durante a realização do Estágio Supervisionado I.

<sup>14</sup> Informação obtida por e-mail da PRACE.

**Ilustração 05 – Apartamentos da UFOP**

**Fonte: Site institucional da PRACE**

A Vila Universitária se localiza na Rua Dezesesseis, Vila Itacolomy e possui oito casas, sendo quatro constituídas por 12 quartos duplos, na qual três deles são disponibilizados com acessibilidade e, também, sala de estar, sala de estudos, copa e cozinha, dois banheiros, área de serviço e área coberta. Enquanto isso, o restante das casas é composto por nove quartos duplos, dois depósitos, banheiro, sala de estar, sala de jantar, sala de estudos, cozinha, área de serviço e área externa. Disponibilizando 168 vagas para estudantes de graduação e pós graduação de presencial, o ingresso é por meio de editais, assim como nos Apartamentos da UFOP.

Vale destacar que essa moradia suspendeu o ingresso de novos estudantes desde o início da quarentena, assim como a troca de vagas até novembro de 2021 pela possibilidade da volta presencial das aulas. Ademais, na próxima foto é mostrado como é um exemplo arquitetônico referente as moradias estudantis localizadas na Vila Universitária. É interessante pontuar que ela possui semelhanças na construção ao compararmos as Repúblicas Federais na Ala Universitária e também aos Conjuntos I e II.

**Ilustração 06 – Vila Universitária**

**Fonte: Banco de fotos do site institucional da UFOP por Tuila Dias**

Se por um lado os Apartamentos da UFOP e a Vila Universitária possuem critérios socioeconômicos e o ingresso é por meio de editais, por outro lado as moradias da autogestão, na qual são 59 casas distribuídas entre o campus no bairro Morro do Cruzeiro e nos arredores do Centro Histórico, são de caráter de gestão compartilhada. Os públicos alvos para essas moradias são discentes de graduação e pós-graduação presencial dos campus de Ouro Preto e Mariana, além de indivíduos em situação de mobilidade acadêmica nacional ou internacional. Ela possui o modelo de autogestão, ou seja, cada casa necessita de um regimento interno orientado pelos próprios moradores, e não pela Universidade. Os critérios de seleção, em grande parte dessas casas, são estipulados em até três meses e se constitui por meio das batalhas.

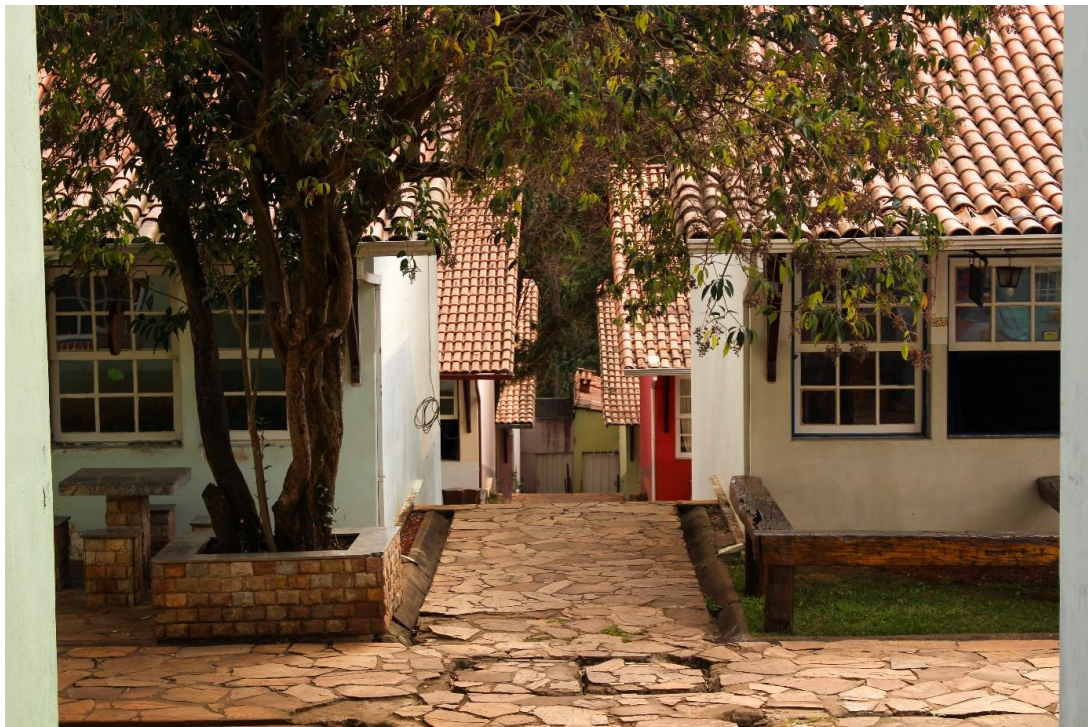
De acordo com o site da Prace, o parâmetro para o ingresso é regido pela Resolução CUNI 1540/2013, no mais, é interessante pontuar que essas moradias são as únicas que estão aceitando ingressos de estudantes durante a pandemia, justamente por não precisarem dos critérios socioeconômicos e dos editais de vagas. As repúblicas federais são: Adegas, Aquarius, Arte & Manha, Bangalo, Bastilha, Baviera, Bem na Boca, Boite Casablanca, Butantan, Canaan, Casanova, Cassino, Castelo dos Nobres, Chega Mais, Cirandinha,



Consulado, Convento, Cosa Nostra, Covil dos Gênios, Doce Mistura, Dos Deuses, Espigão, Gaiola de Ouro, Jardim de Ala, Jardim Zoológico, Koxixo, Lumiar, Maracangalha, Maria Bonita, Marragolo, Mixuruka, Nau sem Rumo, Necrotério, Ninho do Amor, Ovelha Negra, Palmares, Passargada, Patotinha, Penitenciária, Peripatus, Pif-Paf, Poleiro dos Anjos, Pronto Socorro, Pulgatório, Quarto Crescente, Quintandinha, Rebu, Saudade da Mamãe, Senzala, Sinagoga, Tabu, Tanto Faz, Território Xavante, Tigrada, Toka, Unidos Por Acaso, Verdes Mares, Vira Saia e Virada pra Lua.

Por fim, para demonstrar a visualização de como são as propriedades da Universidade será exibido abaixo uma foto referente as Alas das Repúblicas Federais, local este que se encontra 16 moradias no Campus de Ouro Preto.

**Ilustração 07 – Ala das Repúblicas Federais**



**Fonte: Banco de fotos do site institucional da UFOP por Fábio Augusto**

A Resolução CUNI 1540/2013 sancionada no dia 21 de outubro de 2013 aprova o Estatuto das Residências Estudantis de Ouro Preto. Nesse documento é explicado que os locais participam da política de gestão compartilhada, as quais propõem o encorajamento de discentes para permanência na Universidade Federal de Ouro Preto. Além disso, cada indivíduo se responsabiliza por qualquer ato praticado pela ação civil e penal. O Artigo 3º, referente ao capítulo II, discorre sobre os objetivos das moradias, sendo eles a oferta de um

local saudável para que o discente possa se dedicar inteiramente aos estudos, visando um melhor aproveitamento, disponibilizado o auxílio na convivência, o bem estar do estudante e seus atributos a fim de proporcionar um caráter de responsabilidade com o patrimônio no qual reside, além de incentivar o ato de ser solidário e praticar cidadania.

Ainda na mesma Resolução (Resolução CUNI 1540/2013, 2013, p. 09), explicitamente referente ao capítulo IV, o artigo 18º fala dos direitos e deveres como obrigação do morador enquanto condição de estudante:

I - manter conduta respeitosa em relação aos demais moradores e a seus direitos; II - manter conduta compatível com a ética e a dignidade da pessoa humana; III - zelar pela boa convivência com os vizinhos e com a comunidade do bairro em que está inserida a residência estudantil; IV - cumprir as tarefas de manutenção e conservação da residência sob sua responsabilidade, estabelecidas em comum acordo com todos os envolvidos; V - realizar pagamento da contribuição mensal para manutenção da residência, de acordo com o que estabelece o artigo 25 do presente Estatuto; VI - zelar pelo patrimônio da residência estudantil e por sua adequada conservação e manutenção; VII - utilizar o imóvel somente para os fins expressos neste Estatuto; VIII - indenizar danos e prejuízos materiais causados ao próprio prédio residencial, aos móveis e aos utensílios da residência que compõem o patrimônio da UFOP, bem como qualquer dano causado à UFOP em decorrência da utilização do prédio; IX - cumprir e fazer cumprir as normas deste Estatuto e do regimento interno da residência estudantil.

No campus de Mariana, o conjunto de moradias é conhecido como Moitas. O Conjunto I é formado por sete casas no total, referentes aos territórios da UFOP; seis casas dispõem de oito quartos individuais, os quais dois são duplos, dois banheiros, sala, cozinha e área de serviço e, há, também, uma casa que possui 10 quartos individuais e um duplo, dois banheiros, sala, cozinha e área de serviço. O requisito para residir nesses locais é ser estudante de graduação ou pós-graduação presencial dos campus de Ouro Preto e Mariana, além de requerer os critérios socioeconômicos. O alojamento encontra-se na Rua Dom Pedro II, bairro Chácara, bem próximo ao Campus do Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Ela é regida pela Resolução CUNI 1775/2005 e possuem os seguintes nomes: Zona, Sé, B\*, Devassa, Rocinha, Pocilga e Taqueupa.

Localizado em uma região bem próxima do Instituto de Ciências Humanas e Sociais, o Conjunto I é exibido na próxima ilustração em que é mostrado duas moradias estudantis aos fundos da imagem.

**Ilustração 08 – Conjunto I**

**Fonte: Banco de fotos do site institucional da UFOP por Fábio Augusto**

Por fim, ainda no campus de Mariana existem as casas do Catete, as quais designam o Conjunto II, com a capacidade de 120 moradores, elas são compostas por nove quartos duplos, banheiros, sala, cozinha e área de estudos. Ademais, existem na mesma localidade quatro apartamentos que possuem seis quartos duplos, banheiros, sala, cozinha e área de serviço. Ela é regida pela mesma Resolução CUNI 1775/2005 do Conjunto I e está localizada na Rua Taxista Joãozinho Vieira, sem número, bairro Nossa Senhora do Carmo.

Para finalizar as ilustrações de como é constituído os campus da Universidade Federal de Ouro Preto, bem como os alojamentos que a instituição elaborou durante o REUNI, o Conjunto II é exibido ao mostrar uma semelhança com a edificação da Vila Universitária.



### Ilustração 09 – Conjunto II



**Fonte: Banco de fotos do site institucional da UFOP por Thiago Barcelos**

É interessante destacar que, após o detalhamento acerca das moradias estudantis, existem também as chamadas repúblicas particulares nas três cidades citadas<sup>15</sup>. O ingresso nelas é geralmente ocasionado por um acordo entre os moradores de cada casa, algumas contam com o sistema de batalha, normalizada pelo nome de Escolha. As escolhas são trotes mais moderados, em comparação as batalhas das repúblicas federais.

Diante da descrição detalhada em relação às moradias estudantis da Universidade Federal de Ouro Preto é possível afirmar que os processos para ingresso nas repúblicas são diferentes nas cidades de Ouro Preto e Mariana. Ao longo da inserção na Academia como pesquisadora e assim como na observação é nítido apontar que na primeira cidade o olhar perpétuo da tradição ainda é, nos dias atuais, um ponto importante para a propagação dos ideais de processos de batalhas e escolhas, enquanto que na Primaz de Minas, é raro conter alguma república que utilize desse método<sup>16</sup>. É interessante pontuar que sempre houve uma certa rixa dos estudantes universitários entre as cidades, justamente por não compactuar com

<sup>15</sup> Como parte do ciclo de uma graduação, infelizmente não é possível entrar nos alojamentos antes do período inicial acadêmico, com isso, o ingresso de agregados as essas repúblicas são relativas a cada casa.

<sup>16</sup> Há existência de uma república feminina particular que para entrar na casa é submetido ao processo de Escolha e algumas masculinas particulares que adotam ambos processos dito como Batalhas e Escolhas.

esse processo considerado tóxico, embora ainda exista uma pequena parcela condescendente que contraria a estatística dos estudantes de Humanas e Sociais Aplicadas que se demonstraram contrários.

É relevante salientar que nas cidades em que os campus estão instalados há outros meios de hospedar e residir, no entanto Silva (2021) contribui em sua tese que na especificidade do território ouropretano existem locais para alocar indivíduos caracterizados como turistas. Por conta da contextualização histórica, Ouro Preto possui mais destaques acomodar o público referido a visitação, mas que também podem ser uma alternativa de residência para os universitários.

Os meios de hospedagem exemplificados em Turismo e Hospedagem Educacional: estudo do laboratório de hospedagem do curso de Turismo da UFOP (2021), traz uma pluralidade de acomodações dentro da cidade de Ouro Preto na qual possuem diversas variações de pacotes.

Sendo assim, o autor expõe o levantamento elaborado pela Prefeitura Municipal de Ouro Preto por meio da Secretaria de Turismo, Indústria e Comércio de Ouro Preto com a coparticipação da empresa júnior do curso de Turismo da UFOP, conhecida como Completur. Posto isso, os meios habitacionais da cidade referida são hotéis/pousadas, albergues, cama e café, hotel fazenda, spa, motel e flat/apart hotel.

Embora na pesquisa alguns locais não tenham sido inseridos na lista criada pelos órgãos acima citados, há outros meios de hospedagem como as próprias repúblicas estudantis, residências de alugueis por meio de aplicativos e, também a Casa de Hóspedes da Universidade Federal de Ouro Preto. Segundo Silva (2021, p. 37):

A casa consiste em um local para a realização de hospedagens e abrigo de pesquisadores, professores e outros profissionais que estejam em Ouro Preto, realizando atividades que tenham algum tipo de vínculo com a UFOP. Além disso, hospeda refugiados e artistas de quaisquer naturezas caso necessitem e estejam vinculados de alguma forma à UFOP.

A Casa dos Hospedes cujo em 2017 era reconhecida como Residência Funcional, é considerada como bem patrimonial da Universidade e para se hospedar nela é necessário ser compatível com as normas e regimento do próprio local.

## **Capítulo 2 – O olhar perpétuo das tradições e sua inserção como patrimônio: ponderações acerca de memória e contemporaneidade**

A base teórica inicial vai trazer ponderações do continente europeu posto como modelo nas construções das cidades citadas, além de se referirem aos assuntos recorrentes do sistema republicano. A metodologia contou com leitura e fichamento de bibliografia sobre o tema e correlatos, além de questionários dos indivíduos que experienciaram ou foram espectadores das vivências das residências estudantis, afim de dar embasamento dos conceitos em relação aos resultados obtidos pelo formulário de pesquisa. Ao todo foram coletadas 100 pessoas para obter o resultado do questionário eletrônico no qual será apresentado no próximo capítulo.

Ao trazer a memória da historiografia referente a Europa, é possível lembrar sobre as histórias dos gregos responsáveis pelo governo de autarquia republicana. Vale destacar que a Grécia Antiga era caracterizada por se encaixar no termo cidade-Estado, sendo autossuficientes e independentes.

No ponto de vista cultural, a Arte Grega é conhecida pela intelectualidade e pela particularidade antropocêntrica em que o homem era o centro do universo algo que deixou um enorme rastro. Embora cultivam a crença em vários deuses com o politeísmo, os reis gregos não eram considerados como juízes de cunho religioso, e sim pela personalidade articulada a justiça e inteligência para governar o bem-estar de sua população. As especificidades culturais gregas destacaram para a busca constante a perfeição, na qual desencadearam os períodos Arcaico, Clássico e Helenístico<sup>17</sup>.

Após esse marco, o continente europeu foi palco de diversos fatos históricos dentre deles as duas guerras mundiais, visto que a primeira formada pela Tríplice Aliança por Alemanha, Itália e Áustria-Hungria, enquanto que a segunda denominada Tríplice Entente por Reino Unido, França, Rússia e Estados Unidos da América<sup>18</sup>. Já a segunda foi entre os Aliados, grupo formado pelo Reino Unido, França, União Soviética e Estados Unidos da América, contra o Eixo pelos membros da Alemanha, Itália e Japão.

No mais, a constante busca em colonizar os territórios da América e da África complementa aos marcos históricos europeus para entendermos o Brasil colônia e sua relação

---

<sup>17</sup> É interessante pontuar que a Arte Grega possui semelhanças com a Arte Egípcia ao pensarmos no ponto de vista artístico, como a ausência dos movimentos dos corpos. Posteriormente, com a transição dos períodos citados, os membros começaram a ter melhores definições enquanto que o rosto era atrasado na composição da expressão.

<sup>18</sup> Os EUA entraram na primeira guerra mundial após o ano de 1917.

aos meios tradicionais. O achamento do território brasileiro por meio da colonização de Portugal em 1500 pelas grandes navegações, proporcionou séculos de exploração de matérias-primas e minerais, além do processo escravista para enriquecimento do território português.

Posto isso, é possível constatar que as relações de poder observados pelos aspectos governamentais como a autarquia dos gregos, o imperialismo romano, a monarquia inglesa e a colonização portuguesa foram fundamentos intrínsecos para a herança cultural aplicadas ao Brasil e, principalmente ao pensarmos nos modelos republicanos universitários.

Ao levarmos em conta a concepção de patrimônio atribuída em A Alegoria do Patrimônio (2001), é possível compreender a diferenciação entre patrimônio e monumento. Com a etimologia da palavra patrimônio, é informado que seu ponto de início estava correlacionado a condição familiar, financeiro e relativo a justiça na percepção de uma comunidade estabilizada no tempo e espaço. Além disso, o conceito ganha novas delimitações ao predispor pela denominação nômade.

De modo diferente, Françoise exemplifica que o conceito delimitado por patrimônio histórico qualifica como um bem cultural atribuído ao gozo de uma sociedade expandida territorialmente, ao pensar no aglomerado de objetos que rememoram ao passado coletivo (CHOAY, 2001, p. 01). Segundo Choay (2001, p 11):

A transferência semântica sofrida pela palavra revela a opacidade da coisa. O patrimônio histórico e as condutas a ele associadas encontram-se presos em estratos de significados cujas ambiguidades e contradições articulam e desarticulam dois mundos e duas visões de mundo. Culto ao patrimônio merece questionamento, pois revela a condição da sociedade. A obra tratará do patrimônio histórico representado pelas edificações.

Depois de apresentar as pontuações de Françoise por patrimônio histórico, após a metade do século XIX instaura-se a distinção com o termo monumento histórico, visto que o segundo conceito é delimitado pelo acúmulo de bens culturais em relação a constância amplitude do tempo e dos territórios. Ademais, a etimologia da palavra monumento alude a lembrança, por meio da memória ligadas a afetividade. Sendo assim, o monumento histórico é restringido as edificações por meio de uma sociedade afim de atingir a memória dos indivíduos presentes e do futuro como os rituais e doutrinas (CHOAY, 2001, p. 17-18).

Posto isso, a autora explica que o sentido de monumento se perde no tempo e passa a ser ressignificado pela comunidade ocidental. O motivo destaca-se a relação artística pós-renascença atribuída ao belo e pela rememoração (CHOAY, 2001, p. 20).

Ao adicionarmos a visão de patrimônio de Choay ao tema proposto na presente pesquisa, é possível afirmar que as moradias estudantis são caracterizadas como uma tipologia

de patrimônio; ao menos em relação aos alojamentos que são regidos por editais, como é o caso dos Apartamentos da UFOP, da Vila Universitária, dos Conjuntos I e II e aqueles regulamentados pela auto gestão como é o caso das repúblicas federais. Já pela característica de patrimônio histórico, é possível estabelecer uma conexão visto que as residências citadas estão inseridas em palcos históricos, ao exemplificar as cidades de Ouro Preto e Mariana. O fato se comprova por meio do discente morador de alguma das cinco residências citadas tem o dever de zelar e preservar a residência que moram. Ademais, como foi narrado no primeiro capítulo referente a breve história da Universidade Federal de Ouro Preto, tais moradias são dotadas de bens materiais que a UFOP dispõe para os estudantes socioeconômicos, no caso um beliche, como forma de exemplificar, possui um registro como patrimônio de inventariado móvel que é contabilizado pela Coordenadoria de Assuntos Patrimoniais.

No mais, para acrescentar a contextualização de patrimônio, a história da cidade de Ouro Preto e Mariana é relatada por meio de recortes em *Desclassificados do ouro* (1979), de Laura de Mello e Souza, ao trazer o capítulo do “O Falso Fausto”. A autora faz um recorte da sociedade sob o aspecto da riqueza e pobreza ao mostrar pontos de acumulação de “bens”. Em suma, é possível entender que o grande capital se concentrava em pequenos grupos, enquanto isso a população na linha da pobreza não usufruía de poderes econômicos, como exemplo, a autora aponta o “Triunfo Eucarístico”, da Igreja do Rosário para o Pilar, e a festa do “Áureo Trono Episcopal”, situado em Mariana. As comemorações retratadas aqui mostram o período do apogeu e do declínio em relação a exploração do ouro.

Laura de Mello destaca que os fatores da fome, o declínio do ouro e da falsa impressão de que todos os indivíduos estavam no mesmo patamar em relações aos bens valiosos, foram tópicos que afirmavam sua teoria do falso Fausto, o qual mostra de modo bem evidente o domínio dessas poucas famílias que experimentam o luxo em Minas Gerais durante o século XVIII.

O artigo *Algumas perspectivas da historiografia sobre Minas Gerais nos séculos XVIII e XIX* (1998), de Andréa Lisly, discorre sobre o início das primeiras capitânicas do estado em uma perspectiva histórica. A autora explicita sobre as interpretações no que tange o estado mineiro pela visão “externalista”, em *O Prometeu do sertão*, fato que determina como a capitania estaria fadada a exploração das matérias-primas produzidas por si para, assim, serem consumidas por outros, em uma clara visão colonialista. Logo, a extração das riquezas implementava uma submissão dos outros locais para seu fornecimento.

Após os fatores que definiram os principais aspectos da sociedade mineira no século XVIII e XIX, é possível entender que as cidades de Ouro Preto e Mariana são consideradas Centros Históricos. A Estrada Real é um fato que complementa a história das trajetórias importantes a qual levava os metais preciosos até o litoral, em que se estende pelos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, a intenção da rota foi um meio de permear caminhos para a extração do ouro e do diamante.

Vale destacar que na cidade de Ouro Preto existem instituições museais como o Museu da Inconfidência, o Museu Casa dos Contos e o Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas respectivamente. O primeiro, localizado no coração do Centro Histórico ouropretano propõe em seu circuito expositivo mostrar como os indivíduos do século XVIII e XIX em seu meio social e cultural pelo aspecto colonialista. O acervo da instituição possui mobiliária da época como cadeiras, mesas, armamento e indumentária, as pinturas eram criadas por personalidades famosas como o Mestre Athaíde, enquanto as esculturas planejadas por Aleijadinho.

O Museu Casa dos Contos foi local de uma diversidade de desfechos, porém atualmente comporta acervos que contemplam as pesquisas direcionadas ao ciclo do ouro, o Museu da Moeda e do Fisco. Os bens culturais expostos variam de exposições sobre a história do dinheiro brasileiro na qual exibem as moedas de réis até o real, a uma cenografia de uma cela para as vítimas da escravidão catalogada como uma coleção particular e, por fim as galerias<sup>19</sup> que exibem exposições de curta duração. Por último, o Museu de Ciência Técnica da Escola de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto não será desmembrado por haver referências no primeiro capítulo do projeto.

Algumas personalidades também enfatizaram o prosseguimento dos marcos históricos, como é o caso do dentista proclamado a herói na Inconfidência Mineira, conhecido como Tiradentes e o poeta arcádico Tomás António de Gonzaga famoso pelo álter ego Dirceu. Séculos mais tarde, a criação da Universidade Federal de Ouro contribui para acrescentar o olhar patrimonial e tradicional. É perceptível, então, a constante presença das relações de poder dos indivíduos ao pensarmos que sempre houve postos de dominadores aos submissos, sejam elas como plebeus, escravos e colonizados.

O que fica presente são as histórias das batalhas vencedoras como forma de perpetuação da memória, enquanto o lado perdedor desaparece. As relações de poder

---

<sup>19</sup> No ano de 2019, o Festival de Inverno em Ouro Preto, Mariana e João Monlevade cujo o tema foi Diálogos com os Sertões das Gerais: Homenagens às Cavalhadas de Amarantina e aos 50 anos da UFOP, exibiu nas duas galerias do Museu Casa dos Contos obras de artistas plásticos oriundos dos distritos e das cidades de Ouro Preto e Mariana.

transmitidas até os dias de hoje por meio da prática e oralidade são presentes no cotidiano dos discentes de moradias estudantis. Contudo, é de bom tom para os residentes socioeconômicos de moradias que obedecem ao critério financeiro por meio de editais, não haver essas implementações em relação aos alojamentos. Já nas repúblicas federais, a hierarquia é um princípio fundamental para o funcionamento da autogestão, para eles é necessário que siga a ordem crescente de bicho, semi-bicho, decano e ex-aluno.

Na Metodologia da pesquisa e dados levantados: perfil dos discentes, no qual trazemos os resultados gráficos pelo formulário inserido no Apêndice e conseqüentemente os relatos em Anexo no terceiro capítulo, é possível compararmos a relação de estudantes residentes de repúblicas federais e dos alojamentos. Na Tabela 17 é mostrado o índice de 35% de residentes de repúblicas enquanto que na Tabela 15 há somente 10% de moradores dos alojamentos. Sendo assim, a Tabela 15 que propõe questionar a quantidade de moradores de alojamentos estudantis, vemos que há uma resposta predominante e positiva de 25 entrevistados a mais que os alojamentos ao compararmos com a Tabela 17.

Vale destacar que na Tabela 18, o número dominante é em relação aos estudantes de repúblicas particulares, porém as que são categorizadas como federais, ficam com uma diferença de cinco voluntários na pesquisa. Já para a composição dos moradores do alojamento, a maioria pertence aos Apartamentos da UFOP. Ademais, é pertinente apontar que embora a pesquisa contemple as tabulações de quem são os discentes residentes das moradias estudantis no momento em que a pesquisa foi realizada, houve muito casos de pessoas que já foram moradores dos locais citados mas que mudaram, indivíduos que já saíram da Academia pela perspectiva da colação de grau e evasão e, por fim alunos que nunca precisaram recorrer a algumas dessas tipologias de moradia estudantil. Logo, embora o dado “Não se aplica” não tenha relevância quantitativa nessa análise, é necessário apontar os dados que foram coletados.

De modo complementar, a Tabela 23 mostra que existem sujeitos em sua minoria ao questionados da não semelhança entre batalha, escolha e trote. Isso nos mostra que o processo é falho ao pensarmos que para os inseridos e compactuados pelo processo seletivo republicano, pela relação das batalhas e escolhas serem romantizadas ao ponto de serem classificadas como trotes estudantis o que é proibido.

É interessante destacar que houveram perguntas de caráter não obrigatório para que o entrevistado pudesse discorrer sobre sua opinião e para isso, ao analisarmos sobre a pergunta “Independente da resposta anterior, poderia justificar o motivo de concordar ou discordar?”

referente ao processo seletivo intitulado pela comunidade republicana de batalha na perspectiva das repúblicas federais e escolhas pela visão das repúblicas particulares houve uma gama de respostas. O principal argumento utilizado para aqueles entrevistados que concordam com esse processo, acredita que ele irá ajudar o aluno a aprender a conviver com outras pessoas e também a ter responsabilidade, visto que houve uma generalização nos relatos em que esses alunos são considerados adolescentes mesmo que tenham a idade mínima para responder por seus atos.

Posto isso, a batalha iria contribuir em larga escala na realização de tarefas cotidianas e também na sobrevivência do morador calouro ao pensar que este estaria propenso a aprender cozinhar, a limpar a moradia de modo satisfatório, a ter responsabilidades administrativas, econômicas e financeiras, possibilitando um melhor preparo para a “vida real” ocorrida pela saída da casa da família.

Entretanto, na Tabela 25 há uma predominância no ato de não concordar com os processos ditos anteriormente. Isso explica que até mesmo os que estão inseridos nas repúblicas, seja federal ou particular, concordam que não é um processo saudável e eficiente para um melhor preparo da vida acadêmica e social do estudante.

Ademais, nos relatos referentes as seguintes perguntas: “Se sim, você poderia dizer o motivo de ter sido recusado a morar na república?”, “Independente da resposta anterior, poderia justificar o motivo de concordar ou discordar? (Processo seletivo)” e “Se sim, poderia dizer o porquê? (Importância da hierarquia)”, é observado que uma boa parte dos entrevistados afirmam que as ações promovidas pelo processo republicano enquanto “bicho” é uma violência contra o corpo do aluno, principalmente no aspecto mental.

Além disto, pode ser vexatório ao realizar algumas tarefas, um ato criminoso ao pensar no preconceito em relação a identidade de gênero, orientação sexual e de raça e, por fim no abuso de poder pela hierarquia das moradias visto que houve relatos de pessoas que foram obrigadas a ingerir bebidas alcoólicas e participar das “sociais” promovidas entre as casas.

Por conseguinte, a Tabela 26 novamente encarrega de exibir resultados anti hierárquicos de modo que exemplifica que as práticas não necessariamente são coesas e coerentes pelo grau da ordem. Pelo contrário, pode ser o caso de um indivíduo considerado calouro possuir experiências superiores que lhe permitem acomodar no ambiente, além de em alguns casos haver o uso excessivo do poder. Contudo, existem relatos obtidos para esta pesquisa que manter a hierarquia nas moradias estudantis possibilita uma organização ideal para o seu funcionamento.



Para finalizar, a Tabela 27 mostra em uma unificação quase total que as tradições podem ser alteradas e reinventadas. Essa margem, possibilita uma abertura para um debate para os perpetuadores dos sistemas federais e particulares republicanos ao propor a discussão de como poderiam melhora-las para que não continuem com a violência ao corpo, intelectual e emocional dos discentes vexatórias. Outra análise pertinente que poderia implementar seria a realocação das repúblicas federais como espaços com critérios socioeconômicos em que os graduandos contribuem para a preservação e vivência igual aos alojamentos.

De forma complementar, com base em Bauman (2005), abordamos o conceito de identidade na pós modernidade, discussão ligada às perspectivas de subjetividade importantes no escopo da representação e autorrepresentação dos indivíduos e em sua relação com suas comunidades. Por essa razão, a Metodologia de pesquisa foi fundamentada com o intuito de desmembrar o perfil dos discentes e, para uma análise sistemática, em que era necessário entender as identidades e os locais de fala dos indivíduos, tal qual como estavam inseridos em suas bolhas sociais e como elas destoam uma das outras.

Para isso, a confecção da Tabela 01 em que indagava a idade do entrevistado, as Tabelas 02 e 03 que buscava compreender a identidade de gênero e a orientação sexual do voluntário, a resposta da Tabela 04 sobre a etnia dos participantes, o questionamento referente a Unidade Acadêmica na Tabela 05 e o grau de formação da Tabela 06, assim como a Tabela 07 que procuram saber se os discentes estão morando na cidade que estão regulamente matriculados permitiu desvendar sobre a singularidade de cada espectador.

Para uma maior compreensão da bibliografia citada, houveram outras referências estudadas de forma breve como o livro Comunidade (2000) de Zygmunt Bauman, conceito esse utilizado para compreender como será o futuro da sociedade. Logo, foi importante entender como os indivíduos se comportam diante das bolhas sociais em que são espectadores, como foi visto nas Tabelas 19 e 20.

Vale destacar que na especificidade da Tabela 20, o número de pessoas que não possuem amigos socioeconômicos moradores de alojamento é maior que em relação ao círculo de amigos ao comparar como moradores de repúblicas federais ou particulares. Sendo assim, é entendido que os entrevistados são intrínsecos as bolhas sociais das realidades que condizem a cada um, ou seja, um determinado indivíduo socioeconômico residente de alojamento só irá firmar suas relações sociais com quem possui semelhança com o mesmo.

É pertinente ressaltar que as respostas obtidas pelas seguintes tabelas citadas mostra que é possível ver uma segregação embora em minoria pois houve relatos de indivíduos que

afirmaram não querer fazer parte do universo republicano por conta das violências sofridas em sua singularidade como o racismo e também pelos ideais. Faz-se necessário entender o ambiente externo do entrevistado, bem como o seu círculo social pois isso possibilita entendermos o acolhimento que pode existir ao pensar na situação do calouro do ensino superior.

Sendo assim, um aluno em vulnerabilidade econômica residente de uma moradia estudantil regida por editais socioeconômicos e dependente exclusivamente das bolsas permanência, inclusão digital, alimentícia e extensionista, pode encontrar uma facilidade e maior compreensão ao ajudar nas dúvidas recorrentes a avaliação socioeconômica, nas vivências e também no auxílio de requerimento de manutenção dos locais de repouso do discente<sup>20</sup>. Ademais, na Tabela 07 complementa essa característica singular ao perfil do discente ao evidenciar o percentual do local das residências dos entrevistados no momento da pandemia do *COVID-19*.

Por consequência, a Tabela 08 apoiam as noções acerca da renda do discente no que tange o novo obstáculo após a homologação da matrícula em um curso superior, bem como as Tabelas 09 e 10 que busca pesquisar qual a porcentagem dos discentes socioeconômicos e a categoria que se classificam. É importante acrescentar que no ano de 2019 com a falta orçamentaria e boicote a educação, determinou um tempo para somente renovação das bolsas, sem a chance de reavalia-las. Ademais, inseridos em repúblicas federais ou particulares e nos alojamentos socioeconômicos, é possível observar a predominância de alunos que dependem da bolsa permanência para a continuação dos estudos.

No mais, as Tabelas 11 e 12 permitiram aprofundar ao interpretar quem são os alunos que necessitam do apoio exclusivo das bolsas socioeconômicas e de extensão, conforme observado na Tabela 13. No entanto, é de referir que o público que optou por votar na opção “Não se aplica” da Tabela 13 pode ser entendido como os que não são alunos da Universidade Federal de Ouro Preto, aos alunos de pós graduação e outros títulos superiores a graduação e também aos entrevistados que não entenderam a relevância da pergunta ou não quiseram responder. E diante dessa perspectiva, ainda é possível obter resultados sobre os estudantes que infelizmente tiveram que desistir de residir em algumas das moradias estudantis,

---

<sup>20</sup> É possível observar a constante recorrência em grupos da Universidade na plataforma do Facebook ao perguntarem como são as avaliações socioeconômicas e se há alguém que poderia ajudar a entender a burocracia da quantidade de documentos exigidos, tanto pela percepção dos calouros e como dos veteranos. Embora no site da PRACE esteja explicado ou por contato via e-mail, muito das vezes ainda assim não é possível entender seja pela linguagem formal utilizada ou pela complexidade dos documentos.

conforme visto nas Tabelas 21 e 22, o que sugere um menor rendimento do aluno ao pensar nas preocupações básicas como ter o que comer e onde dormir.

Em Tempo e patrimônio (2006), de Françoise Hartog, é entendido como um regime de historicidade. O texto conceitua de maneira inicial o período pós Segunda Guerra Mundial, o qual traz o exemplo da queda do muro de Berlim, a percepção das formas de relacionamento estabelecidas com o tempo e que caracterizaram a modernidade e a percepção observada pelo historiador alemão Reinhart Koselleck.

Para ambos autores, quando o presente deixa de ser um espaço momentâneo de experiências e mostra a própria finalização, essa situação seria reconhecida como um regime de historicidade, conhecido como o presentismo. Esses conceitos como historicidade e presentismo são importantes para entender os processos históricos e assimilação das transformações do tempo. Hartog analisa que o conceito para a compreensão do regime do tempo é o conceito do patrimônio ao tornar uma denominação presente.

Portanto, a correlação dos processos históricos com as transformações do tempo permite englobar ressignificação de memória, termo fundamental para o desdobramento da pesquisa. De acordo com Hartog (2006, p. 04):

“Regime de historicidade”, escrevíamos então, podia se compreender de duas formas. Em uma acepção restrita, é como uma sociedade trata seu passado. Em uma acepção ampla, regime de historicidade serviria para designar “a modalidade de consciência de si de uma comunidade humana”. Como, para retomar os termos de Lévi Strauss, ela “reage” a um “grau de historicidade” idêntico para todas as sociedades. Mais precisamente, a noção devia poder fornecer um instrumento para comparar tipos de histórias diferentes, mas também e mesmo antes, eu acrescentaria agora, para iluminar modos de relação ao tempo: formas da experiência do tempo, aqui e lá, hoje e ontem.

Posto essas ponderações acerca de patrimônio e a breve contextualização sobre as cidades de Ouro Preto e Mariana, situadas em Minas Gerais, nas quais foram palcos de diversos marcos como a Inconfidência Mineira, a corrida do ouro, a Revolta de Felipe dos Santos e afins, é possível observar uma linha tênue entre os eventos e as pessoas situadas nela, com aspectos colonizador e tradicional que espelham a sociedade contemporânea.

Vale destacar que esses acontecimentos, assim como em sua grande maioria, são narrados seja pela visão do opressor, colono, dominador e/ou monarca. Há uma tradição a ser seguida, como vemos no Museu da Inconfidência, situado em um palco central histórico ouropretano cujo objetivo é narrar uma história gloriosa dos reis e os seus impérios. O oprimido é destinado ao mero aspecto escravista e a vivência indígena fica a ver navios. Outro exemplo da história dos vencedores vemos no circuito expositivo no Museu da Casa dos

Contos, aquela que vendem a ideia de existir uma senzala em sua sede, entretanto, verificamos que esta ideia é errônea, mas, ainda sim, vendida à comunidade. O pensamento tradicional é presente e difícil de ser modificado.

No entanto, se pensarmos na dificuldade em reescrever os meios tradicionais, independente da sociedade na contemporaneidade, de modo utópico ou não, será possível indagar como seria para adaptar essa noção tradicional. O questionamento impõe os indivíduos que perpetuam o conceito de tradição na categoria social, cultural, antropológico e afins, estariam contribuindo para a reprodução do legado.

Dessa forma, a crítica a herança que o indivíduo consiste apresentar é movida por ou a oralidade e contribuição de agentes externos e/ou internos, ou pela própria vivência e no aprecio da mesma. Até o momento, é interessante pensar se os sujeitos atingem o pensamento crítico, a ressignificação das informações e a sua essência. O termo da amnésia, designado para contrapor o esquecimento coletivo afirma, como esclarece Sepúlveda (2003, p. 123):

Lembranças do passado, neste contexto, se transformam em versões oficiais totalitárias ou manipulativas da história. O mundo da amnésia coletiva é o mundo onde a competitividade, racionalidade e informatização substituem sentimentos, práticas coletivas e vínculos interpessoais presentes em antigas comunidades. Homens e mulheres, portanto, desprovidos de conhecimento e experiências do passado, se tornam incapazes de sentir, julgar e defender seus direitos. Nestas condições, seja tradição, memória ou traços do passado, estes são aspectos, que, de uma maneira ou de outra, representam uma defesa decisiva da humanidade na sua luta por autodeterminação e liberdade.

Em *O pesadelo da amnésia colectiva: um estudo sobre os conceitos de memória, tradição e traços do passado* (2013), é contraposto o conceito relacionado ao esquecimento coletivo, no qual interpreta que essa construção faz parte da característica social do sujeito, visto que podemos ter a capacidade lembrar ou deixar ao esquecimento. Ademais, tanto na perspectiva ligadas aos fundamentos coletivos e no critério social, são fatores que promovem o instinto de sobrevivência do indivíduo.

Para Sepúlveda, a era contemporânea no aspecto da memória é atrelada as comunidades remoradas, na qual promovia a assimilação da sociedade, principalmente no que tange a minoria. Contudo, haviam indivíduos que praticavam o processo de constituição social para dar destaque os critérios de valor e do ajuste coletivo.

Posteriormente, a autora propõe detalhadamente sobre a construção social da memória atribuindo as ponderações de Halbwachs e Neisser, enquanto que na característica de aspecto de conhecimento pelas postulações de Marcuse, Foucault e Benjamin (SEPÚLVEDA, 2003, p. 129).

Em *Memória e Poder: dois movimentos* (2000), os autores trazem percepções que complementam a ideia de esquecimento coletivo, cunhada por Myrian, ao reafirmar que se um indivíduo não sair de sua bolha e entender que há sujeitos inseridos em diferentes ambientes socioculturais, teríamos como consequência a não compreensão e a falta do sentimento empático. Diante disso, o homem ao praticar o ato de amnésia coletiva em plena consciência de reverberar sua própria história, provoca a extinção da história do outro, em um jogo discursivo de realidade controversa.

De acordo com Chagas, a relação existente entre memória e o termo de esquecimento coletivo alimenta o debate em questionar a romantização retrógrada de aceitar os padrões antigos impostos na sociedade contemporânea. O autor comprova que uma das formas de compactuar com a ideia de valorização do que o indivíduo deseja e, em contrapartida, deixar de lado as dores de outros e jogá-las ao esquecimento, é a forma pura de poder (CHAGAS e SEPÚLVEDA, 2002, p. 36).

Posto isso, é interessante trazer os resultados obtidos na Tabela 28 ao questionar sobre a relação da tipologia de violência vivenciadas ou não nas repúblicas federais e particulares, bem como os relatos acrescentados no Anexo. Ao pensarmos no contexto estudantil corrido com prazos apertados e saúde mental a desejar, acaba que os discentes mal se dão conta que foram vítimas. Essa relação pode complementar as Tabelas 29, 30 e 31, na qual pesquisa sobre o número de assédios, racismos e LGBTQIA+fobia vivenciadas pelos estudantes respectivamente.

A Tabela 29 é uma forma explícita da aceitação das condições condicionadas as mulheres em relação ao assédio. No Brasil, uma a cada seis horas e meia é vítima de feminicídio de acordo com o site do Correio Braziliense, é normalizado os assobios, beijos a força, o sexo sem o consentimento de modo geral. No entanto, embora essa consciência seja contraditória aos resultados obtidos e na particularidade de pesquisadora, é nítido como a autodefesa e a força de vontade em ignorar o ambiente machista a fora intensifica cada vez mais essa normalização.

É importante destacar que existem outras formas que caracterizam o assédio, posto isso, existem: o moral interpessoal cujo o objetivo é lesar o colega de trabalho ao ser um alvo específico; o moral institucional cujo é exemplificado quando uma instituição “passa pano” para os praticantes do assédio, ou seja, ela tolera e não faz nada a respeito; o sexual em que há situações com teor sexual e hostil, o físico em que o abusador viola o corpo ou encosta sem o consentimento da vítima e entre outros.

A Festa 21 de abril e a 12 de outubro, datas as quais são comemorativas no meio republicano federal como aniversários de existências dessas moradias perpetuam até hoje com esse olhar. Urge salientar que quando a mulher não paga pelo produto, significa que a mesma é categorizada como o produto. Esse ponto de vista foi possível observar durante a graduação ao notar que independente da mulher ser de repúblicas ou não, ela terá o livre acesso as essas festas particulares. Contudo, essa relação não é aplicada aos homens, pois esses sem qualquer grau de identificação é barrado na portaria. Vale apontar que ainda no ponto de vista da mulher, é propício ter os copos de bebidas batizados afim de repercutir em uma violência com os corpos.

No mais, conforme pode ser observado as respostas no anexo obtidas pelo formulário de pesquisa, há uma grande incidência de casos de LGBTQIA+fobia nos relatos, visão que não é tão explícita na Tabela 31.

Por isso, é inteligível traçar o porquê do sistema tradicional e arcaico da alta gestão das moradias federais, caracterizadas pelas repúblicas federais, é perpetuado. O indivíduo quando detém o poder compromete em se mostrar como realmente é. O conceito da Pedagogia do Oprimido (1968), de Paulo Freire, explicita que o sonho do oprimido é ser o opressor. Todos os indivíduos que já passaram pelo processo seletivo, intitulado como batalha, vai em algum momento de sua jornada acadêmica refazer ou até induzir com toques cruéis as experiências que um dia passou, as quais foram inseridas através de sua memória individual. O poder constrói nossas memórias individuais e coletivas, assim como a perda delas promovidas por violências e gatilhos. Segundo, Chagas (2002, p.36-37):

Reconhecer que existem relações entre o poder e a memória implica em politizar as lembranças e os esquecimentos. A memória - voluntária ou involuntária, individual ou coletiva - é, como se sabe, sempre seletiva. O seu caráter seletivo deveria ser suficiente para indicar as suas articulações com os dispositivos de poder. São essas articulações e a forma como elas atravessam e utilizam determinadas sobrevivências, representações ou reconstruções do passado no presente que pretendemos estudar, partindo do princípio de que nenhuma forma de relação com o passado é, em si mesma (Santos, 1993: p.83), emancipadora ou coercitiva.

Ademais, para contribuir com o desmembramento acerca das memórias individuais e coletivas, peças principais para a interpretação do indivíduo, o criador do conceito estabelece que o ato de reconstruir a memória não opera sem a recordação e a localização da reminiscência. Portanto, o aspecto individual da memória não é singular, pois ela está correlacionada à comunidade, no entanto, a coletividade pode caminhar sem a inserção da memória individual (HALBWACHS, 1950).

Em A memória coletiva (1950), é possível sintetizar que o conceito da memória coletiva passa por uma reconstrução distribuída em duas vertentes, a primeira explícita que não é caracterizada pelo aspecto linear da trajetória, enquanto que a segunda propõe que a memória pode ser diferenciada na narrativa de diferentes comunidades intrínsecas em suas relações sociais. Assim sendo, as lembranças de uma sociedade precisam ser movidas por afeto, na qual resulta na realidade atribuída ao meio social, ou seja, qualquer memória que tenhamos na característica individual, será reavaliada. Nessa ótica, o indivíduo participa de dois tipos de memória, a individual e a coletiva.

Em complementação a Halbwachs (1990), com seu conceito oriundo do século XX, Pollak (1992) propõe entender a conexão entre memória e identidade social privilegiando a oralidade dos sujeitos. Para o autor, a memória necessariamente urge estar conectada ao ato coletivo e inserido socialmente para ser propenso às mudanças, mesmo que seja um fenômeno íntimo e individual. No entanto, é necessário levar em consideração que a memória pode ser alvo de mudanças, independente dos cenários e ações externas e/ou internas. Essa última análise deve-se a característica composta por narrativas pessoais. Em suma, a memória nada mais é que uma concepção conectada a identidade do sujeito, seja em seu caráter coletivo ou individual.

A prática da oralidade contraposta por Pollack possibilitou coletar diversos relatos das memórias dos estudantes entrevistados. Segundo Pollack (1992, p.02):

Quais são, portanto, os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva? Em primeiro lugar, são os *acontecimentos* vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não.

Posto isso, com uma concepção mais contemporânea, Pollack contribui para o entendimento da memória coletiva das repúblicas federais, visto que o autor traz o argumento de que há histórias que ficam para o esquecimento, de modo seletivo (POLLACK, 1992, p. 04). De modo complementar, a oralidade presente nos universitários implica em uma falsa ancestralidade ao pensar na recorrência dos indivíduos inseridos no meio republicano.

Para Gondar, a memória pode ser inserida em diversas fases do tempo, seja do passado ao futuro. Logo, o amadurecimento da comunidade é acompanhado pela memória e está adepta às mudanças, embora não perca a sua capacidade de armazenar informações.

A autora explica que o conceito memorial não se delimita a simbolização, mas também a não representação ao pensarmos em como nos socializamos por meio das sensações (GONDAR, 2005, p. 36).

A autora ao falar sobre a primeira proposição, explica que possui mais de um significado e por isso é considerada transdisciplinar, ao estruturar os caminhos opostos dos significados e dos signos. Para a continuação, a segunda proposição aborda a memória social como ética e política, ou seja, em um problema hipotético exemplifica que nós somos responsáveis pelos nossos atos por conta das significações não semelhantes inseridas na vivência dos sujeitos. Logo, é perceptível as lembranças no aspecto individual necessariamente implicarão em um julgamento parcial, visto que a memória é atrelada pela afetividade e emoções.

Em sequência, a terceira proposição implica nas conexões possíveis entre lembrança e o esquecimento, posto isso, Gondar exemplifica com as noções gregas antigas ao pensar que o lado vitorioso sempre será lembrado, enquanto o outro é banalizado ao oblívio. A atribuição do esquecimento culmina com os fundamentos contemporâneos da amnésia coletiva cunhada por Myrian.

A quarta proposição que expõe a memória não transpõe à identidade, traz ponderações de Pollack em uma característica contemporânea ao pensar que o esquecimento contrapõe as identidades dos sujeitos. Essa impõe as percepções do indivíduo ao seu reflexo e na sua singularidade conforme vai se construindo, entretanto, é mostrado pelo senso comum que essa visão não necessariamente é real para a pessoa.

Por fim, a quinta proposição em que explica que a memória não implica à representação, complementa o que foi dito na última oração do parágrafo acima. A característica representativa é intrínseca ao pensamento de memória coletiva, posto isso, a autora finda com os aspectos sociológicos de Durkheim ao relacionar “uma analogia entre a esfera da memória e da representação coletiva” (GONDAR, 2005, p. 36).



## **Capítulo 3 – Metodologia da pesquisa e dados levantados: perfil dos discentes**

O presente projeto foi realizado por meio de pesquisa bibliográfica referente às noções e conceitos expressos na fundamentação teórica, bem como questionários por meio de formulários no âmbito virtual. Posto isso, por se tratar de um estudo de caso, Mirian Goldenberg em *A arte de pesquisar* (2004) foi peça importante para o aprofundado de um cenário ou contexto individual, na qual busca esclarecer sua atividade, ou seja, pesquisar a singularidade de uma determinada pesquisa.

O objetivo dirigiu em coletar cerca de 100 formulários preenchidos por discentes regularmente matriculados nas categorias de graduação, pós-graduação, mestrado e doutorado além de indivíduos que saíram da Universidade. O entrevistado, antes concordar com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido é informado em uma breve apresentação ao dizer qual é o nome da pesquisadora e sob qual orientação ela está, o título da pesquisa, qual é o seu objetivo, qual data estará disponível, quanto tempo em média é utilizado para responde-lo e, por fim a segurança de que todas as informações que forem fornecidas estarão mantidas em sigilo.

Como a Metodologia trata-se de um formulário de pesquisa, o modelo está realocado ao final como Apêndice, bem como os relatos obtidos por perguntas não obrigatórias aos entrevistados constando no Anexo. Para sua estruturação foi realizado um mapa mental afim de compreender e elaborar quais áreas e temas seriam cruciais para sua concepção, e como resultado obteve cinco articulações: o perfil do discente, as políticas públicas, a moradia, a memória e o patrimônio.

O primeiro tópico propôs coletar dados básicos do perfil do entrevistado como o nome do discente, a idade, a identidade de gênero, a orientação sexual e etnia, enquanto que no segundo tópico como uma continuidade do perfil do aluno, foi questionado a renda e se possui bolsas socioeconômicas e extensionistas. O tema destinado a moradia em complementação ao das políticas públicas, abordou ponderações acerca das moradias estudantis e o sistema republicano. Já os temas restantes irão compor relatos e perspectivas dos discentes o qual está em Anexo, para cada pergunta foi elaborado uma tabela em que dispõe o nome dos entrevistados modificados por números afim de preservar a identidades dos voluntários.

### 3.1 Resultado

Ao levar em conta as informações sobre a Metodologia de Pesquisa e os dados levantados sobre o perfil do discente, esse tópico resultou na análise dos dados do panorama estatístico e gráfico obtidas por meio do formulário, esboçado para o objeto de estudo. É importante salientar que todos os participantes concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O primeiro tópico foi desenvolvido a fim de investigar o perfil do entrevistado, portanto, informações como o e-mail, o nome, a faixa etária, a identidade de gênero, a orientação sexual, a etnia, a Unidade Acadêmica, o grau de formação atual e para casos dos discentes, se estão atualmente morando na cidade em que estão regularmente matriculados. Dessa maneira, Goldenberg (2004) após contextualizar o critério positivista e o método qualitativo de modo histórico nos temas ligados as Ciências Sociais expõe as variantes em que uma pesquisa qualitativa pode propor ao apresentar componentes teóricos e práticos para a construção da pesquisa científica. Na primeira análise da pesquisa, foi desenvolvida tabelas para que os resultados obtidos apareçam de modo claro e objetivo para compor a perspectiva crítica presente no tema.

**Tabela 01: Qual é a sua idade?**

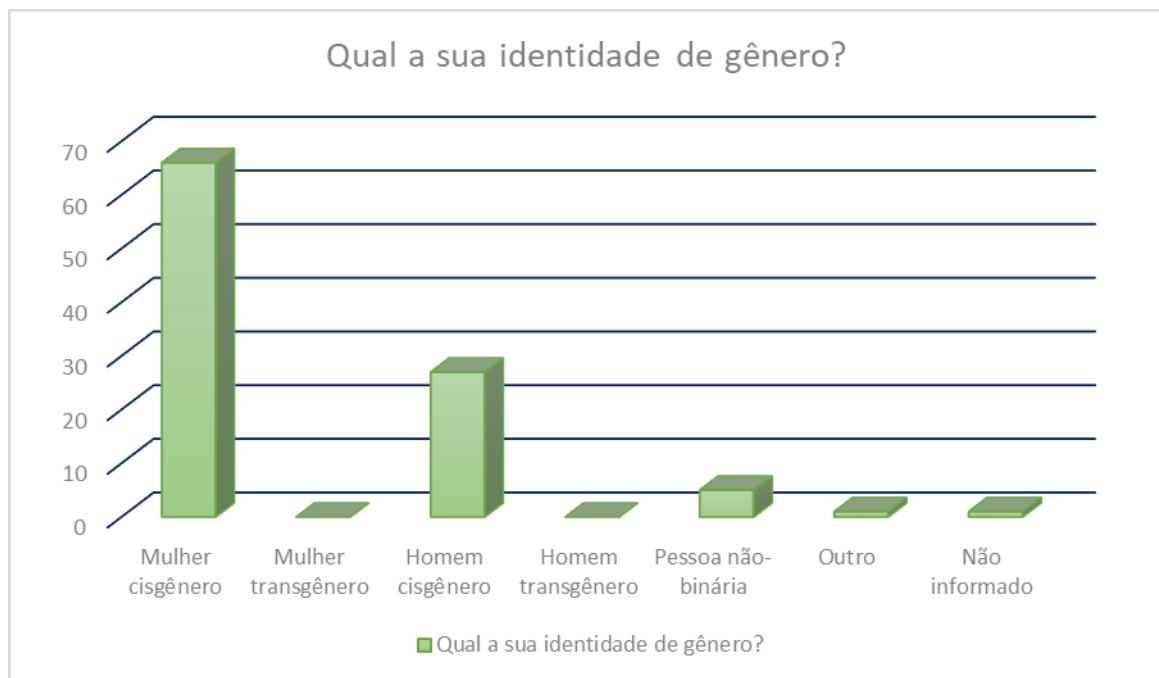


**Fonte: elaboração própria**

Ao analisarmos a Tabela 01, é possível observar a enumeração dos entrevistados em relação a idade que possuem. Posto isso, vale destacar que a maior incidência de faixa etária foi de 21 anos a 25 anos, enquanto que o menor índice foi para as idades de 31 anos a 63 anos. Ademais, os indivíduos que não informaram foi porque escreveram nome de cidades ao invés dos números correspondente aos anos.

Assim sendo, de modo crescente em relação as idades, os voluntários foram interrogados e resultou na seguinte porcentagem respectivamente: quatro por cento de alunos com 19 anos, quatro por cento com 20 anos, 10% com 21 anos, 15% com 22 anos, 20% com 23 anos, 10% com 24 anos, 10% com 25 anos, cinco por cento com 26 anos, cinco por cento com 27 anos, quatro por cento com 28 anos, um por cento com 29 anos, quatro por cento com 30 anos, um por cento com 31 anos, um por cento com 39 anos, um por cento com 48 anos, um por cento com 59 anos, um por cento com 63 anos e, por fim três por cento dos entrevistados preferiram não informar a idade para a entrevista.

**Tabela 02: Qual a sua identidade de gênero?**



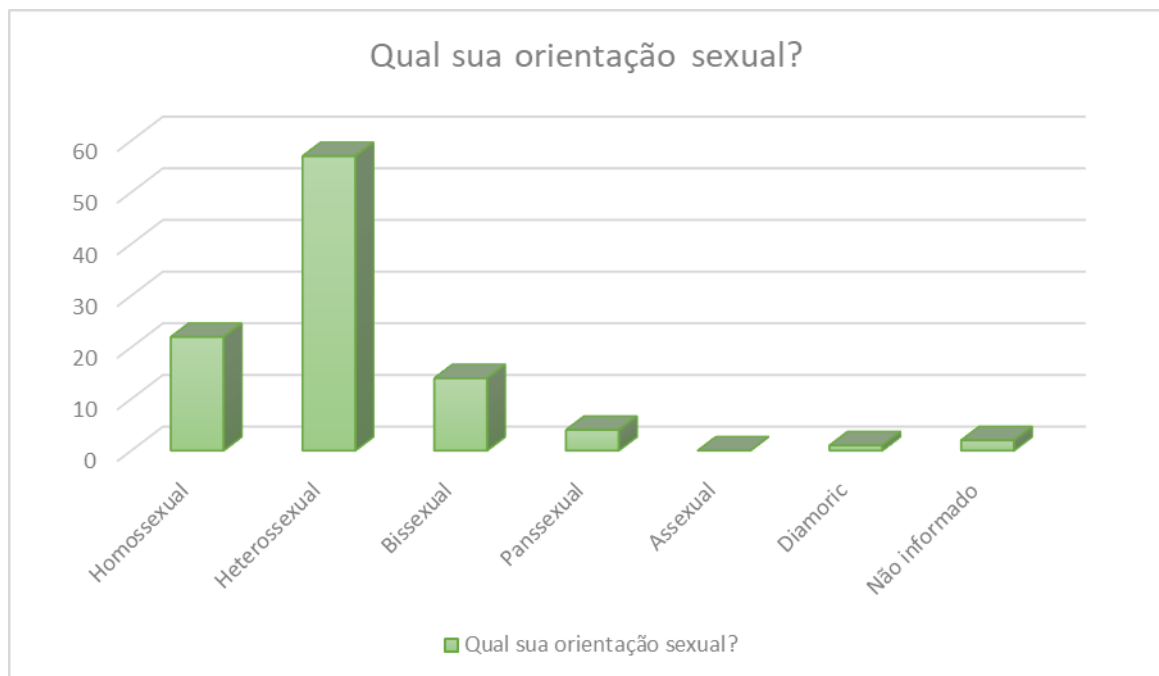
**Fonte: elaboração própria**

No momento, a Tabela 02 refere-se à identidade de gênero dos participantes na qual a predominância de mulheres cisgêneros foi de 66% entrevistadas, enquanto que o número de entrevistados identificados como homens cisgêneros foi de 27%. Vale destacar que infelizmente não houve coleta de pessoas transgêneros e com isso é necessário indagar o

motivo da ausência desses indivíduos. Ademais, houve coleta de cinco sujeitos não-binários e um para a opção de outro na qual o participante preferiu não se identificar.

É interessante pontuar que a pessoa que não foi informada no formulário colocou a opção de outro, porém ao exemplificar o participante colocou como mulher, logo, não há como saber se o indivíduo não sabia sobre as questões relacionadas a identidade de gênero, se a resposta foi movida pelo preconceito ou apenas não se atentou as opções. Posto isso, é necessário salientar que a identidade de gênero é o modo de como um sujeito se identifica com o seu gênero, ou seja, essa intitulação é como a pessoa se sente, se enxerga e como ela deseja ser reconhecida pela comunidade.

**Tabela 03: Qual sua orientação sexual?**



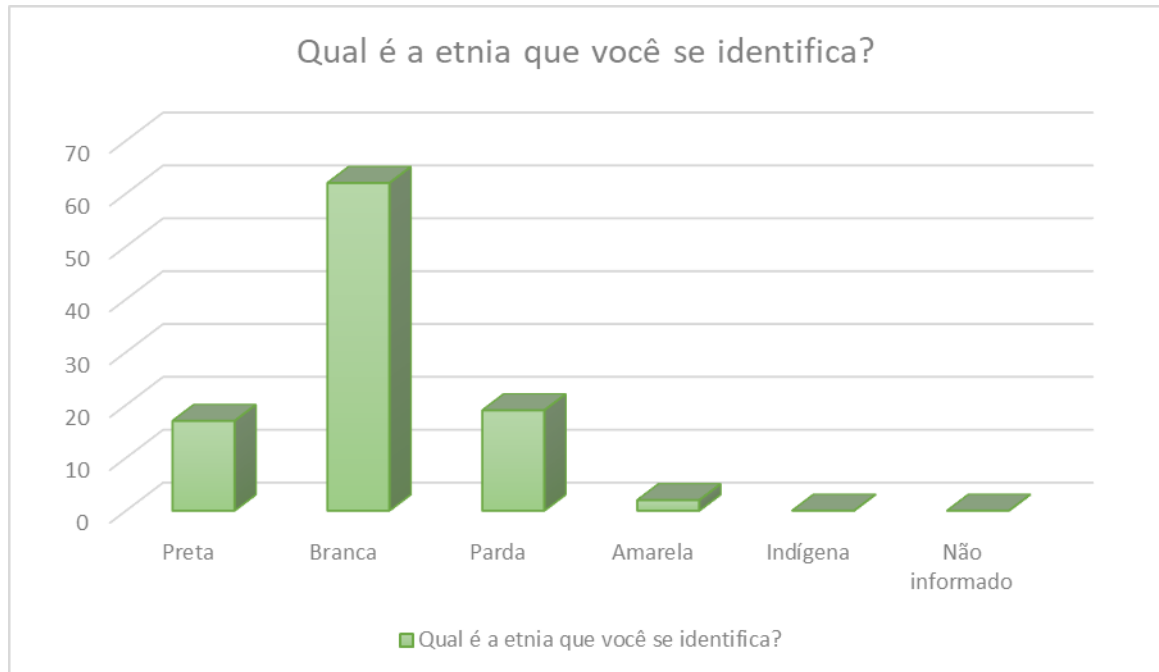
**Fonte: elaboração própria**

Na Tabela 03, é representado o parâmetro dos entrevistados em relação a sua orientação sexual. Ao analisarmos, é possível observar que a predominância dos voluntários é classificada como heterossexuais em 57%, enquanto que na sequência em ordem decrescente respectivamente são de homossexuais em 22%, bissexuais em 14%, pansexuais em quatro por cento, não informado em dois por cento, diamoric<sup>21</sup> em um por cento e, por fim assexual não há representação gráfica.

<sup>21</sup> Esta identidade de gênero consiste na não categorização do entrevistado, ou seja, o sujeito se atrai pela pessoa, sem necessitar exemplificar que é homossexual, bissexual e afins. É um termo não-binário.

A denominação de orientação sexual é o modo em como uma pessoa se relaciona de maneira afetiva e sexual com outras pessoas, diferente da identidade de gênero, a qual é como o indivíduo se identifica e quais pronomes preferem ser relacionados no caráter social. Até o momento é possível ver que o público majoritário foram mulheres cisgêneros e heterossexuais.

**Tabela 04: Qual é a etnia que você se identifica?**



**Fonte: elaboração própria**

Nessa análise referente a Tabela 04, foi abordado a etnia dos entrevistados a qual compõe com domínio os participantes brancos com 62% identificações, em seguida na ordem decrescente observamos 19% participantes pardos, 17% autodeclarados pretos, dois por cento amarelos e, por fim indígenas e outros não informados compõe os votos nulos durante o questionário.

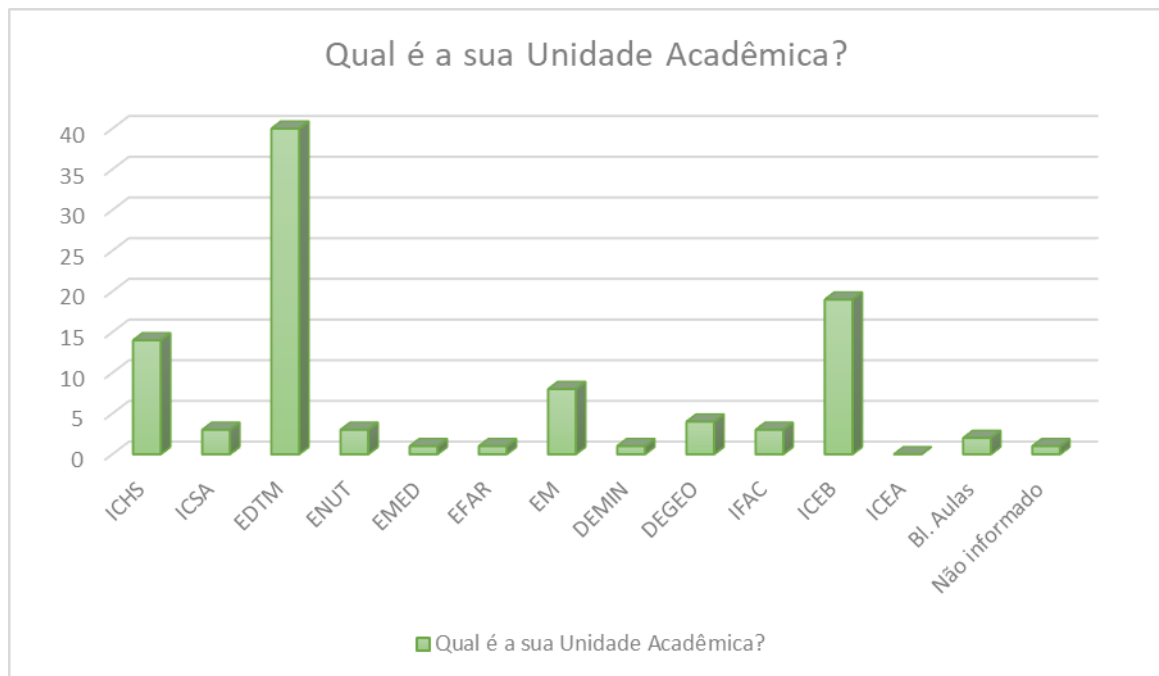
A partir desse momento a diante, é possível entrar no debate de quem são os alunos matriculados na Universidade Federal de Ouro Preto, ressalvo as exceções de pessoas que já saíram do meio universitário.

Posto isso, Bauman (2005) com suas noções acerca de identidade e contemporaneidade cunhadas em seus seguimentos relacionados a modernidade líquida, permite complementar conceitos afins de entender como a bolha social se insere neste meio. Sendo assim, como serão observados nas próximas tabelas, o indivíduo inserido na sociedade

irá se aproximar de quem se próximo de sua realidade. É possível correlacionar as concepções da emancipação, a individualidade, o tempo e o espaço, o trabalho e a comunidade no que tange o desenvolvimento do sujeito (2001, p. 15).

Conseqüentemente, ao pensarmos na linha tênue entre o tempo e espaço, é possível afirmar que na modernidade o aspecto fundamental dessas relações é de poder e dominação (BAUMAN, 2001, p. 16). Logo, percebemos que o espaço do outro se inicia onde terminar o do terceiro, de modo sucessivo é relevante para entendermos o perfil dos entrevistados para essa pesquisa.

**Tabela 05: Qual é a sua Unidade Acadêmica?**



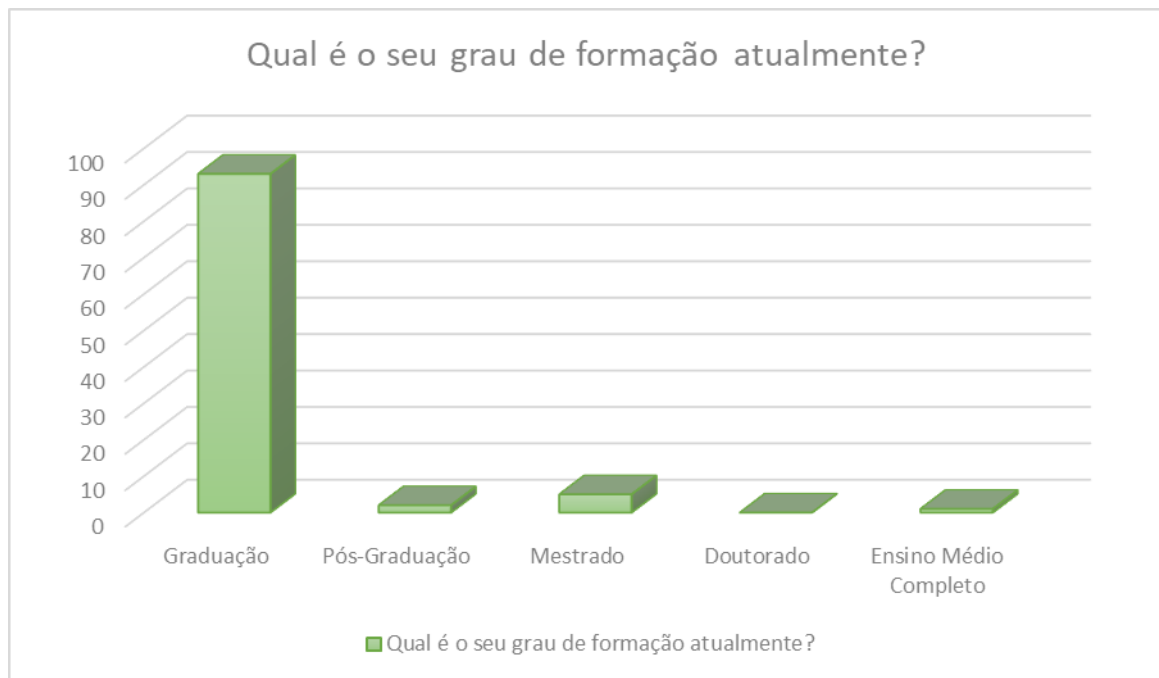
**Fonte: elaboração própria**

Na pesquisa formulada foi necessário identificar qual a Unidade Acadêmica dos entrevistados, mesmo que tenham saído do meio acadêmico. Logo, com 40% de votos vem a Escola de Direito, Turismo e Museologia – EDTM, em seguida com 19% o Instituto de Ciências Exatas e Biológicas – ICEB, com 14% o Instituto de Ciências Humanas e Sociais - ICSH, com oito por cento da Escola de Minas, quatro por cento do Departamento de Geologia – DEGEO, três por cento do Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas – ICSA, a Escola de Nutrição e o Instituto de Filosofia e Artes Cênicas dividindo o mesmo rank, acompanhado em dois por cento do Bloco de Aulas - Bl. Aulas na qual a Escola de Educação Física faz parte, um por cento na Escola de Medicina – EMED e no Departamento de Minas e, por fim um

participante que não preferiu responder. Não houve entrevistados do Instituto de Ciências Exatas e Aplicadas.

A maior adesão dos discentes nas Unidades Acadêmicas como o EDTM, ICHS e o ICEB, foi pela divulgação maior em grupos das redes sociais de cada instituto.

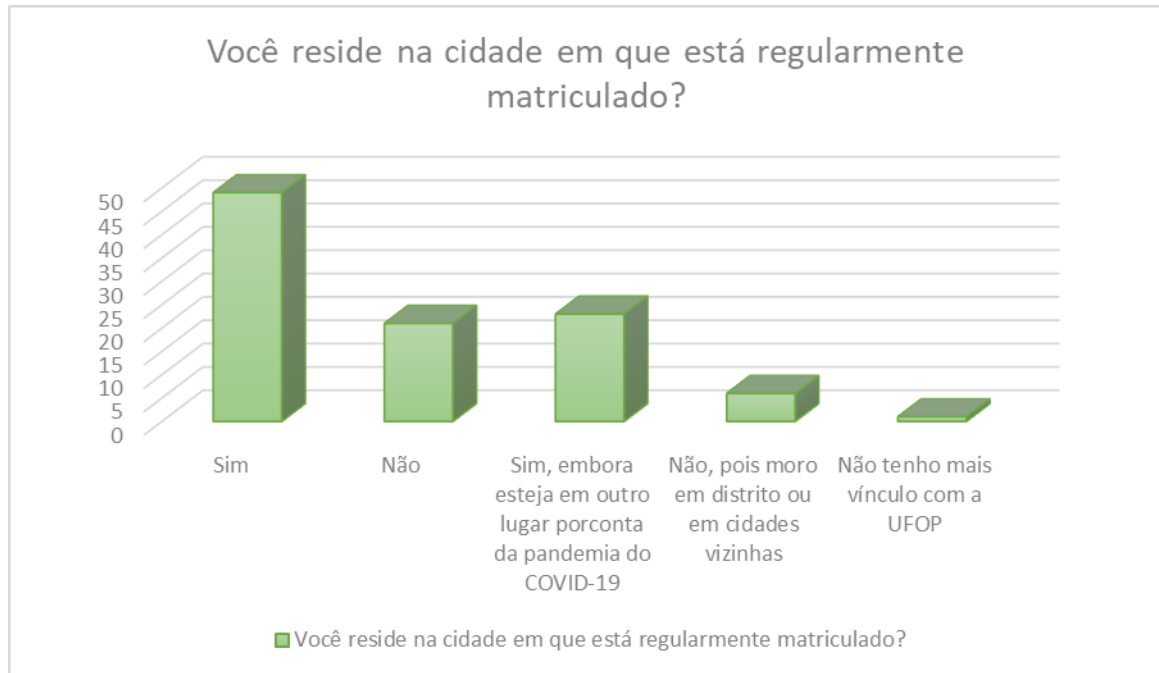
**Tabela 06: Qual é o seu grau de formação atualmente?**



**Fonte: elaboração própria**

A banca composta pelo formulário de pesquisa contou com 93% discentes de graduação, cinco por cento de mestrados, dois por cento de pós-graduados e não houve dados para doutorandos. A estatística obtida pelo participante que marcou a opção de Ensino Médio completo marcou também a opção de graduação, portanto essa informação será irrelevante visto que o questionário é aplicado para indivíduos inseridos em cursos de nível superior da Universidade Federal de Ouro Preto.

Embora tenha a inclusão de cursos pós profissionalizantes, o caráter geral da pesquisa é intrínseco aos graduandos. De modo hipotético, é possível levantar que o fator de maturidade possa ser um fundamento para a não inserção do meio republicano.

**Tabela 07: Você reside na cidade em que está regularmente matriculado?**

**Fonte: elaboração própria**

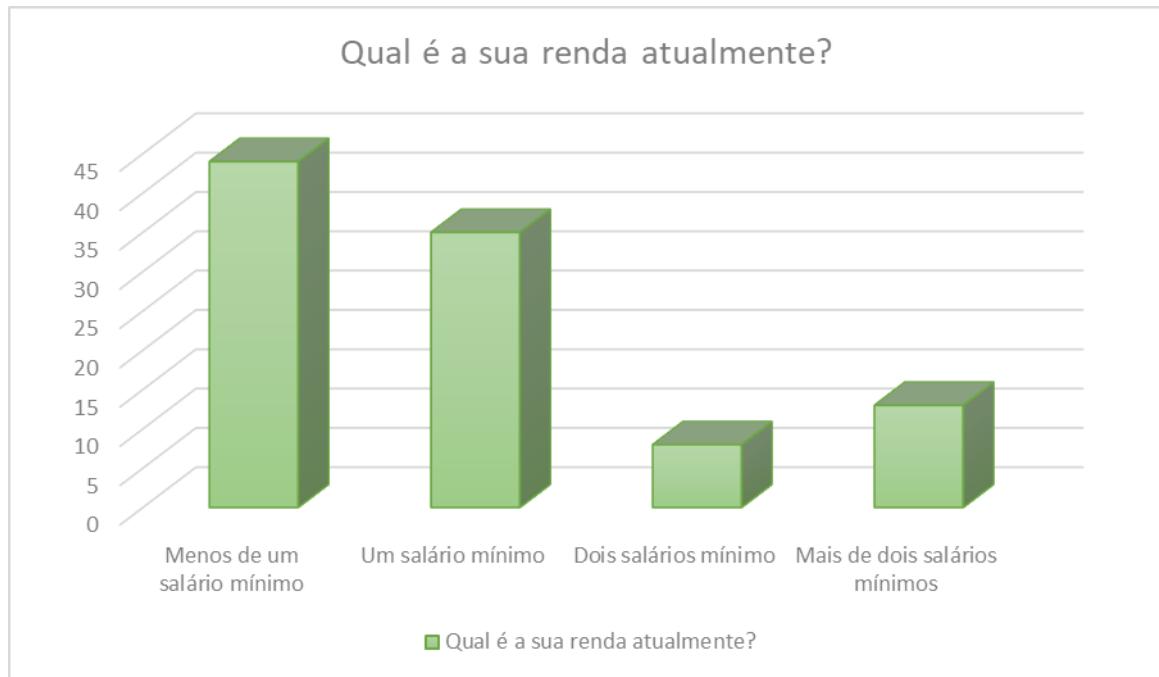
Ao analisarmos a Tabela 07, foi obtido uma porcentagem em 49 votos de discentes que estão a morar nas cidades em que estão regularmente matriculados em contrapartida 21% pessoas votaram que não moram<sup>22</sup>.

Devido ao *COVID-19* expandido pela pandemia instaurada em março de 2020, houve uma parcela significativa de 23% de pessoas que antes do período de isolamento social moravam nas cidades em que estão regularmente matriculados. É pertinente pontuar que com a contaminação do Coronavírus, muitas repúblicas nas três cidades da Universidade Federal de Ouro Preto tiveram que entregar as casas que alugavam pelo prolongamento da infecção do vírus. Logo, se antes já era inviável para alguns estudantes residir pela condição monetária, após o estado de calamidade a condição piorou.

Por fim, houve seis por cento dos entrevistados que residem em cidades vizinhas e/ou distritos, além de um voto para pessoa que não tinha vínculo com a UFOP mais.

<sup>22</sup> Esse fato é comum para os discentes da Universidade Federal de Ouro Preto, o quais são dos campus da cidade de Ouro Preto e Mariana, pelo motivo de serem cidades vizinhas, sem a análise dos distritos e locais entre as cidades citadas como Passagem de Mariana.



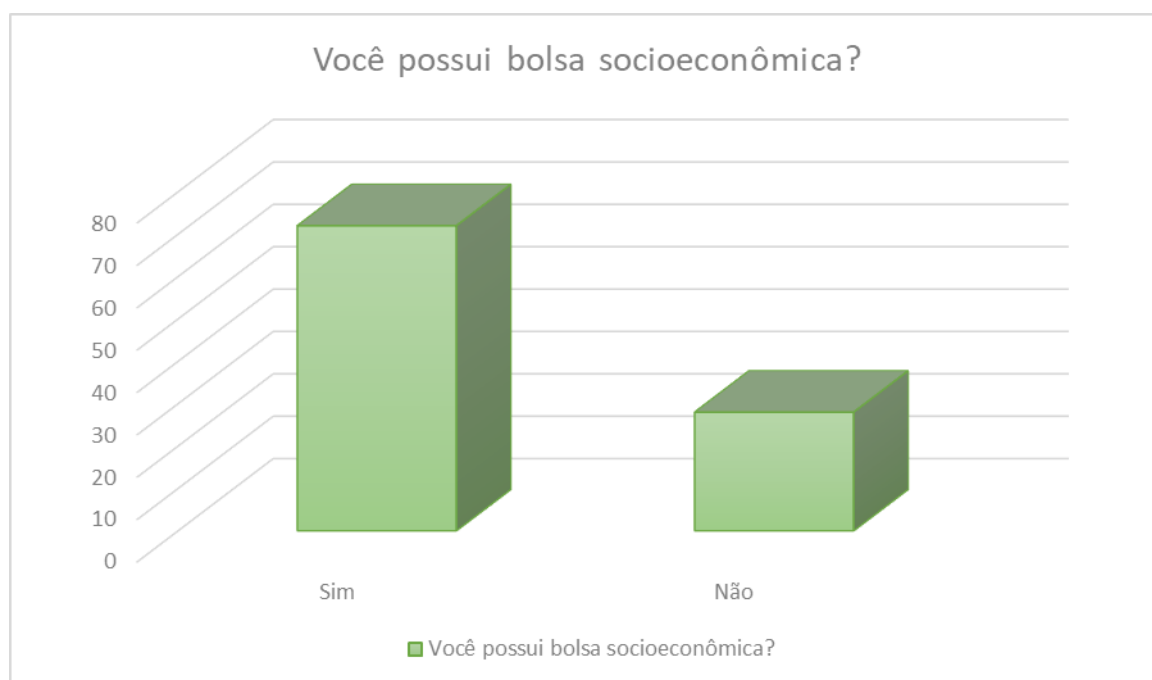
**Tabela 08: Qual é a sua renda atualmente?**

**Fonte: elaboração própria**

Nesse momento crucial e que será fundamental para a pesquisa, é possível observar que 44% dos discentes vivem com menos de um salário mínimo, na sequência de 35% com um salário mínimo, oito por cento com dois salários mínimos e com 13% em mais de dois salários mínimos.

O motivo da relevância do grupo em que sobrevive com menos de um salário mínimo, é questionar a qualidade de vida dessas pessoas ao se pensar que para o rendimento na Universidade necessita do aluguel de um local tranquilo para morar, orçamento para refeição e higiene básica, eventuais gastos como luz, água, internet e gás além dos medicamentos e lazer. Esse último é importante os indivíduos não abrirem mão pois lazer não é sinônimo de folga.

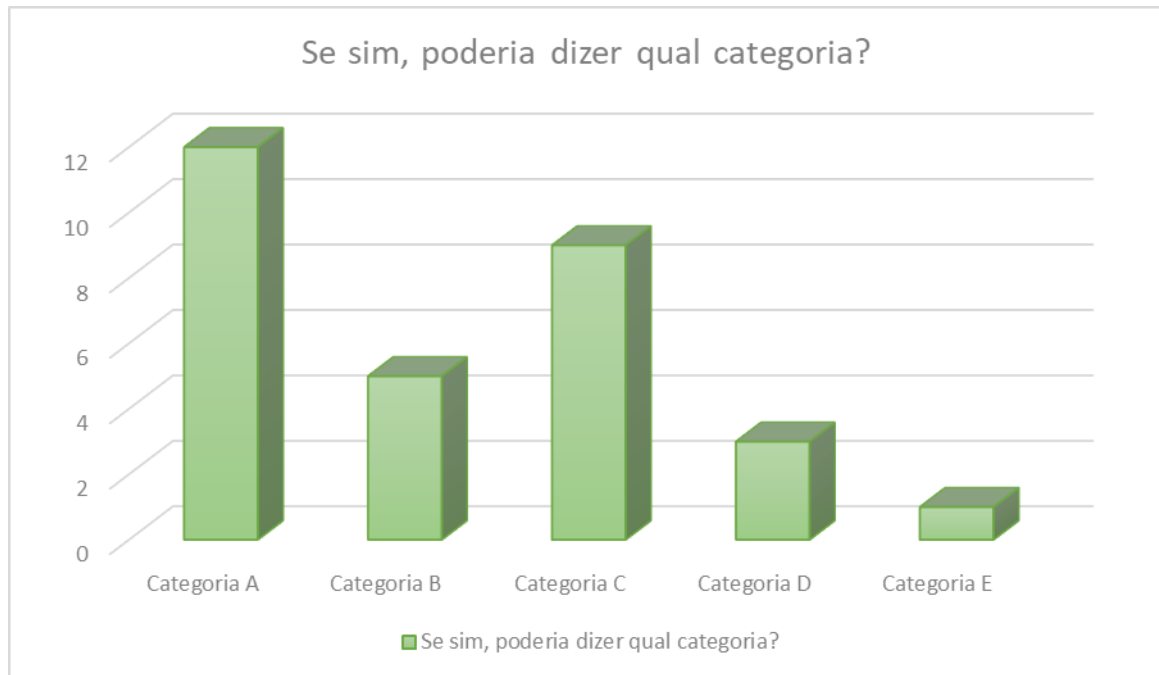
Os fundamentos que regem os Direitos Humanos instituem princípios básicos que garantem o cidadão independente de sua raça, identidade de gênero, orientação sexual, religião ou qualquer identificação, delimita o acesso a moradia e condições humanas e dignas.

**Tabela 09: Você possui bolsa socioeconômica?**

**Fonte: elaboração própria**

Nessa etapa em continuação da identificação do perfil do discente na renda mensal, 72% dos entrevistados responderam que possuem bolsas socioeconômicas relacionadas ao Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis, enquanto que 28% não necessitam das bolsas ofertadas aos estudantes de vulnerabilidade econômica.

Portanto, grande parte do público entrevistado demanda a ajuda de um auxílio a sua sobrevivência. Ademais, se pensarmos que esses indivíduos precisam da renda proveniente a bolsa socioeconômica, a procura dos aluguéis acessíveis se resultará na entrada nas repúblicas federais, por serem conhecidos pelo valor baixo da “caixinha” da residência.

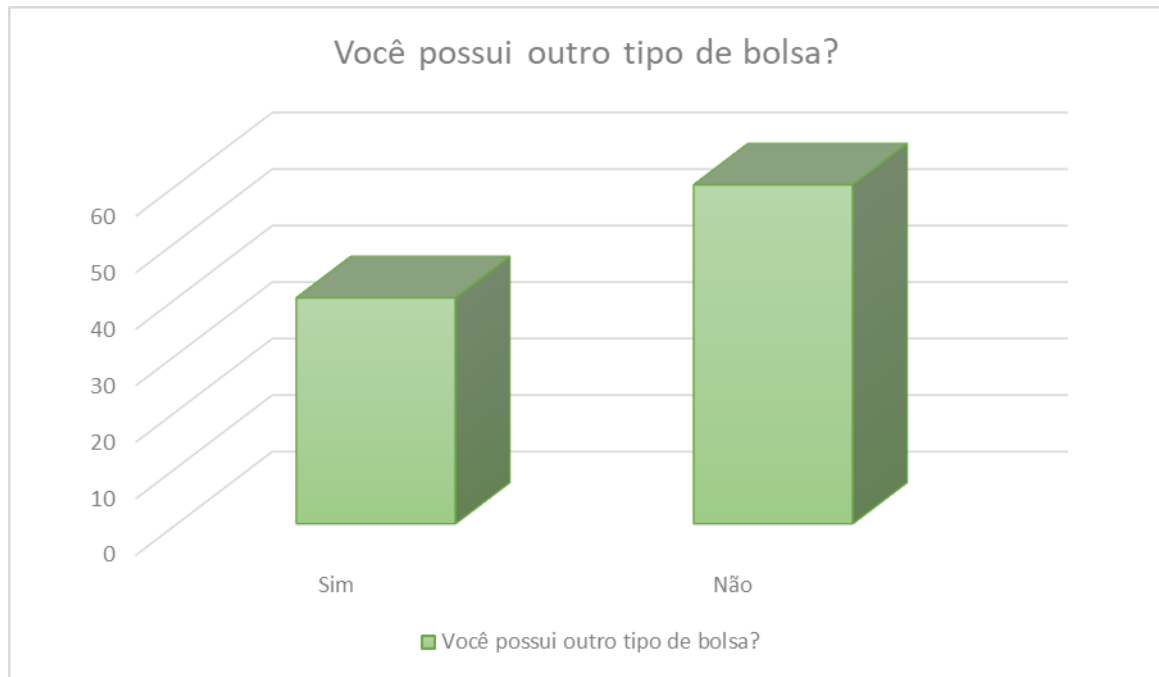
**Tabela 10: Se sim, poderia dizer qual categoria?**

**Fonte: elaboração própria**

Para a análise da Tabela 10, é necessário lembrar que na tabela anterior na porcentagem de estudantes socioeconômicos da Universidade Federal de Ouro Preto, a quantidade de pessoas por categoria respectivamente são: 12% para a categoria A, cinco por cento para a categoria B, nove por cento para a categoria C, três por cento para a categoria D e um por cento para E<sup>23</sup>.

Os valores das bolsas respectivamente são: 400 reais para a Categoria A, 300 reais para a Categoria B, 200 reais para a Categoria C, 100 reais para a Categoria D e, por fim não há remuneração na Categoria E.

<sup>23</sup> Embora de acordo com o site institucional da PRACE diga que pessoas da categoria E não são contempladas com bolsas, é possível residir nas moradias estudantis por meio de editais. Há casos que um estudante que já moram nos alojamentos da Universidade, possam decair nas categorias e morarem nessas casas.

**Tabela 11: Você possui outro tipo de bolsa?**

**Fonte: elaboração própria**

Nesse momento, somente 40% dos entrevistados que também são socioeconômicos possuem outra bolsa enquanto que 60% não possui. Vale destacar que o acúmulo de bolsas é proibido pela Universidade Federal de Ouro Preto, no entanto, as bolsas socioeconômicas não possui esse caráter acumulativo. Contudo, caso seja um estudante socioeconômico da Escola de Minas, esse pode escolher entre as bolsas ofertadas da PRACE ou as da Gorceix.

É importante destacar que mesmo com a sobrevivência de duas bolsas, ainda assim não se tornam suficientes para um bem estar do discente, principalmente no que tange os aspectos econômicos das cidades de Ouro Preto e Mariana, o qual o custo de vida é alto.

**Tabela 12: Se sim, poderia dizer qual?**

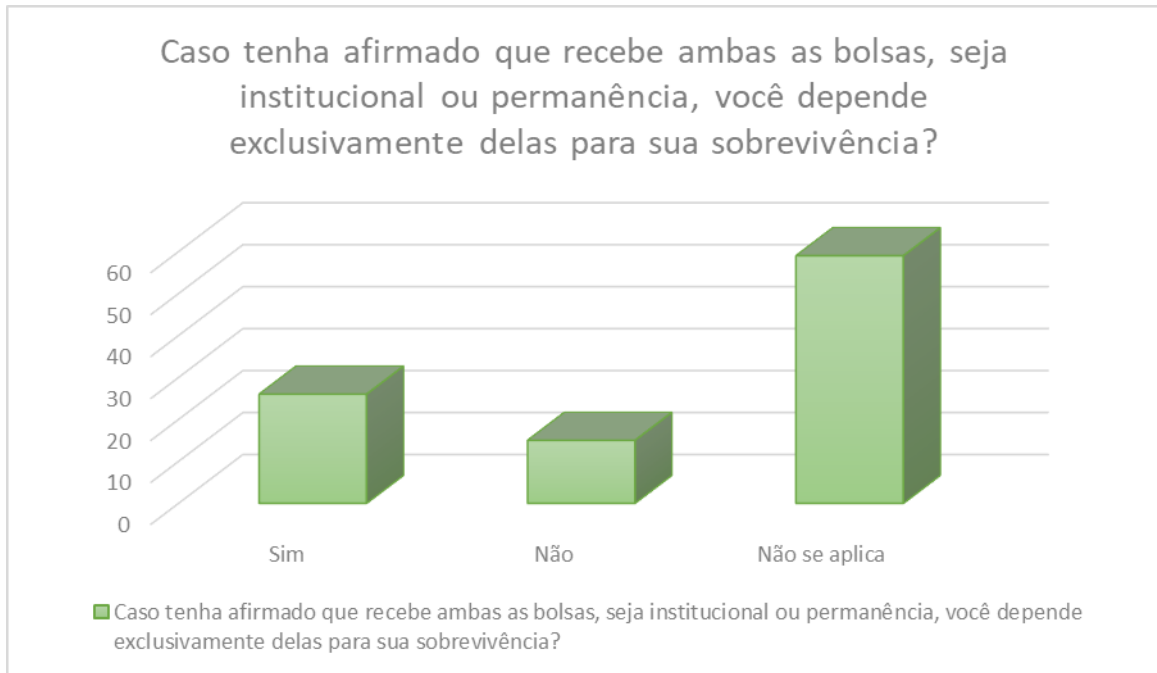
**Fonte: elaboração própria**

Nessa respectiva tabela, observamos que os 40% entrevistados que afirmaram possuir outra tipologia de bolsa foi distribuída em um por cento ligado ao Programa Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação – PIBID, sete por cento contemplados ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, seis por cento para a Residência Pedagógica, 10% à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Ouro Preto, quatro por cento remunerados a bolsas de estágios, dois por cento de estudantes à Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação – PROPPI, sendo um deles no campo de Setor de Desenvolvimento Digital do Instituto de Ciências Exatas e Biológicas, três por cento de monitoria, três por cento bolsistas da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e, por fim um por cento vinculado ao Sistema de Biblioteca e Informação - SISBIN.

É pertinente destacar que desde o mês de setembro, discentes providos pela Residência Pedagógica e pelo PIBID ficaram sem receber desde que houve cortes na CAPES, com o intuito de precarizar ainda mais a Educação Pública presente no Brasil. Segundo o governo, a injustiça com discentes dependentes desses programas foi devido à falta de uma lei que regulamenta o orçamento para tal. Contudo, vale salientar que os programas citados não são novos<sup>24</sup>.

<sup>24</sup> Durante a observação do curso de graduação em Museologia da pesquisadora, já havia a propagação de editais pertinentes ao processo seletivo para caracterizar o discente como bolsista.

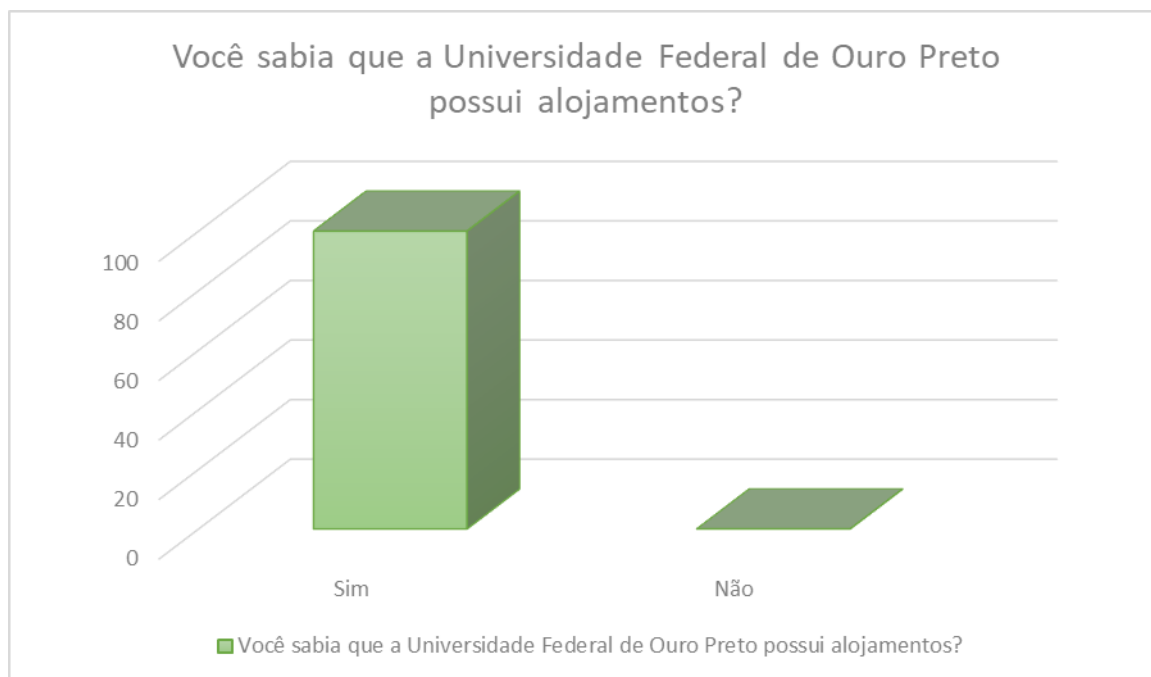
**Tabela 13: Caso tenha afirmado que recebe ambas as bolsas, seja institucional ou permanência, você depende exclusivamente delas para sua sobrevivência?**



**Fonte: elaboração própria**

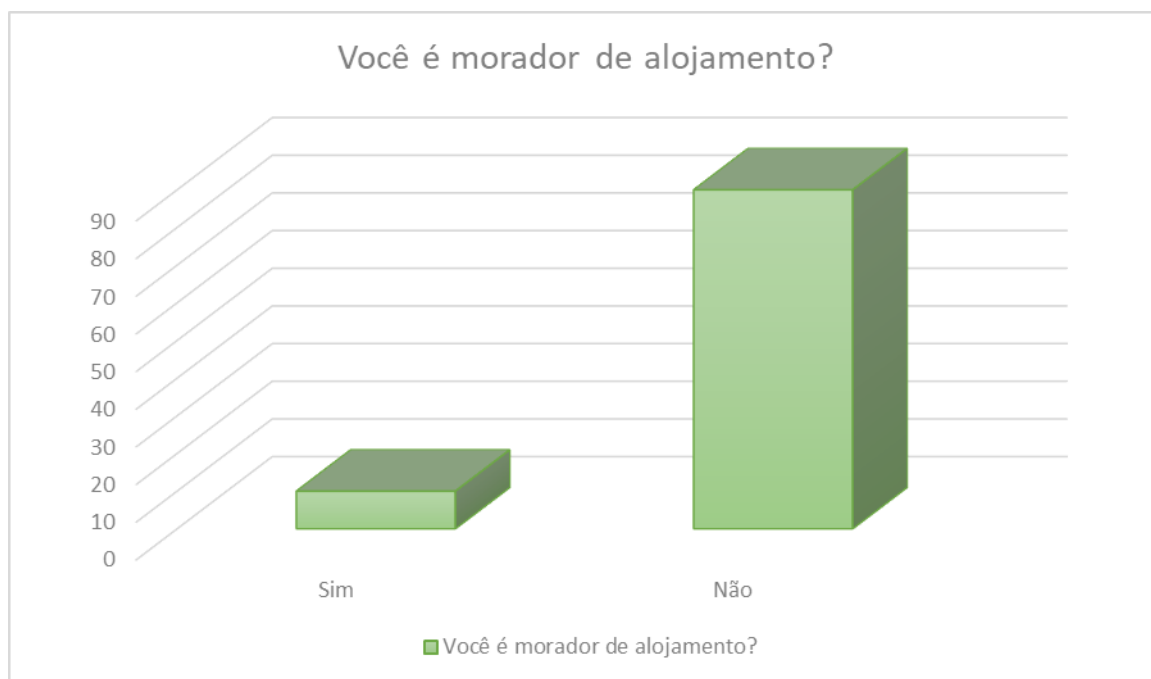
Esta tabela traz o dado de 26% dos participantes necessitam e depende exclusivamente do acúmulo das bolsas socioeconômicas e de outras para a sobrevivência, posto isso, e com base nas evidências coletadas na tabela 12 é possível afirmar que há uma predominância em discentes dependente de bolsas estudantis.

Ademais, o restante do percentual foi de 15% de alunos não dependentes e 15% votos para não inseridos na questão proposta. Vale questionar se os entrevistados o qual não estão inseridos na dependência das bolsas, como é visto na Tabela 13, podem ser atribuídos a elite brasileira.

**Tabela 14: Você sabia que a Universidade Federal de Ouro Preto possui alojamentos?**

**Fonte: elaboração própria**

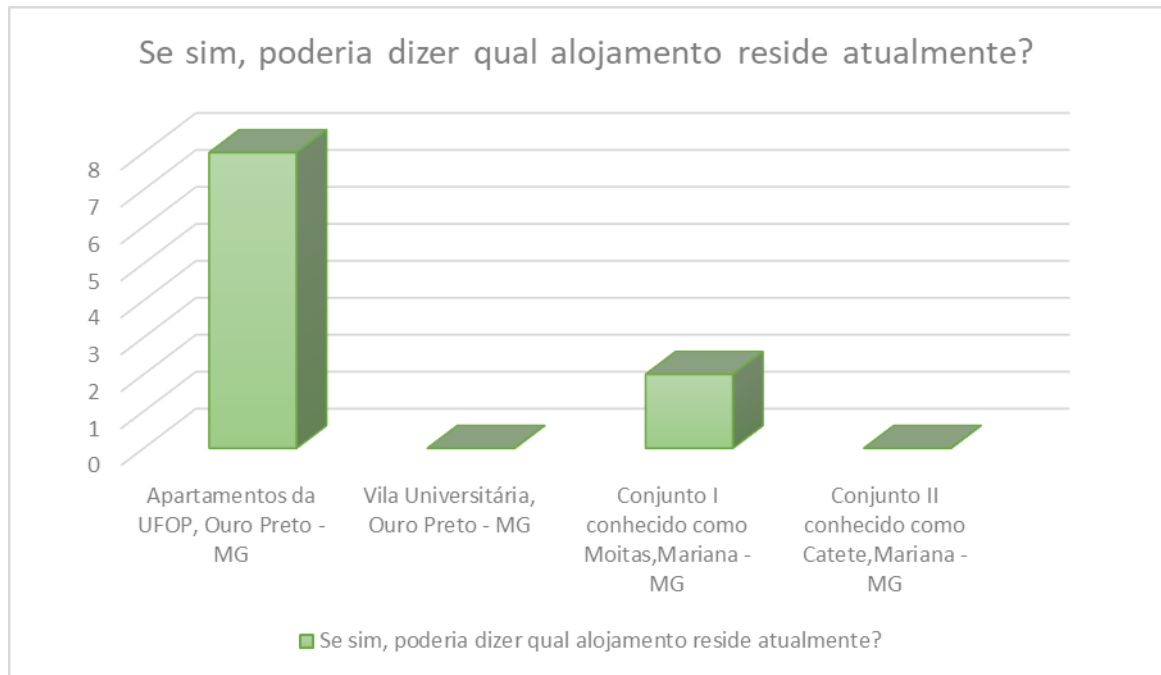
Por unanimidade, todos os entrevistados estavam cientes que na Universidade Federal de Ouro Preto possuem alojamentos em seus polos, sendo elas os Apartamentos da UFOP e a Vila Universitária em Ouro Preto, além dos Conjuntos I e II na cidade de Mariana.

**Tabela 15: Você é morador de alojamento?**

**Fonte: elaboração própria**

Nesse momento, apenas 10% dos entrevistados compõe a categoria de residentes de moradias estudantis, enquanto que 90% não são moradores. Posto isso, ao levarmos em conta o número dos discentes dependentes de bolsas socioeconômicas e extensionista vistos nas Tabelas 12 e 13, é baixo em comparação as tabelas citadas.

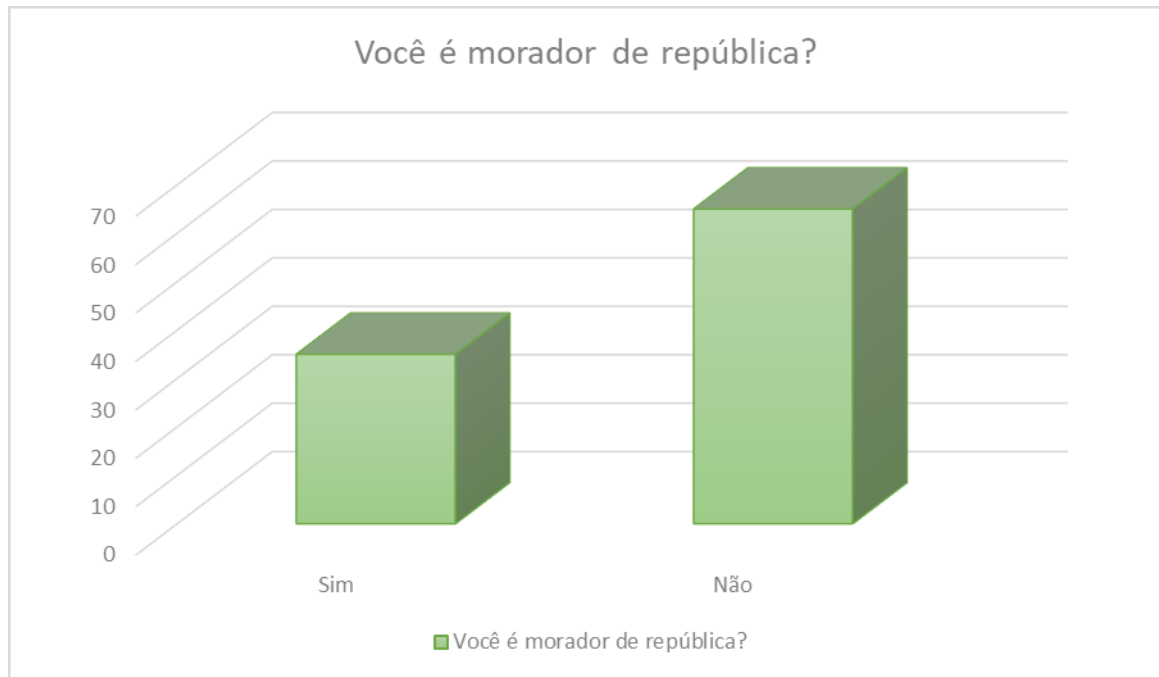
**Tabela 16: Se sim, poderia dizer qual alojamento reside atualmente?**



**Fonte: elaboração própria**

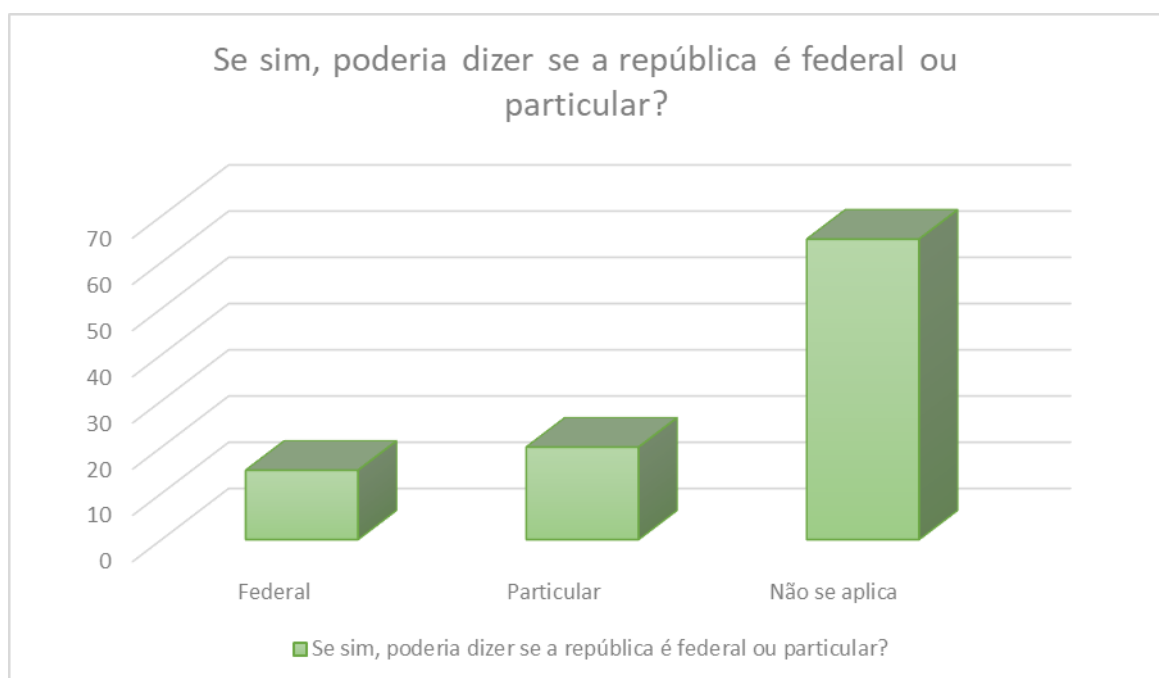
De acordo com os 10% residentes de moradias estudantis retratados na Tabela 15, há oito por cento de discentes que residem nos Apartamentos da UFOP na cidade de Ouro Preto, enquanto que somente dois por cento dos alunos moradores do Conjunto I, conhecido popularmente como Moitas na cidade de Mariana. Infelizmente, não houve dados para residentes da Vila Universitária em Ouro Preto e do Conjunto II, conhecido como Catete em Mariana como é possível observar na Tabela 16.



**Tabela 17: Você é morador de república?**

**Fonte: elaboração própria**

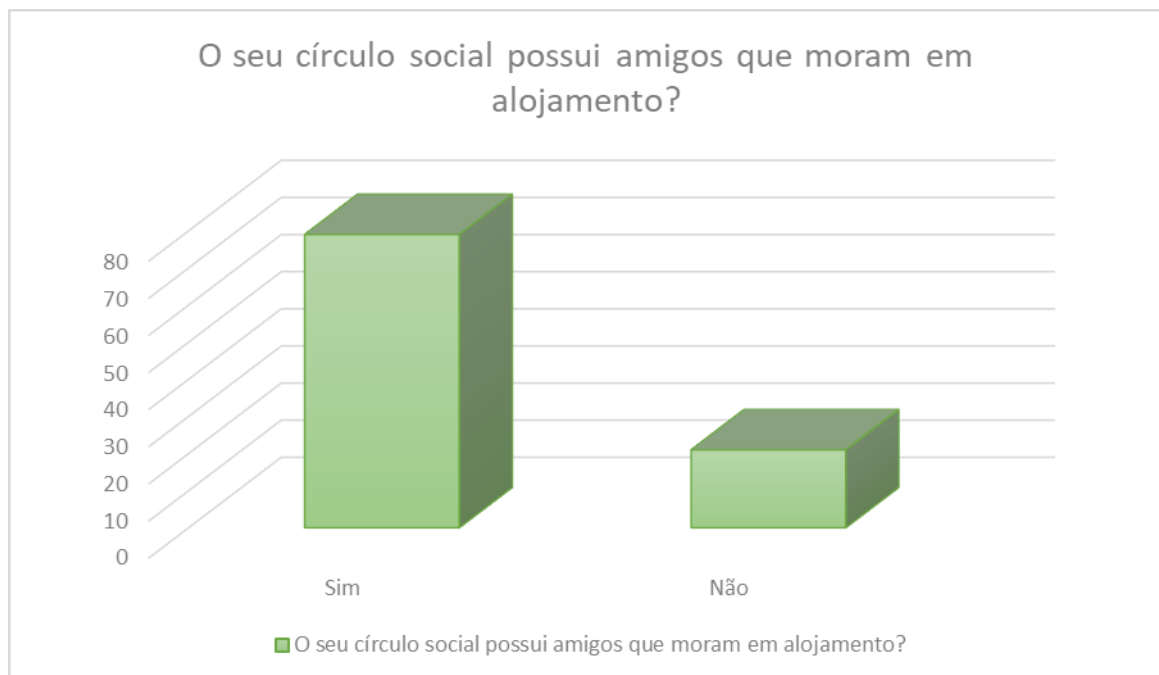
Em contrapartida aos moradores dos alojamentos, a Tabela 17 traz o percentual 35% residentes de repúblicas enquanto que 65% não são inseridos no questionamento. O que mostra uma possível análise, ao ver que o número de residentes republicanos é superior aos moradores de alojamentos.

**Tabela 18: Se sim, poderia dizer se a república é federal ou particular?**

**Fonte: elaboração própria**

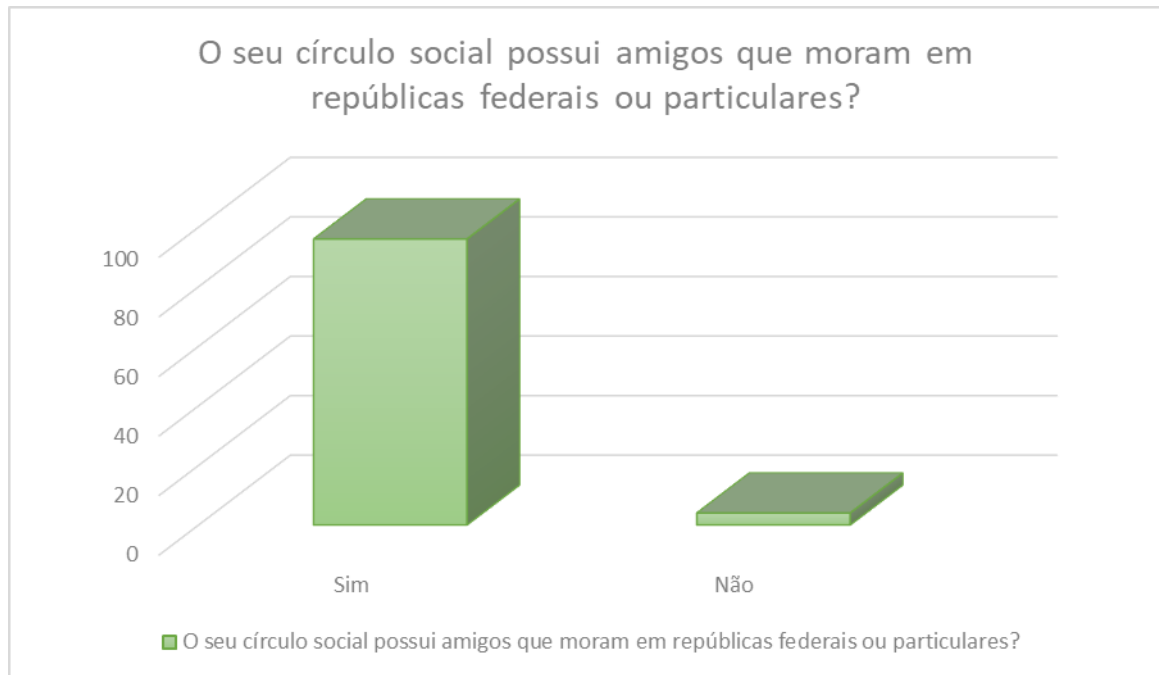
Em conjunto com os dados anteriores, essa tabela traz o percentual de 15% moradores de repúblicas federais, 20% de particular e 65% não se aplica ao questionário. Vale apontar que não foi pretendido abordar quais moradias seriam dos discentes das repúblicas federais, visto que há uma diferença entre a Ala Universitária e o Centro Histórico ponderados no primeiro capítulo.

**Tabela 19: O seu círculo social possui amigos que moram em alojamento?**



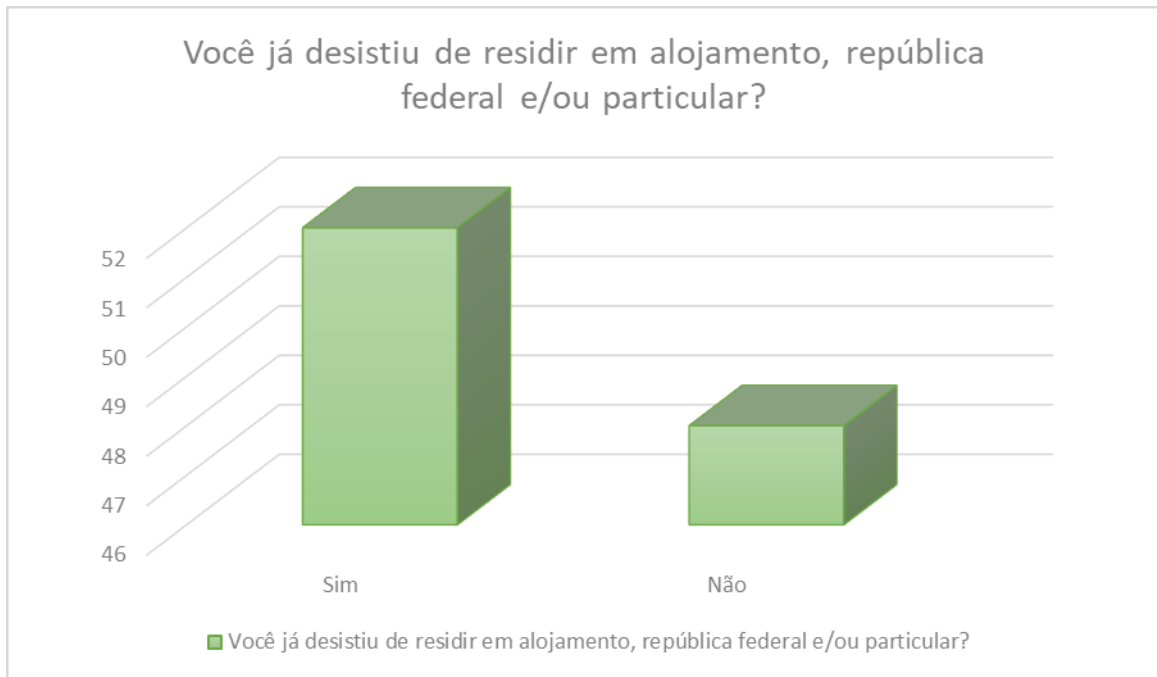
**Fonte: elaboração própria**

Entre os 100 entrevistados, 79% possuem amigos moradores de alojamentos em seus círculos sociais em contrapartida 21% que não tem o vínculo com estudantes residentes das moradias estudantis. A Tabela 19, possibilita contestar o porquê dessa singularidade, visto que no aspecto do indivíduo acadêmico, os locais comuns como RU's e o próprio campus possibilitam na exploração das relações sociais.

**Tabela 20: O seu círculo social possui amigos que moram em repúblicas federais ou particulares?**

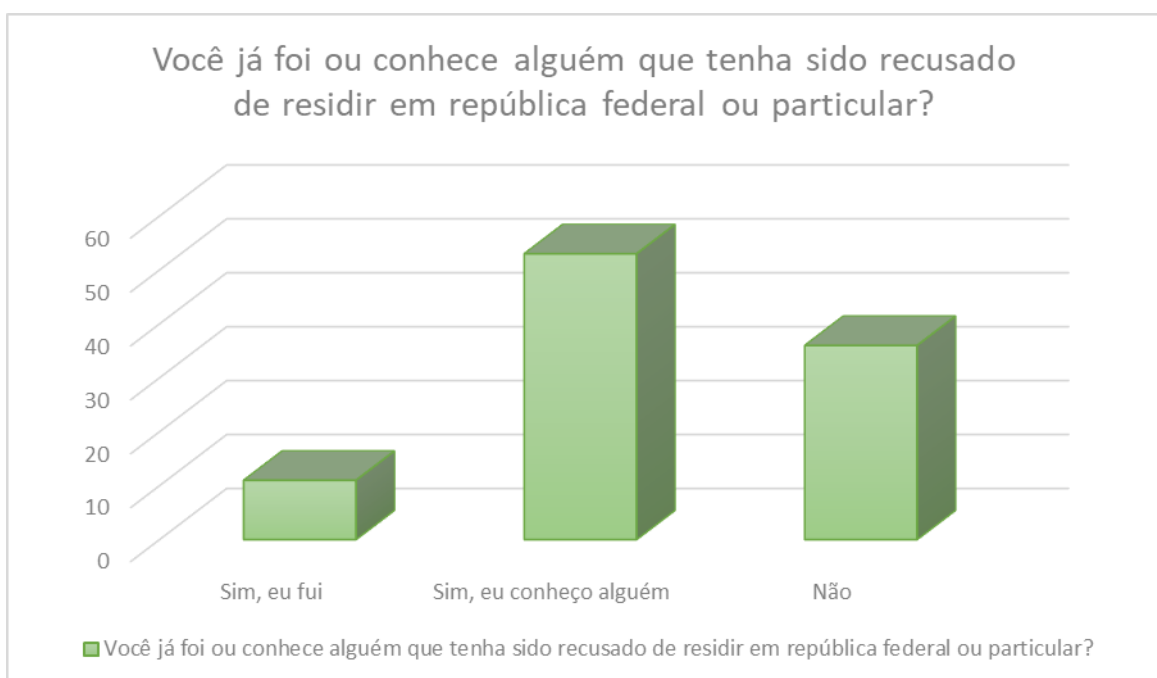
**Fonte: elaboração própria**

A Tabela 20, traz de modo majoritário 96% dos entrevistados possuem amigos moradores de repúblicas, seja na categoria de federais e/ou particulares. Em contrapartida, somente quatro por cento não estão inseridos no meio social republicano. Posto isso, é interessante mostrar a diferença da bolha social republicana em comparação a bolha socioeconômica.

**Tabela 21: Você já desistiu de residir em alojamento, república federal e/ou particular?**

Fonte: elaboração própria

A Tabela 21, traz o percentual de 52% dos entrevistados afirmaram desistir de residir nos alojamentos, nas repúblicas federais e/ou particulares, no entanto, 48% responderam que não vivenciaram essa situação incomoda.

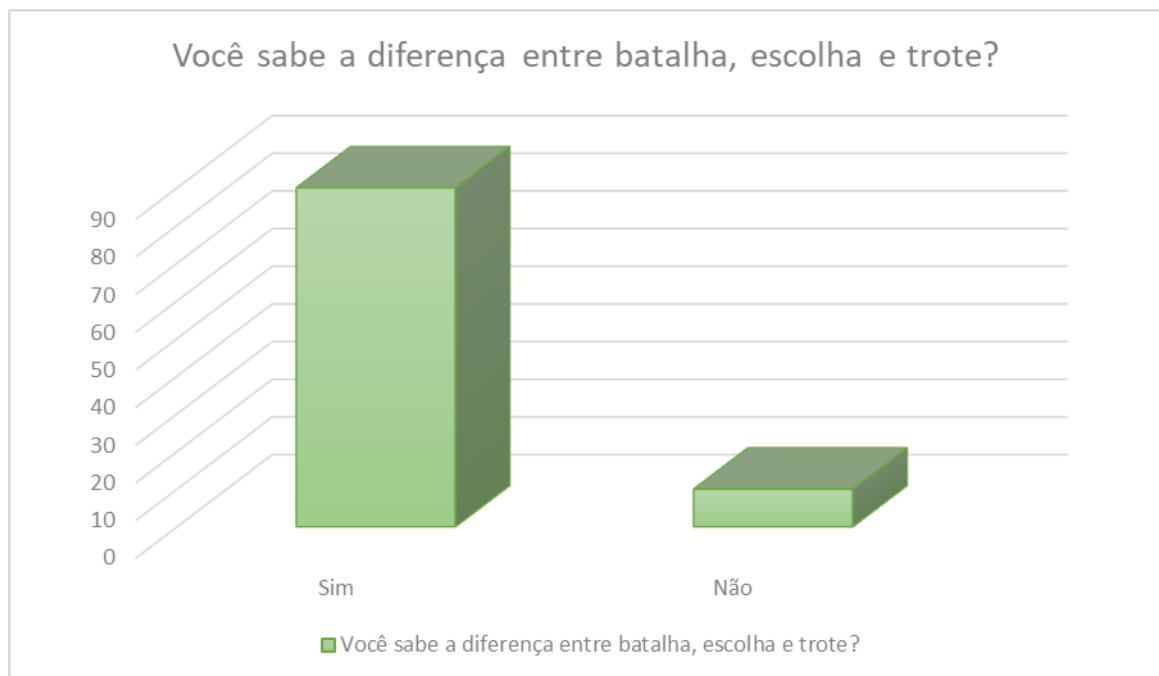
**Tabela 22: Você já foi ou conhece alguém que tenha sido recusado de residir em república federal ou particular?**

**Fonte: elaboração própria**

Nesse momento, na Tabela 22 foi obtido 11% dos votos para discentes que foram recusados de residir em repúblicas federais e/ ou particulares, na sequência, 53% votos para os entrevistados que conheceram alguém que se encaixa na singularidade da questão abordada e 36% não foram e/ou não conhecem.

Sendo assim, como está referenciada no Apêndice alguns relatos acerca do enunciado da Tabela 22, e também pelo aspecto oral de observadora, sempre houve casos das quais haviam alunos que haviam sido “catados”, pensando no vocabulário desses indivíduos.

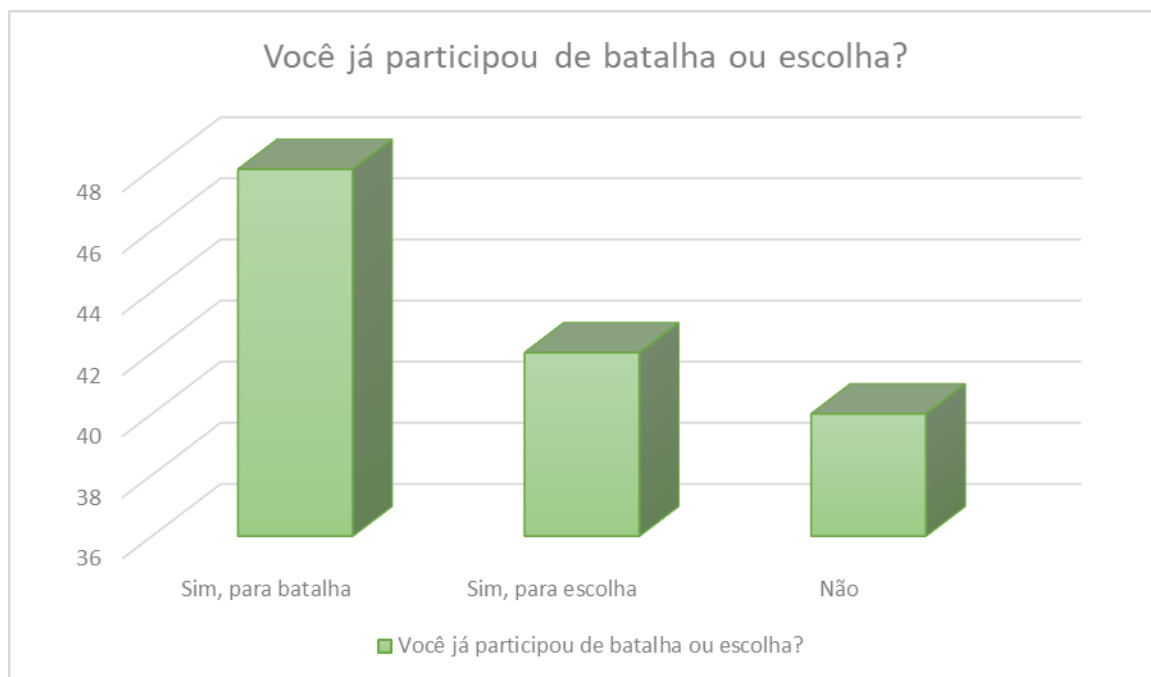
**Tabela 23: Você sabe a diferença entre batalha, escolha e trote?**



**Fonte: elaboração própria**

Dos 100 entrevistados, 90% afirmou saber a diferenças entre as palavras batalhas, escolha e trote aplicadas na vida universitária ufopiana, enquanto que em minoria com 10% não sabem diferenciar.

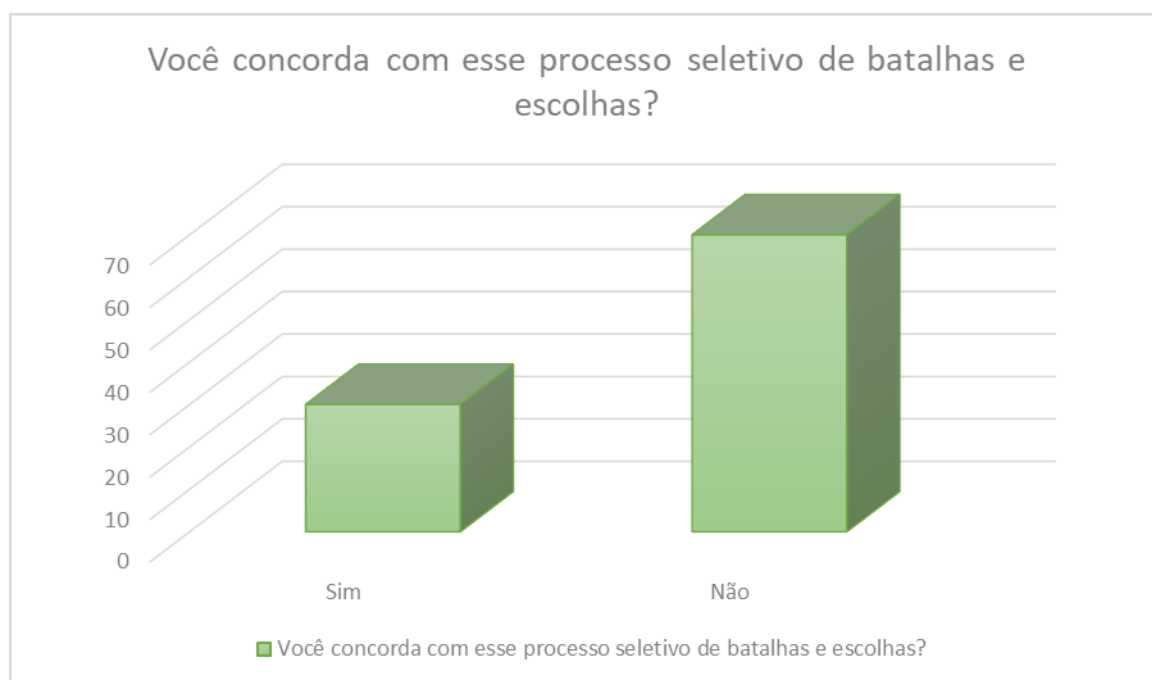
Esse dado é importante pois enquanto a maioria afirma e leva a prática a tradição, há pessoas que não sabem diferenciar as terminações explicitas aqui.

**Tabela 24: Você já participou de batalha ou escolha?**

**Fonte: elaboração própria**

Na tabela 24, 48% dos entrevistados afirmaram terem participado do processo de batalha das repúblicas federais, na sequência 42% votos para a seleção da escolha e o restante no total de 40% narraram nunca ter participado de ambos os processos.

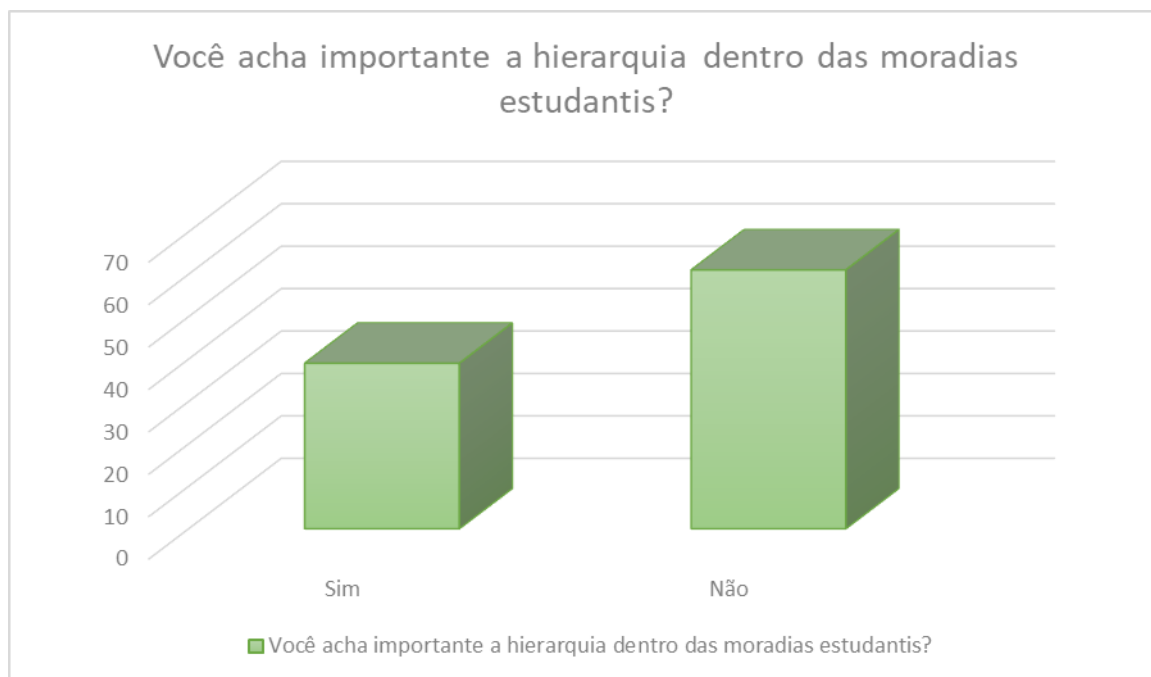
O número de pessoas que já submeteram aos processos de batalhas, é predominante na perpetuação da tradição do saber republicano.

**Tabela 25: Você concorda com esse processo seletivo de batalhas e escolha?**

**Fonte: elaboração própria**

Em disparada aos 30% que concordam com o processo seletivo de batalhas e escolhas, para residirem em repúblicas federais e particulares respectivamente, de modo majoritário 70% afirmou ser contra esse tipo de costume universitário.

É notável que em relação a Tabela 24, houve uma incidência mínima de moradores republicano que não concordam com o ato da entrada as moradias federais.

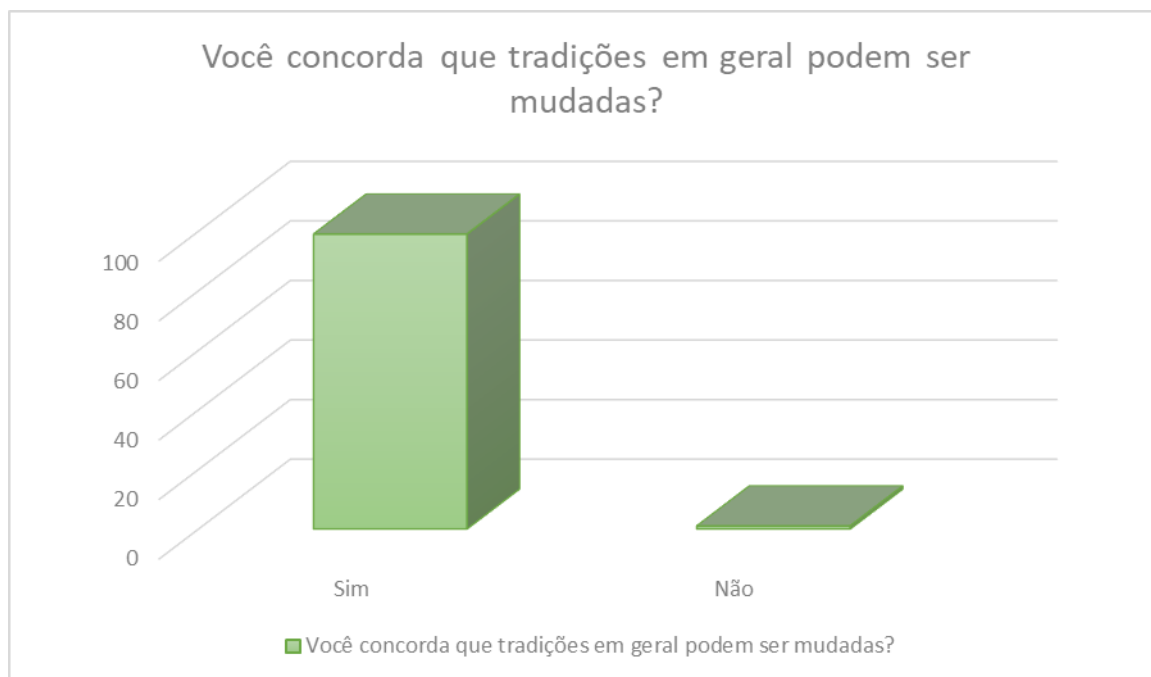
**Tabela 26: Você acha importante a hierarquia dentro das moradias estudantis?**

**Fonte: elaboração própria**

Nesse momento, houve 61% dos votos para os que afirmaram não achar importante a hierarquia como forma de regime dentro das moradias estudantis, enquanto que 39% dos entrevistados concordam com a legislação hierárquica.

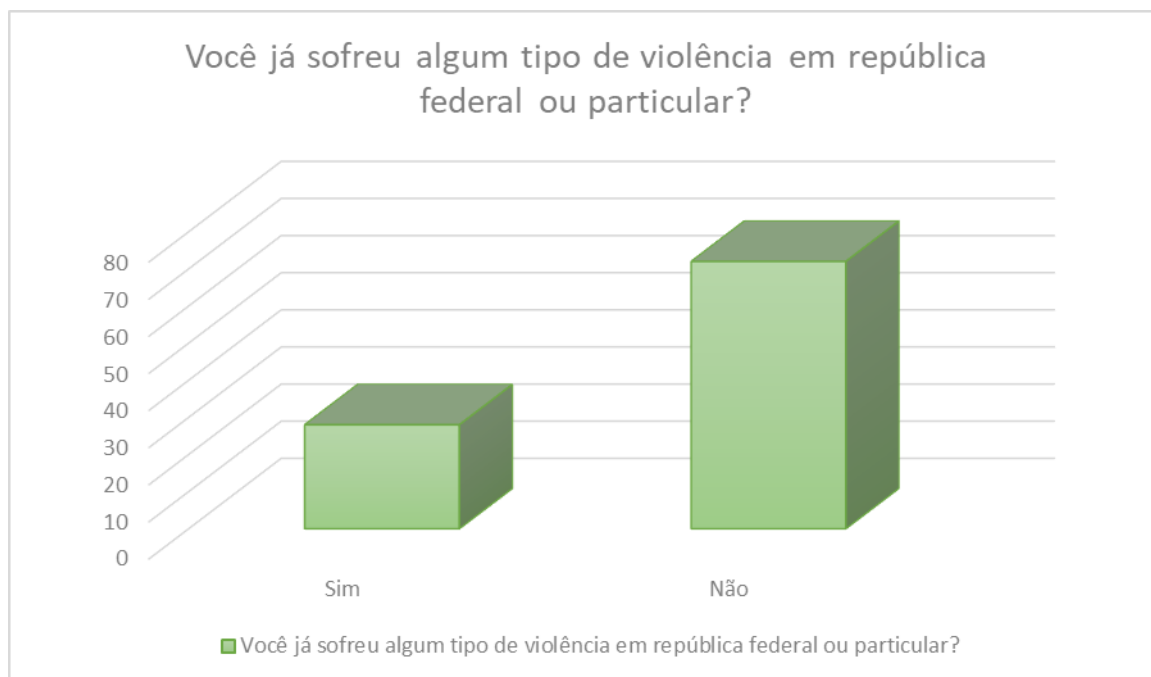
É interessante apontar que é complementação a Tabela 26, houve um campo destinado ao entrevistado sem caráter obrigatório discorrer do porquê de concordar ou não com a hierarquia.



**Tabela 27: Você concorda que tradições em geral podem ser mudadas?**

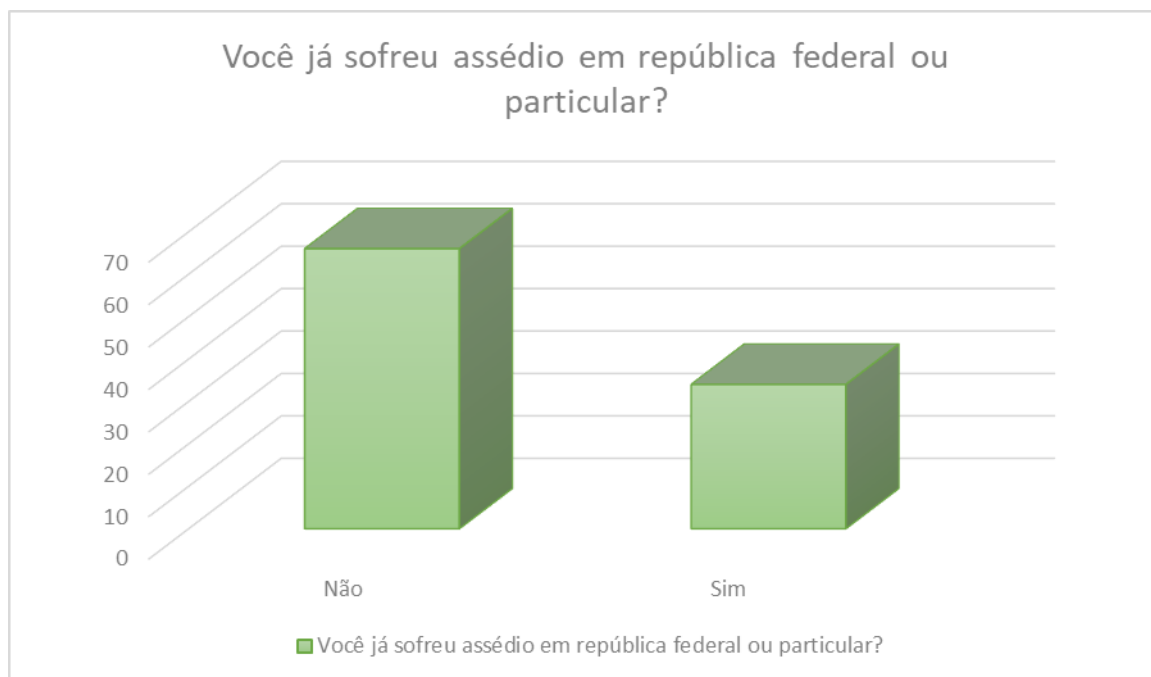
**Fonte: elaboração própria**

De modo predominante, 99% dos entrevistados concordaram que as tradições em geral, independente dos questionamentos podem ser mudadas. Porém, se aplicarmos a concepção das repúblicas federais, de maneira hipotética, veríamos que a comunidade inserida nesses espaços não estaria aberta a diálogos. No Anexo, há alguns relatos que complementam essa tese.

**Tabela 28: Você já sofreu algum tipo de violência em república federal ou particular?**

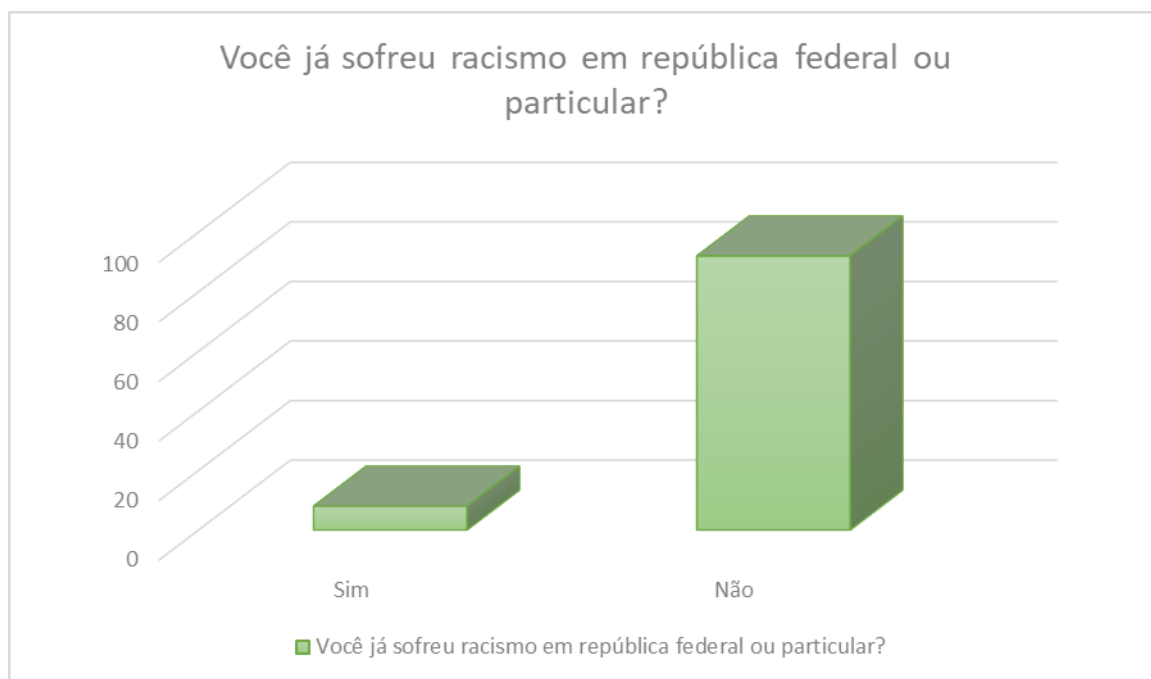
**Fonte: elaboração própria**

Na Tabela 28, 72% dos entrevistados afirmaram nunca terem sofrido algum tipo de violência, seja ela psíquica, moral, intelectual, racial, religioso e entre outros. Em contrapartida, 28% responderam que foram vítimas. É necessário pontuar que independe do meio, a violência não é aceitável e justificada em hipótese nenhuma na sociedade moderna. O diálogo foi e é até o momento, um fator principal para a mediação dos atritos do dia a dia.

**Tabela 29: Você já sofreu assédio em república federal ou particular?**

**Fonte: elaboração própria**

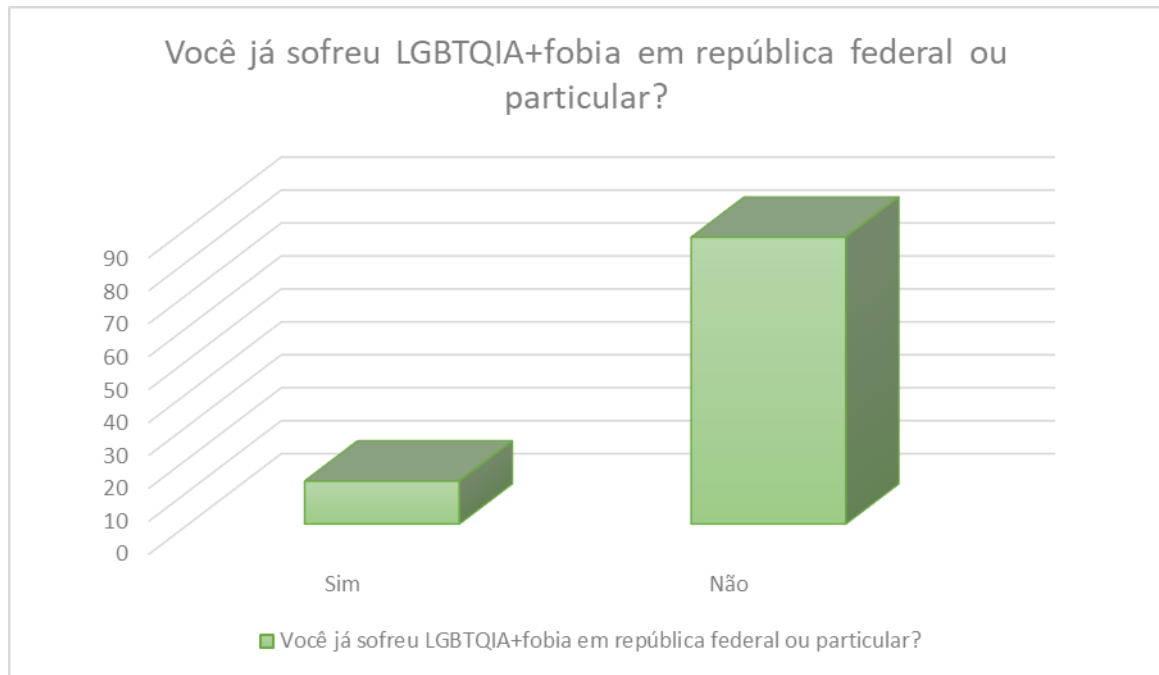
Nesse momento, 66% dos entrevistados nunca sofreram assédio, enquanto 34% foram vítimas. No mais, no Anexo foram inseridos espaços para os voluntários confortáveis em relatar episódios em que foram vítimas de tais atos cruéis e machistas.

**Tabela 30: Você já sofreu racismo em república federal ou particular?**

**Fonte: elaboração própria**

Dos candidatos autodeclarados pretos, pardos e amarelos, oito por cento deles foram vítimas de atos racistas. Não distante das vivências do dia a dia, o local de segurança do aluno na teoria, pode se tornar um palco cruel e racista para os mesmos.

**Tabela 31: Você já sofreu LGBTQIA+fobia em república federal ou particular?**



**Fonte: elaboração própria**

Por fim, apenas 13% dos 100 entrevistados foram vítimas de LGBTQIA+fobia em repúblicas federais e/ou particulares, em contrapartida dos 87% que não são inseridos.

Diante dos resultados obtidos, foi coletado de forma não obrigatória relatos caso o entrevistado sinta-se confortável em transmitir um acontecimento seja por sua vivência ou pela perspectiva de observador. No entanto, elas não serão registradas aqui, mas sim no Anexo 01 para posteriormente serem correlacionados há alguns fundamentos que serão peças-chaves para a conclusão do presente projeto, como vimos no capítulo anterior a esse. Para o caráter de confiabilidade dos entrevistados, de ordem aleatória foram denominados por “Entrevistados + número de 01 á 100” para não haver duplicada de respostas e facilitar o entendimento.

É pertinente destacar que Lúcia Ferreira, afirma utilizando as tabulações de Pierre Nora (1993, p. 01), na temática do campo da memória é alvo de processos evolutivos, contrapostos ao ato de lembrar e esquecer. Contudo, a autora mostra uma possibilidade a ser

estudada ao pensarmos na linguagem utilizada pelos discentes inseridos no meio republicano, visto que exhibe um aprofundamento da memória e na qualidade material e histórica, no que tange o embasamento individual e significativo. Segundo Ferreira (2016, p. 138):

Pode-se dizer, então, que a língua é o lugar em que a memória histórico-discursiva, o saber discursivo que fala antes e que torna possível todo dizer (ORLANDI, 1999b), vai deixando vestígios e promovendo silenciamentos e transformações.

Os silenciamentos apontados por Ferreira, implica na linguagem utilizada na hierarquia das repúblicas federais, como é o caso das palavras bicho, semi-bicho e decano. Embora todas tenha características de poder, há uma ordem crescente para serem utilizadas.

O primeiro exemplo, o qual significa que o discente é calouro, é rebaixado ao nível de subordinação. Para esse sujeito, ele terá que ser disciplinado, para que seja escolhido pelo processo de batalha vivenciado por esse durante o início de sua graduação. O “bicho” sempre tem que se apresentar aos demais de sua comunidade afim de ser ressignificado, logo, a submissão é aplicada a trabalhos sem lógicas como a coleta de assinaturas pelas moradias da Universidade. Esse exemplo, na pior imaginação, acometerá em algum processo humilhante como ter seu quarto revirado por desobediência, o ato forçado de interação para pessoas introvertidas e afins.

Já o grau aumentado para o “semi-bicho”, na condição de sua evolução no meio republicano, incitará a perpetuação do processo de lavagem cerebral aos seus novos subordinados, no caso os calouros. E essa constância é comentada pelo loop até chegar ao posto final intitulado decano. Como supremo, não há ninguém abaixo desse indivíduo enquanto residente atual, a narrativa vivência pelo sujeito na sua formação inicial até o final da sua graduação e implicada pelo poder e individualidade.

Vale destacar que na condição de formando, o antigo decano é supervalorizado no critério de ex-aluno ao se pensar no título de deuses. Até chegar a esse momento, as discussões enraizadas de poderes estão intrínsecas a sua comunidade que o sujeito não ficará aberto a diálogos visto a experiência vividas por ele. Afinal, do que adianta reconhecer suas atitudes e possivelmente erros ao pensarmos que para esse em sua condição de calouro atrelada a sua memória, não houve diálogos? Portanto, urge a necessidade de praticar a oralidade nesse meio para que não haja manifestos.

França (2008) em sua dissertação, complementa as noções atribuídas ao léxico republicanos, contudo, a autora busca entender se esse processo é compartilhado aos nascidos na cidade de Ouro Preto. Posto isso, é verificado o caminho para duas vertentes, a primeira

como entrelaçada no cotidiano do universitário, enquanto que a segunda se aplica aos documentos presentes dos cidadãos ouropretanos. Ao acrescentarmos os três exemplos dados por França, é possível observar outros exemplos não ligados as relações de poder como a designação de camofa, catou e ferração (2008, p. 01).

Por fim, em *Os museus e as ambiguidades da memória: a memória traumática* (2018), inicialmente apresenta o contexto histórico atrelados a memória. Meneses traz ponderações de como a memória reflete na comunidade, a partir do final do século XIX no campo filosófico e psicológico, para um século mais tarde, essas noções serem atreladas também aos conceitos antropológicos, sociológicos e histórico, para enfim mostrar o interdisciplinar “caráter pragmático da memória” (MENESES, 2018, p. 02).

Posto isso, o autor relaciona as características da memória coletiva inseridas no campo monumental e museal na evolução privada, como exemplo, Ulpiano traz o Memorial dos Veteranos do Vietnã. A ideia do monumento memorial propõe de modo delicado, vangloriar o heroísmo dos militares afim de justificar a experiência vividas por esses sujeitos. Segundo Meneses (2018, p. 03):

A solução (1983), longe de homologar a interpretação oficial, dispensou qualquer figuração e fez construir dois paredões de mármore negro, que se encontram em “V”, inscritos com o nome de cada soldado morto (quase 60 mil) na superfície perfeitamente espelhada, capaz de refletir a imagem de cada observador – que passa assim a integrar o conjunto como indivíduo. O monumento se propõe, então, como espaço de atração de manifestações subjetivas – o trabalho de luto das pessoas envolvidas – e sem atender aos interesses do Estado, ainda que preferindo a condição de vítimas à de heróis.

Sendo assim, a memória traumática possui um poder de destaque por conta do seu legado conflituoso. Isso pressupôs que nesse englobamento a presença de vítimas e espectador, as postulações de memória transgeracional, memória ausente, memória silente e memória incorporada. Com cautela, é possível outorgar que os relatos obtidos no Anexo no que tange a violência, seja ampliada a ponderação de memória traumática.

## Considerações finais

Após a descrição da Monografia Curricular, urge rememorar algumas ponderações importantes desenvolvidas ao longo do desenvolvimento textual.

Em uma primeira instância, foi possível acompanhar a contextualização histórica referente a Universidade Federal de Ouro Preto desde a fusão das Escolas de Farmácia e Escola de Minas, o seu caráter institucional ao se pensar nas edificações em que findam as Unidades Acadêmicas nas cidades de Ouro Preto, Mariana e João Monlevade, e de suas ramificações.

Nesse momento, foi narrado o que e quais são as moradias estudantis e seus atributos, sendo elas as repúblicas federais, os Apartamentos da UFOP, a Vila Universitária, o Conjunto I e II, além de como se comportam e funcionam seja no caráter pago ou gratuito, pela auto gestão ou promovidas por editais com critérios socioeconômicos. Ademais, a descrição das Unidades Acadêmicas permitiu imaginar o espaço geográfico ocupado pela Universidade até o momento e a evolução das edificações da mesma.

Vale destacar que o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, criado em 2007 pelo Decreto 6. 096 pelo Governo Federal no território brasileiro, articulou para aumentar em grande escala o ingresso e a continuidade no curso de educação superior, possibilitou a edificação não somente de Unidades Acadêmicas como o Reuni do Instituto de Ciências Humanas e Sociais, mas também dos Apartamentos da UFOP pela quantidade de materiais que sobraram<sup>25</sup>.

Posteriormente, foi correlacionado as ponderações de diversos autores tanto do século XX e XXI sobre memória, no que tange o aspecto individual e coletivo, ao pensarmos na sociedade estudantil, bem como a sua inserção como patrimônio interligada ao conceito patriarcal. Dentre delas, as complementações interdisciplinares do campo da memória, cunhada por Sepúlveda intrínsecos a tradição e traços do passado possibilitaram o entendimento dos processos hierárquicos e tradicionais presentes nos processos de batalhas nas moradias estudantis.

O contexto histórico aplicados desde a Grécia Antiga, contempladas por marcos históricos até chegar à colonização do Brasil, demonstrou cenários das antigas sociedades enquanto se assemelham a comunidade urbana, nas relações de submissão e dominação.

---

<sup>25</sup> Como residente dessa categoria de moradia estudantil, é possível observar semelhanças nas estruturas da casa em relação as Unidades Acadêmicas.

Posto isso, de modo sucessor, a Metodologia da pesquisa e dados levantados: perfil do discente, planejou como seria formulado as entrevistas com os 100 voluntários referentes ao estudo de caso para a viabilização do projeto e quais foram os resultados esperados e obtidos. Nesse tópico, foi apresentado como seriam fundamentadas o questionário acerca do perfil do discente, a renda e sua narrativa ao pensar no aspecto da memória individual e coletiva e tradicional que foram representados por tabelas e relatos constado no Anexo.

Desse modo, as tradições é o ato de expressar seja na oralidade regidas por costumes e vivências, na qual é possível afirmar através dos resultados obtidos nos formulários que as tradições podem ser reescritas. O primeiro passo ao contextualizar com o tema proposto é a ampliação de políticas públicas, para o aumento de discentes em condições socioeconômicas nas residências estudantis, na qual são regidas pelo modelo de auto gestão. A longo prazo e de modo hipotético, não haveria grandes intervenções em caso de falha da implementação da ideia sugerida pois se a própria Universidade já possui um modelo ideal espelhado nos editais dos conjuntos estudantis.

As expectativas que almejava alcançar através do formulário de pesquisa foram satisfatórias, o qual possibilitou uma análise mais crítica da sociedade em que estamos inseridos enquanto discentes. Embora a possibilidade da autogestão republicana esteja longe de ressignificar, com os resultados obtidos neste trabalho, foi possível obter um encorajamento a esperança de que a longo prazo, a nova geração possa melhorar a tradição enraizada na cidade de Ouro Preto.

Vale pontuar que o processo de batalha introduz ao fortalecimento das bolhas sociais, adquiridas por meio da propagação do sistema republicano. Logo, a cada vez vamos alimentando essa peculiaridade, mais difícil fica para as perspectivas sobre essa comunidade. Sendo assim, é perceptível uma semelhança acerca das relações interpessoais que pode se obter de qualquer indivíduo. No ponto de vista republicano, os perpetuadores do legado da auto gestão só interagiram com os mesmo de sua índole, enquanto que os discentes socioeconômicos, manterão relações sociais nas bolhas que correspondem à realidade por eles compartilhadas.

No campo da Museologia, a Monografia apresentada conceitua temas relacionados a tradição e memória, vistos que são enraizados no sistema republicano passados por gerações de universitários desde a institucionalização da Universidade Federal de Ouro Preto até os dias atuais.



Por conseguinte, um sujeito qualquer que tenha lembranças obrigatoriamente está inserido em comunidade através da memória coletiva, pois o ato de lembrar é um acervo de memórias compartilhadas. Sendo assim, é explícito e necessário uma nova configuração para as moradias estudantis e principalmente um novo olhar acerca das tradições contemporâneas. Posto isso, é possível darmos um passo na quebra da barreira de uma das dificuldades que um universitário possa vivenciar ao terminar o ato da matrícula.

## Referências

ALMEIDA, Ana Beatriz Moreira Santos de. **A hospitalidade acadêmica ao público LGBTQI+: entre o acolher e o hostilizar na Universidade Federal de Ouro Preto.** Ouro Preto: UFOP, 2021.

AYRES, Maria Cláudia Bueno. **Desafios do plano de assistência estudantil no universo da educação superior dentro da Universidade Federal de Ouro Preto.** Ouro Preto: UFOP, 2017.

BARROS, Rafaela da Silva. **Diversa, mas não controversa: considerações acerca do papel dos assistentes sociais na política de assistência estudantil da UFOP e o projeto ético político profissional como laço que unifica teoria e prática.** Mariana: UFOP, 2021.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual.** Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade.** Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BRASIL, Bruno. **Educação: a Escola de Minas, em Ouro Preto.** BND Rio de Janeiro. 2020.

CANUTO, Lorena de Lima Mendes. **A expansão da UFOP promovida pelo REUNI: mercantilização da política educacional universitária e a insuficiência da assistência estudantil.** Mariana: UFOP, 2019.

CHAGAS, Mário. **Memória e poder: dois movimentos.** In: Museus e Políticas de Memória. Cadernos de Sociomuseologia, n 19 ULHT, Portugal, 2002, pp: 35-68.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio,** São Paulo: UNESP, 2001.

DJONGA. **Olho de Tigre.** PineappleStormTV/ Brainstormestudio, 2017.

FERNANDES, Larissa Casanova Lara. **Comportamento organizacional das repúblicas federais da Universidade Federal de Ouro Preto**. Mariana: UFOP, 2019.

FERREIRA, Lucia M A. **Memória e esquecimento na língua**. Rio de Janeiro, Revista Morpheus, 2016.

FRANÇA, Adriana Altíssimo. **O léxico da comunidade de Ouro Preto -MG: da (im) possibilidade de reflexos do contato linguístico**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: métodos de pesquisas em ciências sociais e humanas**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.

GONÇALVES, Andréa Lisly. **Algumas perspectivas da historiografia sobre Minas Gerais nos séculos XVIII e XIX**. In: Ronald Polito de Oliveira. (Org.). Termo de Mariana: História e documentação. 1ªed.Ouro Preto: Editora da UFOP, 1998, v. 01, p. 13-26.

GONDAR, Jô. **Cinco proposições sobre memória social**. Rio de Janeiro, Revista Morpheus, 2016.

HALBWACHS, Maurice. Memória coletiva e memória individual. In: HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Revista dos Tribunais, 1990.

HALL, Stuart. Globalização. In: HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006, p.67-76.

HARTOG, François. (2006). **Tempo e patrimônio**. Varia História. 22. 10.1590/S0104-87752006000200002.

JUNIOR, Eliezer de Oliveira Alves. **O REUNI e a ampliação recente do ensino superior público: elementos sobre o caso da UFOP**. Mariana: UFOP, 2018.

LACERDA, Ligian Christina. **A assistência estudantil no ensino superior: uma análise sobre a sua relevância para garantir a permanência dos discentes nas universidades públicas federais.** Mariana: UFOP, 2019.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. **Os museus e as ambiguidades da memória: a memória traumática.** Conf. 10o. Encontro Paulista de Museus – Memorial da América Latina / 18.07.2018.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social.** Estudos históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

RESENDE, Raiane Santos. **As repúblicas estudantis de Ouro Preto e Mariana: influências da comunidade na existência de uma bolha social.** Mariana: UFOP, 2021.

RODRIGUES, Marcos Paulo Ferreira. **Um sistema de recomendação entre estudantes e repúblicas baseado na personalidade.** Ouro Preto: UFOP, 2019.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **O pesadelo da amnésia colectiva: um estudo sobre os conceitos de memória, tradição e traços do passado.** In: Museus e Políticas de Memória. Cadernos de Sociomuseologia, n 19 ULHT, Portugal, 2002, pp: 121-150.

SANTOS, Paulo Coelho Mesquita; COSTA. Adilson Rodrigue da. **A Escola de Minas de Ouro Preto e as “Seções de Geologia” do Brasil nas Exposições Universais.** Revista da Escola de Minas, 2006.

São Paulo: Instituto Paulo Freire, 1968. FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** São Paulo: Paz e Terra, 1968.

SILVA, Felipe Henrique Xavier da. **Turismo e hospedagem educacional: estudo do Laboratório de Hospedagem do curso de Turismo da UFOP.** Ouro Preto: UFOP, 2021.

SILVA, Walerryne Same Oliveira Coelho. **Mediação como método adequado de solução de conflitos nas moradias estudantis da UFOP: um relato de experiência**. Ouro Preto: UFOP, 2021.

SOUZA, Laura de Mello. **Desclassificados do ouro**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

VENÂNCIO, Larissa Gonçalves. **Gênero em museus de ciência: análise de como a mulher é abordada na exposição de Química do Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto**. Ouro Preto: UFOP, 2018.

#### Sites consultados:

A Escola. **Escola de Farmácia**. UFOP. Site institucional. Disponível em: <<https://escoladefarmacia.ufop.br/escola>>. Acesso em: 27 out. 2021.

A Escola. **UFOP**. UFOP. Site institucional. Disponível em: <<https://edtm.ufop.br/hist%C3%B3ria>>. Acesso em: 28 out. 2021.

AFONSO, Marcelo. **Raking THE inclui UFOP entre as melhores universidades do mundo**. UFOP, 2020. Site institucional. Disponível em: <<https://ufop.br/noticias/internacionalizacao/ranking-inclui-ufop-entre-melhores-universidades-do-mundo>>. Acesso em: 27 out. 2021.

**Annaes da Escola de Minas de Ouro Preto**. BND Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=717703&pagfis=2>>. Acesso em: 02 fev. 2022.

**Annaes da Escola de Minas de Ouro Preto: Collecões de Memorias e de noticias sobre a Mineralogia, a Geologia e as explorações das minas no Brazil**. BND Rio de Janeiro, 1881. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=717703&pagfis=4>>. Acesso em: 10 fev. 2022.

**Apartamentos – Campus Ouro Preto.** UFOP. Site institucional. Disponível em: <<http://www.prace.ufop.br/assistencia-estudantil/moradia-estudantil/modalidade-socioeconomica/apartamento-campus-ouro-preto>>. Acesso em: 29 out. 2021.

Banco de fotos – **Ala das Repúblicas Federais.** UFOP. Site institucional. Disponível em: <[https://saci2.ufop.br/servico\\_fotos\\_foto?id=5339](https://saci2.ufop.br/servico_fotos_foto?id=5339)>. Acesso em: 13 dez. 2021.

Banco de fotos – **Apartamentos da UFOP.** UFOP. Site institucional. Disponível em: <<https://prace.ufop.br/assistencia-estudantil/moradia-estudantil/modalidade-socioeconomica/apartamento-campus-ouro-preto>>. Acesso em: 13 dez. 2021.

Banco de fotos – **Conjunto I.** UFOP. Site institucional. Disponível em: <[https://saci2.ufop.br/servico\\_fotos\\_foto?id=5336](https://saci2.ufop.br/servico_fotos_foto?id=5336)>. Acesso em: 13 dez. 2021.

Banco de fotos – **Conjunto II.** UFOP. Site institucional. Disponível em: <[https://saci2.ufop.br/servico\\_fotos\\_foto?id=2883](https://saci2.ufop.br/servico_fotos_foto?id=2883)>. Acesso em: 13 dez. 2021.

Banco de fotos - **ICEA.** UFOP. Site institucional. Disponível em: <[https://saci2.ufop.br/servico\\_fotos\\_foto?id=3025](https://saci2.ufop.br/servico_fotos_foto?id=3025)>. Acesso em: 13 dez. 2021.

Banco de fotos - **ICHS.** UFOP. Site institucional. Disponível em: <[https://saci2.ufop.br/servico\\_fotos\\_foto?id=4032](https://saci2.ufop.br/servico_fotos_foto?id=4032)>. Acesso em: 13 dez. 2021.

Banco de fotos - **ICSA.** UFOP. Site institucional. Disponível em: <[https://saci2.ufop.br/servico\\_fotos\\_foto?id=1242](https://saci2.ufop.br/servico_fotos_foto?id=1242)>. Acesso em: 13 dez. 2021.

Banco de fotos - **UFOP.** UFOP. Site institucional. Disponível em: <[https://saci2.ufop.br/servico\\_fotos\\_foto?id=8378](https://saci2.ufop.br/servico_fotos_foto?id=8378)>. Acesso em: 13 dez. 2021.

Banco de fotos – **Vila Universitária.** UFOP. Site institucional. Disponível em: <[https://saci2.ufop.br/servico\\_fotos\\_foto?id=5332](https://saci2.ufop.br/servico_fotos_foto?id=5332)>. Acesso em: 13 dez. 2021.

BRANDÃO, Kinberlly. **Alunos de Museologia fazem vaquinha para exposição curricular dos 50 anos da UFOP.** Site institucional, 2019. Disponível em: <<https://www.ufop.br/noticias/ufop-50-anos/alunos-de-museologia-fazem-vaquinha-para-exposicao-curricular-dos-50-anos-da>>. Acesso em: 28 out. 2021.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 140** - 04 de abril de 1839. Legislação que aprova a criação da Escola de Farmácia em Ouro Preto e São João Del Rei. Arquivo Público Mineiro. Disponível em: <[http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/leis\\_mineiras/brtacervo.php?cid=668](http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/leis_mineiras/brtacervo.php?cid=668)>. Acesso em: 03 fev. 2022.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 6.026** - Legislação que aprova a criação da Escola de Minas. Planalto. Disponível em: <<https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=DIM&numero=6026&ano=1875&ato=d3e0TPn5EeRRVT291>>. Acesso em: 04 fev. 2022.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 778** - 21 de agosto de 1969. Legislação que aprova o funcionamento da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Câmara dos Deputados. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1960-1969/decreto-lei-778-21-agosto-1969-374757-publicacaooriginal-1-pe.html#:~:text=Autoriza%20o%20funcionamento%20da%20Universidade,UFOP>>. Acesso em: 02 fev. 2022.

**CEAD.** UFOP. Site institucional. Página inicial. Disponível em: <<http://www.cead.ufop.br/>>. Acesso em: 28 out. 2021.

**Conjunto I** – Campus Mariana. UFOP. Site institucional. Disponível em: <<http://www.prace.ufop.br/assistencia-estudantil/moradia-estudantil/modalidade-socioeconomica/conjunto-i-campus-mariana>>. Acesso em: 29 out. 2021.

**Conjunto II** – Campus Mariana. UFOP. Site institucional. Disponível em: <<http://www.prace.ufop.br/assistencia-estudantil/moradia-estudantil/modalidade-socioeconomica/conjunto-ii-campus-mariana>>. Acesso em: 29 out. 2021.

Correio Braziliense. **Brasil registra um caso de feminicídio a cada 6 horas e meia.** Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2021/07/4937873-brasil-registra-um-caso-de-feminicidio-a-cada-6-horas-e-meia.html>>. Acesso em: 28 out. 2021.

**Cronologia.** UFOP. Site institucional. Disponível em: <<https://ufop.br/50anos/cronologia>>. Acesso em: 28 out. 2021.

**Diretoria.** UFOP. Site institucional. Disponível em: <<https://ichs.ufop.br/diretoria-0>>. Acesso em: 28 out. 2021.

É TEMPO de UFOP. **Corre que ainda dá tempo de visitar a exposição hoje!** Ouro Preto, 28 nov. 2019. Facebook: @etempodeufop. Disponível em: <<https://www.facebook.com/etempodeufop>>. Acesso em: 02 nov. 2021.

É TEMPO DE UFOP. **Deu no diário de notícias do Rio!** Ouro Preto. 01 nov. 2019. Instagram: @etdufop. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/B4VP2BdAIQ2/>>. Acesso em: 02 nov. 2021.

É TEMPO de UFOP. **É tempo de UFOP**, 2019. Página inicial. Disponível em: <<https://www.facebook.com/etempodeufop>>. Acesso em: 02 nov, 2021.

**EDTM.** UFOP. Site institucional. Página inicial. Disponível em: <<https://edtm.ufop.br/>>. Acesso em: 28 out. 2021.

**Educação: A Escola de Minas em Ouro Preto.** BND Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/artigos/educacao-a-escola-de-minas-em-ouro-preto/>>. Acesso em: 02 fev. 2022.

**EEF.** UFOP. Site institucional. Página inicial. Disponível em: <<https://eefufop.ufop.br/>>. Acesso em: 28 out. 2021.

**EMED.** UFOP. Site institucional. Página inicial. Disponível em: <<https://medicina.ufop.br/>>. Acesso em: 28 out. 2021.



**ENUT.** UFOP. Site institucional. Página inicial. Disponível em: <<https://enut.ufop.br/>>. Acesso em: 28 out. 2021.

**Escola de Farmácia.** UFOP. Site institucional. Página inicial. Disponível em: <<https://escoladefarmacia.ufop.br/>>. Acesso em: 27 out. 2021.

**Escola de Minas.** UFOP. Site institucional. Página inicial. Disponível em: <<http://www.em.ufop.br/>>. Acesso em: 27 out. 2021.

**Graduação.** UFOP. Site institucional. Disponível em: <<http://www.cead.ufop.br/index.php/cursos-de-graduacao>>. Acesso em: 28 out. 2021.

**História da Escola de Minas.** Escola de Minas. Site institucional. Disponível em: <<http://www.em.ufop.br/index.php/historia>>. Acesso em: 27 out. 2021.

**História da Escola de Nutrição.** UFOP. Site institucional. Disponível em: <<https://enut.ufop.br/history>>, Acesso em: 28 out. 2021.

**História da UFOP.** UFOP. Site institucional. Disponível em: <<https://www.ufop.br/historia-da-ufop>>. Acesso em: 27 out. 2021.

**História do Museu.** UFOP. Site institucional. Disponível em: <<https://mct.ufop.br/hist%C3%B3ria-do-museu>>. Acesso em: 27 out. 2021.

**História.** UFOP. Site institucional. Disponível em: <<http://www.cead.ufop.br/index.php/o-cead/historia>>. Acesso em: 28 out. 2021.

**Histórico.** UFOP. Site institucional. Disponível em: <<https://eefufop.ufop.br/historico>>. Acesso em: 28 out. 2021.

**Histórico.** UFOP. Site institucional. Disponível em: <<https://ifac.ufop.br/hist%C3%B3rico>>. Acesso em: 28 out. 2021.

**ICEA.** UFOP. Site institucional. Página inicial. Disponível em: <<https://icea.ufop.br/>>. Acesso em: 28 out. 2021.

**ICHS.** UFOP. Site institucional. Página inicial. Disponível em: <<https://ichs.ufop.br/>>. Acesso em: 28 out. 2021.

**ICSA.** UFOP. Site institucional. Página inicial. Disponível em: <<https://icsa.ufop.br/>>. Acesso em: 28 out 2021.

**IFAC.** UFOP. Site institucional. Página inicial. Disponível em: <<https://ifac.ufop.br/>>. Acesso em: 28 out. 2021.

**LAPAC.** Escola de Farmácia. Site institucional. Disponível em: <<https://escoladefarmacia.ufop.br/lapac>>. Acesso em: 27 out. 2021.

**LGBTA.** Página inicial. **Diamoric.** Disponível em: <<https://lgbta.fandom.com/wiki/Diamoric>>. Acesso em: 18 dez. 2021.

**MARQUES.** Rondon. **A criação da UFOP.** UFOP, 2019. Site institucional. Disponível em: <<https://ufop.br/noticias/ufop-50-anos/criacao-da-ufop>>. Acesso em: 28 out. 2021.

**Moradia de Gestão Compartilhada.** UFOP. Site institucional. Disponível em: <<http://www.prace.ufop.br/assistencia-estudantil/moradia-estudantil/modalidade-de-gestao-compartilhada>>. Acesso em: 29 out. 2021.

**Moradia Estudantil.** UFOP. Site institucional. Disponível em: <<https://prace.ufop.br/assistencia-estudantil/moradia-estudantil>>. Acesso em: 29 out. 2021.

**Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas.** UFOP. Site institucional. Página inicial. Disponível em: <<https://mct.ufop.br/>>. Acesso em: 27 out. 2021.

**Museu de Pharmacia.** Escola de Farmácia. Site institucional. Disponível em: <<https://escoladefarmacia.ufop.br/museu-da-pharmacia-0>>. Acesso em: 27 out. 2021.

**O Instituto.** UFOP. Site institucional. Disponível em: <<https://icea.ufop.br/instituto/historia>>. Acesso em: 28 out. 2021.

**O Instituto.** UFOP. Site institucional. Disponível em: <<https://icsa.ufop.br/o-instituto>>. Acesso em: 28 out. 2021.

Página do Ministério Público do Paraná. Disponível em: [https://urbanismo.mppr.mp.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=9#:~:text=A%20refer%C3%Aancia%20%C3%A9%20%C3%A0%20Declara%C3%A7%C3%A3o,em%20seu%20artigo%20XXV%2C%20n.&text=Esse%20Pacto%20\(Tratado%20Internacional%20sobre,o%20direito%20%C3%A0%20moradia%20digna](https://urbanismo.mppr.mp.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=9#:~:text=A%20refer%C3%Aancia%20%C3%A9%20%C3%A0%20Declara%C3%A7%C3%A3o,em%20seu%20artigo%20XXV%2C%20n.&text=Esse%20Pacto%20(Tratado%20Internacional%20sobre,o%20direito%20%C3%A0%20moradia%20digna). Acesso em: 04 ago. 2021.

**PRACE.** UFOP. Site institucional. Página inicial. Disponível em: <<https://prace.ufop.br/>>. Acesso em: 29 out. 2021.

**Quadrilátero Ferrífero.** Brasil escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/quadrilatero-ferrifero.htm>>. Acesso em: 27 out. 2021.

**REUNI. O que é o Reuni.** Disponível em: < <https://reuni.mec.gov.br/o-que-e-o-reuni>>. Acesso em: 18 dez. 2021.

**Tipos de assédio.** Comissão de Direitos Humanos. USP. Disponível em: <<https://edisciplinas.usp.br/mod/page/view.php?id=3659587&forceview=1>>. Acesso em: 19 fev. 2022.

**Vila Universitária** – Campus Ouro Preto. UFOP. Site institucional. Disponível em: <<http://www.prace.ufop.br/assistencia-estudantil/moradia-estudantil/modalidade-socioeconomica/vila-universitaria-campus-ouro>>. Acesso em: 29 out. 2021.

## APÊNDICE – Roteiro do formulário de pesquisa



**Universidade Federal de Ouro Preto**

**Escola de Direito, Turismo e Museologia**

**Curso de Museologia**

**Roteiro do formulário de pesquisa – Monografia Curricular**

**UFOP**

Olá, meu nome é Rafaela Bazílio Mariani e sou graduanda do curso de bacharelado em Museologia pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

Sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Cristina Audebert Ramos de Oliveira, pretendo realizar a pesquisa intitulada “O olhar perpétuo das tradições: o fenômeno das repúblicas federais da Universidade Federal de Ouro Preto na perspectiva crítica”, cujo objetivo principal é coletar dados dos discentes afim de obter uma análise para o trabalho de conclusão de curso.

O questionário estará disponível até o dia 17 de novembro de 2021.

Para responder a esse questionário, você precisará de menos de 15 minutos, não há respostas certas ou erradas.

Todas as informações que você fornecer serão mantidas em sigilo.

Sua contribuição será de grande valor e agradeço pela sua participação.

Por favor, responda-o até o final e não se esqueça de clicar para ENVIAR!

- E-mail: \*<sup>26</sup> \_\_\_\_\_

### **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

---

<sup>26</sup> As questões que possuem o sinal gráfico intitulado como asterisco são de caráter obrigatório, enquanto que as que não possuem são opcionais para os entrevistados.

O(A) Senhor(a) está sendo convidado a participar da pesquisa "O olhar perpétuo das tradições: o fenômeno das repúblicas federais da Universidade Federal de Ouro Preto na perspectiva crítica". Este formulário contém perguntas para estudantes de graduação e pós-graduação da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), cuja discente responsável é Rafaela Bazílio Mariani.

Para prosseguir, você deverá:

1. Aceitar participar eletronicamente da pesquisa, o que corresponderá à escolha da opção "Sim" ao fim deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE);
2. Responder ao questionário on-line de acordo com suas preferências. Como o questionário está disponível on-line, ele pode ser respondido no momento e local de sua preferência. Você não terá custos para respondê-lo nem será remunerado(a) pela sua participação nessa pesquisa.

Você tem de plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma para o tratamento que recebe neste serviço online. Caso aceite participar sua participação consiste em preencher esse questionário online.

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes. Nesta pesquisa os riscos para você são possibilidade de danos à dimensão psíquica, moral, intelectual, social ou cultural, como em qualquer pesquisa e dela decorrente. Garantimos ao(à) Sr(a) a manutenção do sigilo e da privacidade de sua participação e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica. Os materiais utilizados para coleta de dados serão armazenados por 5 (cinco) anos, após descartados, conforme preconizado pela Resolução CNS nº. 466 de 12 de dezembro de 2012.

As informações obtidas por meio dessa pesquisa serão utilizadas exclusivamente com finalidade científica, não podendo ser utilizadas para outros fins, sem a sua prévia autorização. Não existe benefício ou vantagem direta em participar desta pesquisa e para esse potencial contribuição, os resultados da pesquisa serão analisados e apresentados como defesa de Monografia. Solicitamos a sua autorização para o uso de seus dados para a produção de um trabalho de conclusão de curso. Ao assinar este TCLE, uma cópia do mesmo será automaticamente enviada para seu endereço eletrônico, informado no questionário on-line a

seguir. Declaro que fui informado(a) sobre todos os procedimentos da pesquisa e que recebi, de forma clara e objetiva, todas as explicações relacionadas ao desenvolvimento da pesquisa. Declaro que todas as informações fornecidas por mim no questionário on-line são verdadeiras e que, ao clicar em "Sim" a seguir, estou concordando em participar desta pesquisa.

Declaro que li este termo e concordo em participar da pesquisa. \*

( ) Sim

( ) Não

### **Perfil do discente**

Este formulário visa conhecer um pouco sobre você e a identificação é feita para evitar duplicação de dados e todas as informações serão mantidas em caráter confidencial. Agradeço por você ter aceitado participar desta pesquisa que estou desenvolvendo como Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Ouro Preto, sob orientação da prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Ana Cristina Audebert Ramos de Oliveira.

Cordialmente,

Rafaela Bazílio.

Graduanda do Bacharelado em Museologia pela UFOP

- Qual é o seu e-mail? \* \_\_\_\_\_
- Qual é o seu nome? \* \_\_\_\_\_
- Qual é a sua idade? \* \_\_\_\_\_
- Qual a sua identidade de gênero? \*
  - ( ) Mulher cisgênero
  - ( ) Mulher transgênero
  - ( ) Homem cisgênero
  - ( ) Homem transgênero
  - ( ) Pessoa não-binária
  - ( ) Prefiro não responder
  - ( ) Outros \_\_\_\_\_
- Qual a sua orientação sexual? \*

- Homossexual
  - Heterossexual
  - Pansexual
  - Assexual
  - Prefiro não responder
  - Outros \_\_\_\_\_
- Qual é a etnia que você se identifica? \*
    - Preta
    - Branca
    - Parda
    - Amarela
    - Indígena
    - Prefiro não declarar
    - Outros \_\_\_\_\_
- Qual é a sua Unidade Acadêmica? \*
    - Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS)
    - Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas (ICSA)
    - Escola de Direito, Turismo e Museologia (EDTM)
    - Escola de Nutrição (ENUT)
    - Escola de Medicina (EMED)
    - Escola de Farmácia (EFAR)
    - Escola de Minas (EM)
    - Departamento de Minas (DEMIN)
    - Departamento de Geologia (DEGEO)
    - Instituto de Filosofia e Artes Cênicas (IFAC)
    - Instituto de Ciências Exatas e Biológicas (ICEB)
    - Bloco de Salas
    - Instituto de Ciências Exatas e Aplicadas (ICEA)
    - Outros \_\_\_\_\_
- Qual é o seu grau de formação atualmente? \*
    - Graduação
    - Pós- graduação
    - Mestrado

Doutorado

Outros \_\_\_\_\_

- Você reside na cidade em que está regularmente matriculado? \*
  - Sim
  - Não
  - Sim, embora esteja em outro lugar por conta da pandemia do COVID-19
  - Não, pois moro em distrito ou em cidades vizinhas
  - Outros \_\_\_\_\_

### **Moradia do discente**

- Qual é a sua renda atualmente? \*
  - Menos de um salário mínimo
  - Um salário mínimo
  - Dois salários mínimos
  - Mais de dois salários mínimos
- Você possui bolsa socioeconômica? \*
  - Sim
  - Não
- Se sim, poderia dizer qual categoria?
  - Categoria A
  - Categoria B
  - Categoria C
  - Categoria D
  - Categoria E
- Você possui outro tipo de bolsa? \*
  - Sim
  - Não
- Se sim, poderia dizer qual?
  - PIBID
  - PIBIC
  - Residência pedagógica
  - Bolsa ligada a PROEX



- ( ) Outros \_\_\_\_\_
- Caso tenha afirmado que recebe ambas as bolsas, seja institucional ou permanência, você depende exclusivamente delas para sua sobrevivência? \*
    - ( ) Sim
    - ( ) Não
    - ( ) Não se aplica
  - Você sabia que a Universidade Federal de Ouro Preto possui alojamentos? \*
    - ( ) Sim
    - ( ) Não
  - Você é morador de alojamento? \*
    - ( ) Sim
    - ( ) Não
  - Se sim, poderia dizer qual alojamento reside atualmente?
    - ( ) Apartamentos da UFOP, Ouro Preto – MG
    - ( ) Vila Universitária, Ouro Preto – MG
    - ( ) Conjunto I conhecido como Moitas, Mariana – MG
    - ( ) Conjunto II conhecido como Catete, Mariana – MG
  - Você é morador de república? \*
    - ( ) Sim
    - ( ) Não
  - Se sim, poderia dizer se a república é federal ou particular? \*
    - ( ) Federal
    - ( ) Particular
    - ( ) Não se aplica
  - O seu círculo social possui amigos que moram em alojamento? \*
    - ( ) Sim
    - ( ) Não
  - O seu círculo social possui amigos que moram em repúblicas federais ou particulares? \*
    - ( ) Sim
    - ( ) Não
  - Você já foi ou conhece alguém que tenha sido recusado de residir em república federal ou particular? \*

- ( ) Sim, eu fui
- ( ) Sim, eu conheço alguém
- ( ) Não
- Se sim, você poderia dizer o motivo de ter sido recusado a morar na república?  
\_\_\_\_\_
- Você sabe a diferença entre batalha, escolha e trote? \*
  - ( ) Sim
  - ( ) Não
- Você já participou de batalha ou escolha? \*
  - [ ] Sim, para batalha
  - [ ] Sim, para escolha
  - [ ] Não
- Você concorda com esse processo seletivo de batalhas e escolhas? \*
  - ( ) Sim
  - ( ) Não
- Independente da resposta anterior, poderia justificar o motivo de concordar ou discordar? \_\_\_\_\_
- Você acha importante a hierarquia dentro das moradias estudantis? \*
  - ( ) Sim
  - ( ) Não
- Se sim, poderia dizer o por quê? \_\_\_\_\_
- Você concorda que tradições em geral podem ser mudadas? \*
  - ( ) Sim
  - ( ) Não
- Você já sofreu algum tipo de violência em república federal ou particular? \*
  - ( ) Sim
  - ( ) Não
- Como se sente confortável, poderia relatar o que houve? \_\_\_\_\_
- Você já sofreu assédio em república federal ou particular? \*
  - ( ) Sim
  - ( ) Não
- Você já sofreu racismo em república federal ou particular? \*
  - ( ) Sim

- Não
- Você já sofreu LGBTQIA+fobia em república federal ou particular? \*  
 Sim  
 Não
  - Este campo está disponível caso sinta-se confortável em relatar algum episódio ou vivência. \_\_\_\_\_

Agradeço por ter respondido com sinceridade o questionário! Não se esqueça de clicar em “enviar” para a consolidação do formulário. Deixo o meu e-mail abaixo para caso você se interessar em trazer mais relatos ou queira conceber entrevista.

E-mail: [rafaela.mariani@aluno.ufop.edu.br](mailto:rafaela.mariani@aluno.ufop.edu.br)

## ANEXO

## Anexo 01 – Relatos obtidos pelo roteiro do formulário de pesquisa

Entrevistado	Pergunta: Se sim, você poderia dizer o motivo de ter sido recusado a morar na república?
02	Por não compactuar com certas atitudes e ações. Mesmo o diálogo sempre estando à disposição, o ouvir nunca se fez presente. E por se tratar de uma tradição, é algo que leva/levará muitos anos para se mudar.
03	Não aceitar o que acontecia, mas tudo é justificado com não faz o perfil.
06	Não me adaptei a hierarquia da casa.
09	Opção sexual.
10	Homofobia.
12	Minha amiga foi "catada", ou seja, pediram ela pra sair pois ela não frequentava as festas ou consumia bebida alcoólica.
16	Sou morador de OP e já vi vários recusados, motivos variados.
17	No caso o aluno não pagou as contas de casa durante vários meses.
18	Não sei o motivo, acredito que foi por homofobia. Eu morei em república federal, mas eu saí por vontade própria. Não estava aguentando a batalha porque eu não podia me dedicar aos estudos.
19	Muitos trotes.
22	Não deu conta da batalha e por isso foi catado.
25	Não ajudava nos afazeres gerais.
28	Estava ameaçando a boa convivência da casa.
29	A pessoa não se adaptou com as atuais moradoras do local, sendo muito diferente o seu modo de expressar e viver no coletivo, onde somos uma casa que comporta 16 a 20 pessoas, gerando então um desconforto no seu dia a dia.
30	Minha orientação sexual e identidade de gênero.
31	a pessoa estava roubando pertences e dinheiro da casa
32	Racismo e pela pessoa ter se recusado a se submeter as humilhações que os moradores das repúblicas chamam de "batalha".
34	Por ser LGBT.
35	Notas baixas.
40	Pressão masculina para que um homem gay beijasse uma menina.
41	Expulsos por problemas de convivência, geralmente.
42	Falta de responsabilidade para com a casa.
43	Há trotes, dentre eles o psicológico.
44	Trotes.
47	Festa com uma frequência absurda, barulho pois nas casas sempre tem música tocando o que prejudica minha concentração, e principalmente batalha, acho absurdo a forma com que as repúblicas federais fazem a escolha do morador, deixando o calouro que eles chamam de "bixo" fazer todas tarefas da casa, acordar cedo, obrigar a participar de festas, e não senti que é um ambiente acolhedor.
49	Ambos os casos foram em república particular, em uma república feminina a mulher foi "desligada" da república porque ela tinha muitos problemas psicológicos e ela começou a ter problemas com as outras

	moradoras em decorrência disso, e quando as moradoras buscaram ajuda da família da mulher e da universidade, ambas foram negligentes e não se importaram em dar suporte. No outro caso, foi em uma república masculina, o homem foi "desligado" por ser tímido demais e por seu perfil não se encaixar na república.
50	Transgressão de regras da casa.
52	Não se adequava ao perfil. Ou a própria pessoa quis sair por não concordar.
54	Não se concordar as políticas internas da república.
55	Hierarquia, falta de espaço para estudos.
56	A pessoa que conheço não foi exatamente recusada, mas "catada". Depois de quase 10 anos morando na República Kaos, o Indivíduo X (sim, porque eu cito nomes) foi catado pelos ex alunos da república porque ele não conseguia se formar. A justificativa que foi dada foi a seguinte: "Você não tem perfil para fazer parte da comunidade de ex alunos da Associação República Kaos de Ouro Preto, uma vez que você nem ao menos consegue se formar."
57	Homofobia.
58	Para a pessoa que conheço incomodou hierarquia e a grana envolvida, pois os gastos eram altos para manutenção da casa histórica em OP. Para mim, nunca tive interesse em morar em repúblicas devido à hierarquia, optei por dividir apartamento com 2-3 pessoas. A demanda social também me afastou, já que rolavam muitos rocks e eventos que a moradora acaba tendo que participar.
61	Porque há trotes e obrigação de participar de festas e beber.
62	Tenho um amigo que foi claramente recusado de ingressar em uma república Federal porque os residentes não aprovaram seu perfil. Apesar de não ter sido esclarecido o real motivo ficou evidente que se tratava de preconceito devido sua orientação sexual.
64	Por não se adaptar às regras da casa.
67	Optei não me submeter a tamanha situação
68	Pensamentos divergentes entre moradores e o candidato à vaga.
72	Pessoa violenta.
74	foi dada tal justificativa "não vemos que a república é prioridade na sua vida"
77	adaptação difícil nas repúblicas por conta do sistema de batalha, ou porque preferiam um espaço mais perto da ufop que não fosse república mas que tivesse uma caixinha barata.
79	Não me adequava ao perfil da república.
80	Dinheiro.
83	Incompatibilidade com os valores da república.
87	Problemas de convivência com os demais moradores
89	Segundo os moradores da casa, a pessoa não se enquadrava na casa.
94	Tempo que faltava pra formar ser inferior ao que o estatuto da república aceitava.
97	Diversos, incluindo questões relacionadas a incapacidade desses ambientes de acomodarem pessoas neurodivergentes (como, por exemplo, com disfunção executiva de sintoma de TDAH, acarretando em conflitos relacionados à divisão de tarefas dentro da república, que por sua vez,

	raramente leva em consideração tais fatores).
98	Homofobia.

<b>Entrevistado</b>	<b>Pergunta:</b> Independente da resposta anterior, poderia justificar o motivo de concordar ou discordar? (Processo seletivo)
01	O primeiro período letivo é o mais importante, pois é onde se formam as capacidades básicas de ensino do aluno no restante do curso, e a ideia de tentar ensinar a cuidar da casa de forma exploratória, na maioria das vezes, e até vexaminosa, em outras, justamente nesse período, ao invés de deixar que a pessoa aprenda com o tempo. Essa forma de tratar esse assunto faz com que o estudante fique recluso, fazendo com que a república em questão opte por adotar ainda uma outra técnica (E é aí que entra outra parte do problema): "A socialização dos 'bixos'", onde ele/a acaba sendo "convidado" a conhecer outras repúblicas que, por vezes, também usam as mesmas táticas exploratórias e vexaminosas. É uma forma de abordar o tema que não tem necessidade alguma. É apenas para satisfazer a vontade de humilhação, o que é uma prática nada interessante para jovens que estão iniciando sua vida acadêmica. Me parece uma prática que nasceu através da vontade que a maioria de alunos socioeconomicamente mais estáveis tinham de se exibir para outros menos abastados e que continua hoje, porém hoje em dia é mais percebida e mais "cruel" ainda, se levado em consideração que os avanços em políticas de educação para os mais vulneráveis, dos governos Lula e Dilma, abriram portas para pessoas de baixa e baixíssima renda familiar. Isso aliado às práticas já citadas: humilhantes, exploratórias, vexaminosas. Isso tudo logo no primeiro período. E com a cortina de "ensinar a cuidar da casa".
02	Acredito que minha resposta para a pergunta anterior seria 'depende'. Se pensarmos, por exemplo, que a maioria dos discentes que chegam na UFOP são praticamente adolescentes e não sabem nem preparar sua própria comida e afins, a batalha serve bastante para que a pessoa tenha a oportunidade de se desenvolver, aprendendo a viver e conviver em harmonia com os demais. Mas por outro lado, se vemos esse processo como algo que humilha e faz a pessoa se sentir desconfortável nas situações, aí discordo do processo. Portanto, há muitas repúblicas federais e particulares que possuem suas especificidades nessas questões, por isso prefiro não generalizar.
03	Eu já batalhei em federal e muitas coisas que acontece não é saudável!
04	Discordo porque acho uma ideia ultrapassada e que faz as pessoas muitas vezes sofrerem.
05	Os estudantes saem de suas casas para estudar em uma cidade diferente e ainda precisam enfrentar essas humilhações para conseguir uma moradia por um preço mais acessível, acho muito injusto.
06	Impossibilita o acesso de pessoas que realmente precisam de casa a casas com muitos lugares vagos.
07	Não concordo com a ideia de que além de pagar suas despesas básicas você ainda deve concorrer a vaga, com a incerteza de poder residir ali.

09	Acho que é justo que a pessoa passe por um período de adaptação com os moradores.
10	Acho que em parte a batalha prepara jovens recém saídos do ensino médio e da casa dos pais para a “vida real”. Porém é humilhante e desumano diversas condutas nas batalhas, além das discriminações de grupos enquadrados como minorias sociais.
11	Tratando-se dos espaços federais acredito e defendo que devem passar por processo seletivo quem tenham como base o critério socioeconômico.
12	Um sistema machista, opressor.
13	No caso da minha república, acho importante o processo de batalha (que tem base a convivência) e a escolha é legal que mostra que vc é importante a casa.
15	É injusto e remete a relações de subserviência.
16	A definição de ingresso e permanência deveria ser socioeconômico (para as federais), nem deveria existir a batalha.
17	Concordo, pois a ideia é como um processo semelhante ao que as empresas aplicam, contudo não concordo com a forma como é aplicada.
18	Não acho que a permanência de uma pessoa seja feita por batalha, seria conversa e convivência. Acho desnecessário essa ideia de hierarquia.
19	Se a pessoa paga para morar ali, é justo que possa morar independente da personalidade.
20	Método muitas vezes vexatório, não cumpre o papel de acolher, segrega e perpetua a concepção de hierarquias.
21	Não concordo com o modelo hierárquico e muito menos com os abusos sofridos pelos moradores mais novos.
22	Não acho um método justo, a partir do momento em que a batalha passa a ser psicológica e social, sendo que na maioria das vezes um indivíduo procura casas como rep federal e particular para poder se sustentar durante a faculdade, e ter exigências para além de estudar e ter boa convivência pode ser muita das vezes difíceis, já que exercer atividade física para além da conservação da casa é extremamente exaustivo emocionalmente e mentalmente, enquanto as obrigações sociais além de te fazer participar de eventos que as vezes não quer, outras vezes não tem tempo e nem sequer dinheiro para tal, sendo extremamente puxado pra quem trabalha, que em que conciliar faculdade com estudos, trabalho e ainda “batalha”.
24	Discordo. Moradias particulares deveriam ser administradas pela Universidade e moradores deviam ser selecionados por meio de critério socioeconômico.
25	Concordo que a batalha facilita o processo de conhecimento entre as pessoas que estão ali e as que estão chegando. Fica muito difícil quando não existe algo que já una essas pessoas. Isso não quer dizer que concorde com as coisas que acontecem nas batalhas de algumas casas.
27	Sim, pois morando em república, aprendemos a saber lidar com diversas pessoas e diversas responsabilidades e é durante esse processo que aprendemos a lidar com essas responsabilidades e a conciliar ufop e casa, já a escolha é um direito da auto gestão exatamente pelo mesmo motivo da batalha, a chance de conviver com alguém que não saiba cumprir suas tarefas e obrigações, faz com que não haja a boa convivência, sendo esse

	o ponto mais importante das republicas (pelo menos a minha).
28	São imprescindíveis para ter um bom relacionamento com as pessoas que moro.
29	Eu concordo devido ao fato de que quando você está disposta a viver com uma pessoa pelo menos 4 anos da sua vida, você precisa conhecer a pessoa, se adaptar com a pessoa para que o seu ciclo seja um lugar agradável onde você vai se sentir em casa e acolhida, porque isso é realmente uma família.
30	O processo de batalha tem como objetivo único ensinar ao "bixo" uma ideologia, muitas vezes passada de forma agressiva e forçada, utilizando-se de pressões principalmente psicológicas. Se a pessoa é diferente e/ou não aceita aquilo que lhe é imposto, ela é excluída daquele cenário. Há pouco, ou mesmo nenhum, espaço para vivências diversas.
31	a batalha serve para que as pessoas se conheçam melhor antes de pegar responsabilidades maiores com a casa, como por exemplo questões financeiras, administrativas.
32	Os pré requisitos deveriam ser escolhidos pela universidade, utilizando sobretudo critérios raciais e socioeconômicos por exemplo. Hipótese alguma os moradores deveriam ser responsáveis por escolher quem mora ou não, ainda mais submetendo as pessoas as humilhações que ocorrem nas batalhas.
33	É seletista e abusivo.
34	Se a moradia é da universidade, é uma política de assistência estudantil, deveria ser socioeconômica.
37	Primeiramente, o termo é "período de adaptação". Não "batalha". Morar com alguém é priorizar uma boa convivência e funcionamento da casa. Sendo as repúblicas grandes e antigas, elas demandam muito trabalho de autocuidado e gestão. É preciso verificar se as candidatas estão dispostas a manter a casa em perfeitas condições como encontraram e as burocracias para com a universidade e o MP. Sem falar para averiguar se há uma boa convivência entre todas as pessoas que ali residem.
38	Concordo em parte. Acho que deve haver a batalha e as escolhas para dar continuidade a tradição, mas que não seja exagerado. Se passar dos limites já não acho legal mais.
39	muitas vezes são processos abusivos
40	Opressão e alienação cultural, comportamental, psicológica, social, etc.
41	Esse sistema é excludente e ridículo, ninguém deveria passar por nenhum deles, ainda mais tendo acabado de sair da zona de conforto, que geralmente acontece com caloures recém chegades
42	Acredito que para morar em comunidade é necessário termos responsabilidade, empatia e outras características para que a convivência seja boa. Uma pessoa que se mostra irresponsável e que não consegue ver o lado do outro dificulta a convivência. Assim, a batalha é importante para poder conhecer melhor quem vamos morar.
43	Estamos em Ouro Preto pela UFOP, não para servir repúblicas.
44	É absurdo os processos de violência que se estabelece dentro desses espaços. Não devia ser permitido de forma alguma, pessoas adoecem gravemente e tem suas vidas prejudicadas devido a essa tradição.
45	Não concordo pois esse sistema perpetua violências contra grupos



	minoritários, onde só pode ter moradia que supostamente preenche um requisito.
46	Um sistema falho e indigno.
47	Apesar de pouco se falar repúblicas federais possuem trote sim o "vento" se o "bixo" descumprir ordem os moradores fazem vento, e dão bebida alcoólica também mas é até a pessoa "cair" Batalha: Distribuição de tarefa injusta e que sobrecarrega, além de fazer decorar apelido de ex morador.
48	É muita humilhação.
49	Eu acho arcaico e incabível a pessoa ter de se provar merecedor, se submetendo a situações muitas vezes constrangedoras e que interferem diretamente no seu desempenho na universidade apenas pra ser aceito em um local que na maioria das vezes ela paga pra residir.
50	Não para repúblicas federais, pois a residência é propriedade de todos os estudantes, logo todos que necessitam deveriam ter acesso garantido.
51	Porque isso gera um pouco de preconceito. Os direitos deveriam ser iguais e ter a universidade a principal escolhedora, afinal as universidades federais são custeadas com o dinheiro dos nossos impostos. Entao nada mais justo, se o aluno e os pais pagam impostos, nada mais justo de terem direito no que é dele.
52	Não concordo com a batalha com diferenciação de tarefas. Boa parte dessas são abusivas e já ouvi relatos de pessoas que tomaram penalidades desproporcionais ao ato.
53	A maioria das repúblicas exageram na batalha para ser escolhido.
54	Prédio públicos não devem ser administrados por entidades particulares. Por mais que as repúblicas federais se identifiquem como órgãos federais as suas políticas são de ordem particular, isto é, quem reside lá que escolhe a maneira como as coisas acontecem.
56	Acho extremamente problemática a forma como os "bixos" são diminuídos nessa hierarquia que se forma dentro dessas repúblicas. Como se todos não estivessem no mesmo barco e/ou pagassem as mesmas quantias que os outros moradores. Creio que esses calouros deveriam ser acolhidos de uma forma mais atenciosa, uma vez que eles estão acabando de entrar num mundo completamente novo, tanto no quesito faculdade quanto na própria república. Uma nova cidade, uma nova casa, novas pessoas... Esse momento de ingressar numa faculdade acarreta tantas questões emocionais em nossas vidas, principalmente na vida daquelas pessoas que acabaram de sair do ensino médio. Apesar de ser uma conquista essa entrada na universidade, os primeiros períodos são sempre muito conturbados e é quando precisamos de mais acolhimento e não de pessoas esfregando em nossas caras como somos inferiores a eles e fazendo a gente passar por situações desagradáveis, como geralmente acontece nas batalhas.
57	Por na maioria das vezes, humilhar os calouros.
58	Me incomoda a hierarquia envolvida que demanda certa obrigatoriedade no cumprimento, envolvendo atividades que beiram a exploração, como reformas na casa, enquanto decanos e ex-moradores usufruem de melhores condições. A ida à faculdade deve ser um momento de autoconhecimento e amadurecimento, em um ambiente saudável, não uma responsabilidade com obrigações com as quais o/a sujeito/a não teve voz

	para escolher ou argumentar contra.
60	Para minha concepção é irrelevante essas questões genéricas de repúblicas, hierarquias e tudo mais. Mas concordo que seja uma tradição de décadas, porém precisam ser repensadas algumas atitudes.
61	Discordo porque a pessoa só quer ter um lugar para morar e estudar em paz. A situação já é péssima por estar longe da família e de sua cidade natal. Não há necessidade de piorar a situação obrigando alguém a passar por tais coisas.
62	Não concordo com a hierarquia estabelecida em que o candidato precisa se submeter a contextos de humilhação, trabalho forçado e cerceamento de direitos. Não é um processo saudável e justamente por isso tem o nome de "batalha". A tradição não pode estar acima do bem estar individual e da convivência respeitosa.
64	Concordo com certo tipo de batalha pelo fato das pessoas que chegam nas repúblicas para morar com mais de 10 pessoas, as vezes não estarem preparadas, tanto em questão de convivência e organização do ambiente, por isso acho importante este processo de adaptação.
65	eu concordo porque na minha republica vemos a batalha como um periodo de adaptação, tanto da pessoa recém-chegada com as que já moram aqui, quanto nós com ela. Quanto a escolha, esse é um dos momentos de maior alegria pra nós republicanos porque vemos que a casa nos acolheu do mesmo modo que nos acolhemos a ela.
66	Se o interesse da república é continuar existindo por muitos anos, é necessário ter um crivo mínimo na escolha.
67	Esse ato é desrespeitoso e irá deixar marcas no inconsciente, bem como na consciência do sujeito que passa por isso. Tornando-o submetido a um sistema opressor em sua maioria.
68	Não concordo com a forma como a "seleção" é feita pois penso eu que perpetua algo que infelizmente pode atrapalhar a convivência, desenvolvimento e confiança das pessoas.
70	Sistema completamente tóxico e injusto.
71	Isso mantém unidade e o perfil de cada casa.
72	A batalha é o período de teste da pessoa, muita gente sai da casa dos pais sem nunca ter torcido um pano, quando chega em uma república as tarefas da batalha principalmente as ligadas a limpeza e organização são para verificar se a pessoa está disposta a realizar tais, serve para q a pessoa entenda que aquilo ali é a casa dela. Sou contra batalhas que incluem coisas como ir em festas, trabalhar em Carnaval e trotes.
74	Em partes é necessário para que possa escolher pessoas que possa estabelecer um nível saudável de convivência, em partes discordo de forma que algumas casas que implementam, fazendo que a intenção não seja uma convivência saudável, os estudos na UFOP e responsabilidades com a própria vida para assim desempenhar bom papel e compromisso com/para os outros moradores.
77	acredito que o sistema de auto gestão carrega muita tradição, e é o que faz a casa continuar existindo. Não sou a favor de trotes,mas considero o processo de batalha importante,e escolha é um ritual muito afetivo pra quem participa.
78	Não acho justo, visto que a escolha não leva em consideração a situação

	econômica do estudante.
79	Considerando a minha experiência: não tive batalha, desde quando entrei na casa sempre fui tratada de igual pra igual, e isso acontecia com todas as moradoras. Mas ainda sim tive a escolha, que foi como um acolhimento oficial. Porém não é possível desconsiderar todo o sistema negativo que existe em OP.
80	Para que a pessoa possa colaborar com o todo e fazer parte da casa.
82	Fogem do real objetivo. É explicado no início que a batalha é de uma forma sobre os deveres e obrigações domésticas para conviver em tranquilidade já que são muitos moradores, e na prática é mostrado exigências exageradas para se enquadrar em um social e outras pressões.
83	Não acho que este processo, como é feito, seja adequado. É claro que o futuro morador deve ter algo em comum com os moradores e a república, mas isso não significa ter que se distanciar de si mesmo para se encaixar num grupo ou à tradições.
84	Acho que viola a intimidade do indivíduo.
85	Acho que as vezes é meio pesado ,visto que o estudante tem que se dedicar muito e as vezes largar mão da universidade.
86	Eu discordo pois as batalhas são as vezes, desumanas e simplesmente para provar que a pessoa é digna de residir ali. Ridículo.
87	Apesar de a batalha preparar para tarefas comuns do cotidiano da casa, algumas repúblicas exageram na forma que é aplicada ou feita.
88	Concordo, porém, acredito que estes processos devem ser feitos de maneira sutil, evidenciando uma boa convivência e cuidado com o lar. Afinal, percebo que muitos lugares acabam prejudicando os indivíduos em matéria de tempo e saúde mental o que é inaceitável no período de adaptação a uma nova realidade. Considero muito importante ter a batalha e a escolha, até por uma questão de valorização e sentimento de pertencimento, mas ressalvo a importância destas serem realizadas de maneira consciente.
89	Ninguém deveria ter que se provar apto para morar em uma moradia estudantil. Obviamente criterios como afinidade/colaboração etc. devem ser levados em consideração em qualquer moradia, estudatil ou nao, mas o diálogo entre os moradores e a possibilidade da pessoa escolher continuar naquele lugar deveriam ser respeitados.
91	Algumas vezes os bixos são sujeitos a coisas absurdas e humilhantes.
93	Acho um ótimo método para ajudar na adaptação à nova moradia.
94	Acredito que muitas vezes ele é pouco eficiente e acaba por ser degradante e extenuante em alguns casos .
96	Acredito que as batalhas intensificam as competições entre estudantes, ampliam sentimentos de insegurança, intervém nos estudos e podem gerar muito atrito desnecessário. Muitas vezes durante as "batalhas" as chamadas "reuniões de feedback" são usadas para humilhar as pessoas, criar problemas que não deveriam existir e reforçar uma ideia de hierarquia, que já é bastante ultrapassada.
97	As batalhas e escolhas não funcionam como o período introdutório/adaptativo que os defensores delas alegam. Elas servem a dois propósitos. Primeiro, sustentar a organização das casas dentro do sistema hierárquico, transferindo tarefas mais árduas para os calouros

	executarem durante o período de provação, ciclicamente. Segundo, eliminar possíveis dissidentes do sistema hierárquico e pessoas com necessidades especiais ou algum tipo de desvio da jorma heterocisnormativa neurotípica caucasiana.
98	Acredito que um período de adaptação às responsabilidades do ambiente é necessário, especialmente porque cada indivíduo vem de uma realidade prévia distinta, que não necessariamente o permitiria conviver bem naquela coletividade. Entretanto, acho deploráveis atitudes como exigir um horário para a pessoa acordar, obrigar a deixar o café dos decanos/demais moradores pronto logo cedo, ter que passear com os cachorros 3x/dia, dentre outros “compromissos” que não fazem parte de uma rotina doméstica comum, que não ensinam absolutamente nada e só buscam reforçar uma subserviência, um valor cultural que remonta ao passado escravagista brasileiro, em que há alguém que precisa ser “servido” e outro que deve “servir”.
99	não concordo com isso, sobrecarrega mais o estudante
100	Concordo com a hierarquia porque ela mantém o sistema republicano e está ligada a experiência dos mais velhos na cidade de Ouro Preto e no ambiente da casa. A batalha justa é um processo de crescimento que se concretiza na escolha.

<b>Entrevistado</b>	<b>Pergunta: Se sim, poderia dizer o porquê? (Importância da hierarquia)</b>
01	Ter alguém que "cuide" de todo mundo é extremamente importante, principalmente se esse vai apenas, além de cuidar da casa, apenas ajudar os novos estudantes que estão ingressando na faculdade, que ótimo. Porém, se a este for incumbida a função de julgador acima da de conselheiro, não só temos um novo graduando recluso, como também um semi-graduado culpado por ter que reproduzir essas "tradições", situação que eu vi acontecer em uma das repúblicas que morei.
02	Penso que a palavra 'hierarquia' para designar uma convivência quase familiar muito forte, mas entendo que esse é o termo pelo qual comumente é chamado. Acredito que, em toda organização, empresa, entidade e/ou a fim é necessário ter alguma forma pré estabelecida para que os relacionamentos humanos possam fluir. E a forma pela qual a grande maioria faz é estabelecer a hierarquia entre cargos, pessoas e funções. Se pensarmos que as repúblicas precisam ser registradas para ser considerada como tal, e possuem CNPJ, essa lógica faz bastante sentido. Concluindo, não acredito que o problema seja haver a hierarquia e sim a forma como as pessoas a usam, inferiorizando os demais. É possível sim, haver uma ordem e todos serem tratados de forma horizontal, pois o respeito deve ser sempre a base de todas relações humanas.
09	Porque quem chega não sabe como é a organização é as diretrizes da moradia.
12	A hierarquia só é importante quando usa desse modelo para instruir os mais novos.
13	Manter a organização.
17	Para manter um uma ordem de passagem para os serviços da casa, desde que cada posição na hierarquia tenha sua propria função, assim com o passar do tempo, um morador passará por todas as funções da casa e

	aprendera a lidar com todos os problemas do dia a dia
22	Por que a partir do momento que existe uma hierarquia, existe um opressor e um oprimido, e em muitas das vezes nas reps isso acontece, assim como quando se é bixo, que você praticamente é oprimido o tempo todo, enquanto quando escolhido nada acaba, você continua sendo oprimido para que vire opressor com quem está abaixo, de maneira completamente agressiva em muito dos casos.
24	As hierarquias revelam um viés tradicional que é desnecessário se tratando de moradias estudantis. Os estudantes estabelecem relações de poder de acordo com título que vai recebendo com o tempo, o que gera um certo sadismo, a meu ver. Eles anseiam pelo momento em que vão poder tratar quem está abaixo na hierarquia como foram tratados. Um ambiente como esse não faz nenhum sentido pra mim.
25	Quem está ali já sabe como as coisas funcionam e tem mais tempo que está se esforçando para melhorar. A hierarquia ajuda nesse sentido de ouvir o mais velho. Desde que as decisões cabíveis à casa sejam tomadas de forma democrática.
27	vejo a hierarquia como somente um nome, não algo fielmente hierárquico, pois se torna mais uma forma de repassar conhecimentos de alguém que esta na casa a mais tempo, para alguém que chegou depois, claro que existem certos "benefícios" mas exatamente pela pessoa já ter agregado a mais tempo na construção e cuidado com a casa.
28	Porque deixa uma organização clara e coerente.
29	Porque as pessoas mais velhas de hierarquia, por já viverem a mais tempo na república acaba sabendo mais coisas do que as pessoas mais novas, eu digo em questão por exemplo das prestação de contas para a UFOP, realização de PDI entre outras... E ai as pessoas que estão entrando agora vão aprendendo com o tempo como fazer as demandas da Universidade para quando tiverem mais velhas passarem para os mais novos.. É como se fosse em casa mesmo, onde tem a mãe que possui uma hierarquia maior que as do filhos, onde vai ensinando como viver e como fazer as coisas..
31	a hierarquia nada mais é para manter a organizacao da casa e das responsabilidades, quanto mais velho as responsabilidades sao mais serias e demandam maior foco e amadurecimento, isso nao é e nem pode ser algo para atrapalhar a convivencia e amizade dos moradores e calouros da casa.
37	Sim, apenas para fins organizacionais. Por exemplo: quando se chega em uma república federal... a mesma já está 100% mobiliada. Cabendo ao estudante apenas trazer coisas pessoais como roupas, etc. Esses móveis (guarda-roupas, colchoes, escrivatinhas, camas) não são padronizados, portanto, há diferenças de idade, conseqüentemente, de conservação. Nesse caso, a hierarquia serve para que não haja brigas pelos móveis, de modo que eles sejam escolhidos primeiramente pela pessoa mais velha da casa e assim por diante.
38	não concordo
42	Para uma melhor organização. Lembrando que ela jamais deve ser utilizada para passar por cima de alguém, quaisquer seja essa pessoa.
51	Hierarquia existe em qualquer ambiente, e quem as respeita, sera sempre

	um bom profissional.
52	As vezes a experiência de quem está há mais tempo em ouro preto é relevante na tomada das decisões referentes a casa. É importante também na organização do coletivo, distribuição de funções relativas a casa e administração de contas. Porém é necessário rever o cuidado ao eleger decanos abusivos e ter uma consciência na hora de distribuir IGUALMENTE entre TODOS as tarefas.
57	Para organização do sistema.
62	A hierarquia saudável é válida! No sentido em que os moradores mais antigos repassam informações, costumes e tradição aos recém chegados. A hierarquia vivida nas republicas atualmente está mais para monarquia, um manda e o outro obedece independente das circunstâncias! Mas se pudesse ser modificada, considero que sim, a hierarquia é importante.
63	Desde que mantida de forma saudável, acredito que auxilia na organização da casa.
65	Para organização e aprendizado de tarefas
68	Creio que a hierarquia é bom para passar o sentido de ordem e respeito mas da forma que é aplicada foge do bom senso.
71	Acredito que a hierarquia gera organização e aprendizado, especialmente sobre relações entre pessoas diferentes provenientes de distintos contextos
72	Pessoas jovens tendem a criar muita intriga por nada.
73	as batalhas geralmente são muito abusivas
74	para distribuir melhor as funções e responsabilidades, no entanto, é necessário ter ciência de que é só por questão de organização, não submissão, pois ao meu ver funciona melhor uma republica que trata democraticamente suas questões.
77	Hierarquia em república tem que ser para organizar a casa, já que é auto gestão a república precisa ter um modelo de organização que faça a casa prosperar. o uso da hierarquia deve ser para organizar a casa, dividir tarefas...
78	Acredito que a hierarquia é importante no sentido de que pessoas mais experientes, devem ter mais responsabilidades, com o dinheiro por exemplo. Mas não como regra e, hierarquias em repúblicas, geralmente, são usadas na batalha, o que não concordo.
79	Sim. No sentido burocrático é importante, gerir uma casa não é uma tarefa fácil, envolve muitas questões que muitos chegam em OP não sabendo lidar, eu cheguei na cidade com 17 anos, não tinha idade sequer pra assinar um contrato ou algo assim. A hierarquia deveria funcionar como uma orientação do mais velho com o mais novo, desde coisas mais complicadas de aluguel ou até mesmo fazer uma lista de compras (parece óbvio, mas na realidade não é tão simples assim). Mas não deveria ser usada no sentido de ordem e decisão de voto, onde um fosse mais importante que outro morador da casa.
80	Por organização e experiência.
82	Acho que depende, se tiver um responsável que contribuí e ajuda no controle da moradia acho necessário, como é feito nós alojamentos. Agora acredito que nas repúblicas foge um pouco.
83	Parcialmente sim. Sem hierarquia, haveria uma certa desordem. Porém, a maneira como a hierarquia é tratada nas repúblicas se distancia de um



	modelo saudável e justo. É claro que isso não se aplica a todas.
87	Flui melhor as divisões e organização de tarefas da casa.
88	Para mim, tudo que não tem regra, não tem ordem, não funciona. É necessário ter uma pessoa a frente de uma casa para se responsabilizar pelo que ocorre, fazer a gestão e solucionar possíveis conflitos.
89	Dividi casa por alguns anos com conhecidos e nunca precisamos que alguém exercesse um papel de hierarquia sobre os outros.
93	Muitas vezes as pessoas mais alto nível dessa hierarquia tendem a ser abusivas.
97	São uma adaptação corporativista de administração de empresas aplicadas principalmente nas repúblicas em cujo o fluxo financeiro exige tal organização. Nas demais, serve como uma forma psicosssexualizada de dominação proto-familiar, destinada a reproduzir abusos de poder e traumas enraizados nas famílias tradicionais das quais vêm a grande maioria dos alunos que se dispõem a isso. Há uma certa dimensão fetichista no controle exercido dentro dos limites interiores da república e concomitante ou independentemente a isso, o contato entre as hierarquias dispostas nas repúblicas femininas e masculinas servem como base estruturante da cultura de estupro em Ouro Preto, principalmente, e Mariana.
98	Acho que a hierarquia dentro das repúblicas muitas vezes serve para reforçar um espaço de violência e humilhações. Ao invés de utilizarem a hierarquia de modo a ensinarem os mais novos sobre como lidar com atividades domésticas e as contas da casa, transmitindo conhecimento, usam deste artifício para humilhar e tratar de maneira inferiorizada. Dessa maneira, se não for para agregar ao coletivo, sinto que se torna descartável esse modo de comportamento e organização.
100	Mantém a ordem, porém, acho que a hierarquia existe para esse fim exclusivo e não para abuso de poder e autoritarismo.

<b>Entrevistado</b>	<b>Pergunta:</b> Caso sintasse confortável, poderia relatar o que houve? (Violência)
01	Não se aplica. Sempre fui muito bem tratado em todas as que passei, mas nunca durei em nenhuma, por perceber algumas dessas reproduções tradicionais. Um exemplo de trote benéfico que eu vi foi justamente em uma das repúblicas que eu morei, chamada Engenho, à qual não seguia mais essas "tradições" a alguns anos. O trote consistia em "quem deixasse louça suja na pia lavava as dos demais que usassem a pia depois dele também", pois todos deixavam as suas próprias louças para o que não lavasse a própria louça. É algo que ensina, caso aconteça, sem atrapalhar o desenvolvimento do estudante, e de uma forma não só engraçada, como também didática, ensinando na prática que ninguém vai lavar a louça dele, pois esse é o mínimo que ele pode fazer morando junto com outras pessoas, e sem empregados. Lá eu também não vi nenhum dos famosos ritos de "passagem de fase" dentro da casa, ou pelo menos não tão vexaminosos, como já vi e ouvi relatos de outros casos.
06	Humilhações e violência psicológica constantemente.
12	Prefiro não comentar.

16	Como morador de OP, algumas Republicas já se mostraram violentas, relatos de abusos presenciados com os estudantes são diversos, esses casos são antigos, desde que a UFOP implemento os alojamentos as ações dos "republicanos" mudou. Fora que a expressão "nativo" é cheia de preconceitos no meio ufopiano.
21	Morei 1 mês em uma república particular em Mariana. Nesta casa tive meus pertences estragados por uma cachorra, cuja permanência no meu quarto eu não havia autorizado, entretanto pela minha condição de novata na casa meu desejo não foi respeitado e a cachorra circulava livremente no meu quarto, quando eu não estava em casa. Questionei minhas "colegas" de casa sobre isso, e ouvi que eu não tinha direito a nada, nem mesmo reclamar dessa situação, já que a cachorra pertencia à decana da casa. Depois de ouvir isso, decidi sair de lá, fiquei por um mês, pra nunca mais.
22	Assédio físico e psicológico.
24	Me senti desconfortável em repúblicas masculinas quando estava junto com minha namorada. Recebemos olhares intimidadores durante uma festa.
30	Houve uma Assembléia Geral na república cuja a pauta única era a "Aceitação de Homossexuais como Moradores" que foi convocada por ex-alunos por não aceitarem a minha presença na casa. E apesar de a maioria ter votado a favor de minha presença, as violências depois continuaram por parte de ex-alunos extremamente LGBTQIA+fóbicos, violências as quais ninguém questionou e pela minha saúde mental tive que me retirar da república.
32	Racismo em repúblicas particulares por moradores e ex-moradores.
43	Ordens descabidas de veteranas.
44	Tive que largar a faculdade devido a doença que desenvolvi pelas violências que sofri diariamente (caso tenha fase de entrevista me coloco disponível para relatar detalhadamente todas elas).
46	Assédio sexual e violência sexual.
49	No meu primeiro dia em ouro preto, eu fui em uma festa em uma república federal do campus e eles colocaram alguma substância na bebida sem o conhecimento dos convidados e eu fui drogada. Como eu senti que tinha algo estranho eu fui embora antes que algo pior acontecesse, mas eu cheguei em casa praticamente dormindo e apaguei, no outro dia eu nao me lembrava de quase nada.
51	Fui bicho de republica a muitos anos atras e levei trote enquanto calouro.
57	Violência sexual.
67	Tive 2 amigas que sofrerem situações desumanas.
74	se tratando de violência psicológica, é de praxe usar da justificativa da hierarquia e das tradições republicanas para que se achem no direito de ter autoridade e competência suficiente para julgar, coagir e excluir pessoas, por meio de palavras junto a atitudes.
80	Já fui enforcada após recusar um beijo.
86	Me senti pressionada a beber, e gastar dinheiro com a república.

<b>Entrevistado</b>	<b>Pergunta:</b> Este campo está disponível caso sinta-se confortável em relatar algum episódio ou vivência.
---------------------	--



01	O racismo é velado. É no olhar. Quem já sentiu ele na pele, pelo menos uma vez na vida, sabe como é um olhar racista. Não precisa de palavra nenhuma.
03	Já ouvi casos de pessoas próximas em período de batalha ou rock.
04	Um amigo muito próximo sofreu muito por ser Lgbt dentro de uma república que se dizia "mente aberta". E uma amiga sofreu abuso sexual na mesma república, e o caso foi abafado. Desde então não frequento mais esse tipo de ambiente.
16	Os diversos caso relatados dos moradores de OP sobre as violências vistas dentro e fora da republicas são muitos e variados, porem deve se ressaltar que esses casos são antigos, mostrando alteração nas "tradições republicanas" ao longo do tempo, sendo a mais impactante com a implementação dos alojamentos que forçou alteração no processo de seleção dos ingressos nas republicas federais. Fora os dois pesos e medidas no processo de seleção das moradias estudantis de Mariana e de Ouro Preto.
17	Em algumas republicas há uma raiz muito conservadora, que se apresenta frequentemente como machismo e LGBTQIA+fobia.
22	Muitas vezes ocorreu, como quando depois de dizer muitos “não” para um tal ex aluno de uma X república, ele me segurou pelo braço e me puxou pra cima dele e ninguém sequer fez nada, nem mesmo depois de eu relatar que tive que me tirar dessa sozinha, e outra vez que, estava bebendo e decidi dormir no quarto da república de uma pessoa X que eu ficava, e quando acordei tinha outro cara no quarto muito bebado que queria deitar na cama comigo e tirou o pinto pra fora e começou a mijar em tudo, ninguém deu bola pra nada do que eu disse como todas as outras quinhentas vezes
29	Já sofri homofobia de uma casa masculina... mas não pela república e sim por um morador da república, o que não quer dizer que todos são homofóbicos. Onde relatou que eu só sou lésbica porque nunca transei com homem.
30	Ex-alunos que se recusaram a me dirigir a palavra por ser LGBTQIA+; trote que foi aplicado apenas no meu quarto porque eu era LGBTQIA+... Fora as inúmeras violências sutis enfrentadas no dia-a-dia.
39	Estava em uma república federal com algumas amigas mulheres durante a festa do 12 de outubro, um morador da república passou servindo cerveja para todas as mulheres e não me serviu.
44	A minha última semana em Ouro Preto se resumiu a eu ir para o hospital, descobri que minha imunidade estava tão baixa devido a todo o estresse que peguei uma infecção grave que estava se alastrando pelo meu sistema respiratório. Lembro de sentar na porta do hospital e ter um ataque de pânico. Depois disso fui embora e até hoje estou em tratamento para me recuperar das sequelas desse tempo de república.
51	Não tivemos este problema, porque respeito é a base de tudo.
52	Tanto eu como outras integrantes da República que morei já sofremos algum caso de assédio em repúblicas masculinas. Tivemos sempre que ter cuidado ao participar de festas e precisamos sempre manter a união para nos proteger em alguns casos. Nunca deixamos ninguém sozinha em repúblicas não conhecidas e ficamos de olho em casos e relatos de outras

	mulheres.
67	Frequentei muito pouco esses espaços, pois ao perceber como eles funcionam, passei a recusar a ida nesses espaços.
72	Eu nunca passei, mas já vi certas repúblicas cometerem esses preconceitos.
83	Existe LGBTQIA+ fobia por parte de algumas repúblicas, já presenciei. Há também bullying em uma escala exagerada para com os "bichos".
87	Mas já presenciei comentários LGBTQIA+fobia.
88	Tive que "catar" a república que ingressei assim que entrei na UFOP, pois, as moradoras decidiram fechar a república, não comunicaram para os bixos, nos deixando pagar por meses o valor integral da caixinha. Atualmente, estou em outra república particular, onde não encontro nenhum problema em relação a batalha, convivência ou hierarquia.
96	Já sofri "slut-shaming" em uma das repúblicas particulares onde batalhei, e também já sofri assédio em uma república particular.
98	Não posso deixar de mencionar que em diversos momentos o sistema republicano me acolheu, mesmo nunca tendo pertencido a ele. Apesar de nunca ter morado em uma república, tenho amigos em algumas delas e sou extremamente bem recebido, seja para encontros/comemorações até para pedir ajuda quando em uma situação de adoecimento/problemas domésticos (ex: poder usar a internet quando a da minha casa dá problema). Para muitas pessoas, viver em coletividade é essencial e nesse sentido o sistema republicano cumpre muito bem o papel. Vejo moradores de repúblicas que conseguem criar laços fortes, semelhantes aos observados entre irmãos, nesse ambiente. Já outros desenvolvem a noção de responsabilidade, organização, tão importantes para a vida adulta. Apesar dos pontos positivos, há questões que precisam ser aprimoradas e/ou visibilizadas. Abordar fatos como racismo, classismo, LGBTQIA+fobia, estupros, abuso de vulnerável, violência psicológica, dentre outros não tem o intuito de acabar com uma história (como vários insistem em dizer quando as feridas do sistema republicano são colocadas em pauta), mas de trazer a luz do debate questões inadmissíveis/crimes que não podem ser acobertados/perpetuados. É preciso lucidez e muita coragem para impedir que este sistema pare de repetir bases sociais tão ultrapassadas e danosas que representaram a sociedade brasileira por séculos. O sistema republicano precisa encarar o século XXI e deixar o seu colonialismo de lado.